NECESSIDADES E ASPIRAÇÕES DOS TRABALHADORES RIBATEJANOS (EM MESA REDONDA)

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 942 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

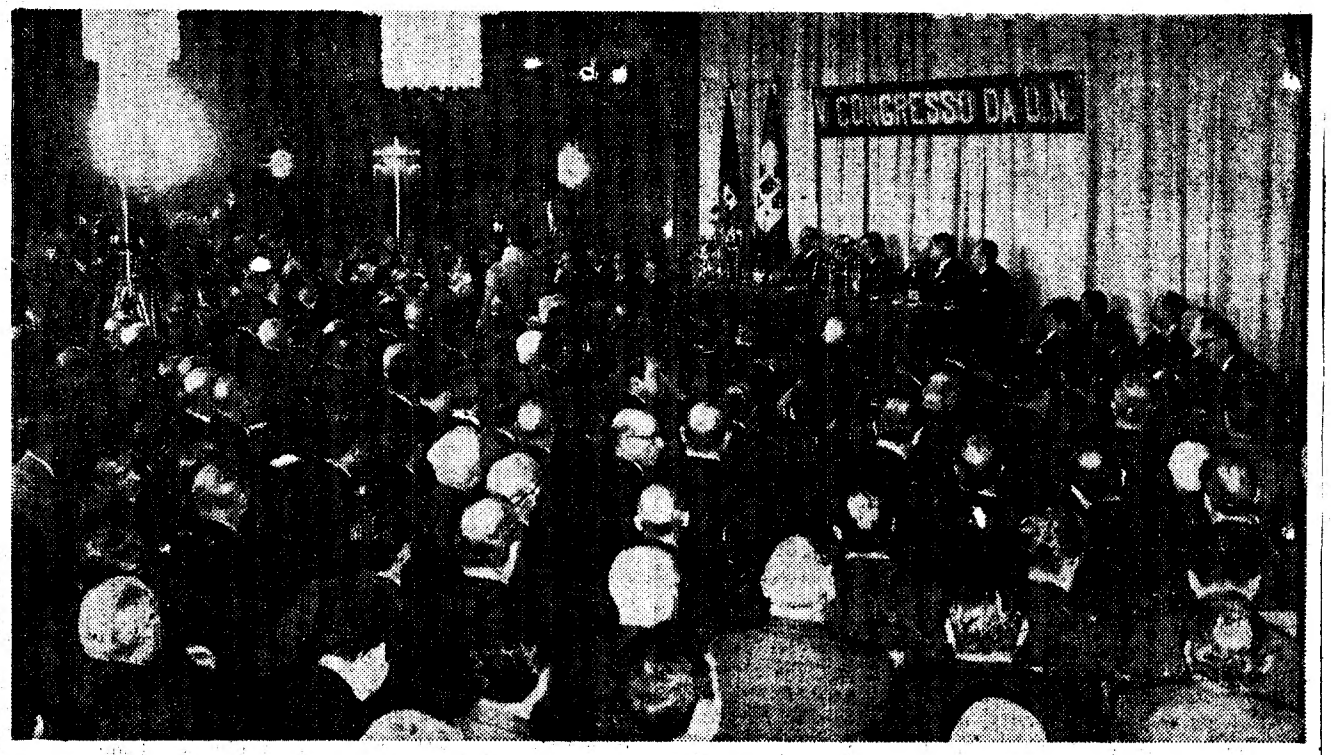
A UNIÃO NACIONAL REUNIDA NO ESTORIL

UMA SOCIEDADE MENOS DIVIDA

por desigualdades afrontosas e injustiças

DESEJO EXPRESSO PELO CONSELHEIRO ALBINO DOS REIS NO DISCURSO INAUGURAL DO CONGRESSO DA U. N.

Com cerca de 500 participantes, efectuou-se esta manhã, na sala principal do Hotel Estoril Sol, a sessão inaugural do V Congresso da União Nacional, que decorreu sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis. Na mesa, além dos ministros do Interior e do Ultramar, viam-se o prof. Bissaia Barreto e o dr. Cerqueira Lopes, da comissão central da U. N.; e o dr. Melo e Castro, da comissão executiva daquele organismo político. Continua na 14.ª página



Um aspecto da assistência á sessão inaugural do V Congresso da União Nacional, enquanto o prof. Afonso Queiró fia a sua análise do pensamento político do antigo Presidente do Conselho

«DESAFIO DE SOBREVIVÊNCIA COMO POVO EUROPEU»

A capacidade de produzir em condições de exportar

considerada essencial pelo secretário do Comércio

PORTO, 20 — O secretário de Estado do Comércio, dr. Xavier Pintado, deslocou-se hoje a esta cidade para uma curta visita de trabalho. Do aeroporto de Pedras Rubras, onde chegou ao fim da manhã acompanhado pelo chefe do seu Gabinete, o dr. Xavier Pintado seguiu para o Grémio dos Exportadores do Vinho do Porto, no Palácio da Bolsa, onde presidiu a uma reunião em que foram debatidos aspectos sobre produção e comércio. Após o almoço realizou-se nova reunião de Trabalhos na sede do Instituto do Vinho do Porto.

Ao fim da tarde, o dr. Xavier Pintado presidiu, no Colégio Alemão, a uma sessão solene integrada nas comemorações do 15.º aniversário da Câmara de Comércio Luso-Alemã. Apresentado pelo vice-presidente da Câmara, sr. Hans Bärmstorf, o secretário do Comércio abordou aspectos importantes da economia portuguesa.

No seu discurso, intitulado «Para uma economia aberta ao exterior», o secretário de Estado do Comércio fez uma análise da política do Governo nos domínios da importação e da exportação, «*no quadro duma economia que gradualmente terá de abrir-se á Europa do futuro na qual queremos assumir a nossa parte*».

Comentou, depois, as negociações recentemente concluídas, no âmbito da E. F. T. A., para o estabelecimento do calendário de reduções pautais de algumas mercadorias para o período de 1970-80, e ainda no domínio da importação, e para além do âmbito da E. F. T. A. acentuou a «*preocupação de regularização de mercado e de defesa do consumidor e das indústrias utilizadoras que têm de viver em regime de concorrência ou preparar-se para ser competitivas.*»

E, a propósito, comentou: «*Pensa-se, com frequência,*

(Continua na página central)

Últimas notícias (Ler na 2.ª página)

A chegada esta manhã a Lisboa, o comandante do «Império», capitão da marinha mercante Óscar Guimarães, prestou declarações aos jornalistas (Ler na última página)

Ex-dirigente da FRELIMO expulso da Tanzânia

MOSHI (Tanzânia), 20 — (R.) — O Governo da Tanzânia expulsou do país Uriah Simango, antigo dirigente da Frente de Libertação de Moçambique, e deu-lhe 48 horas para sair, segundo revelaram ontem fontes bem informadas.

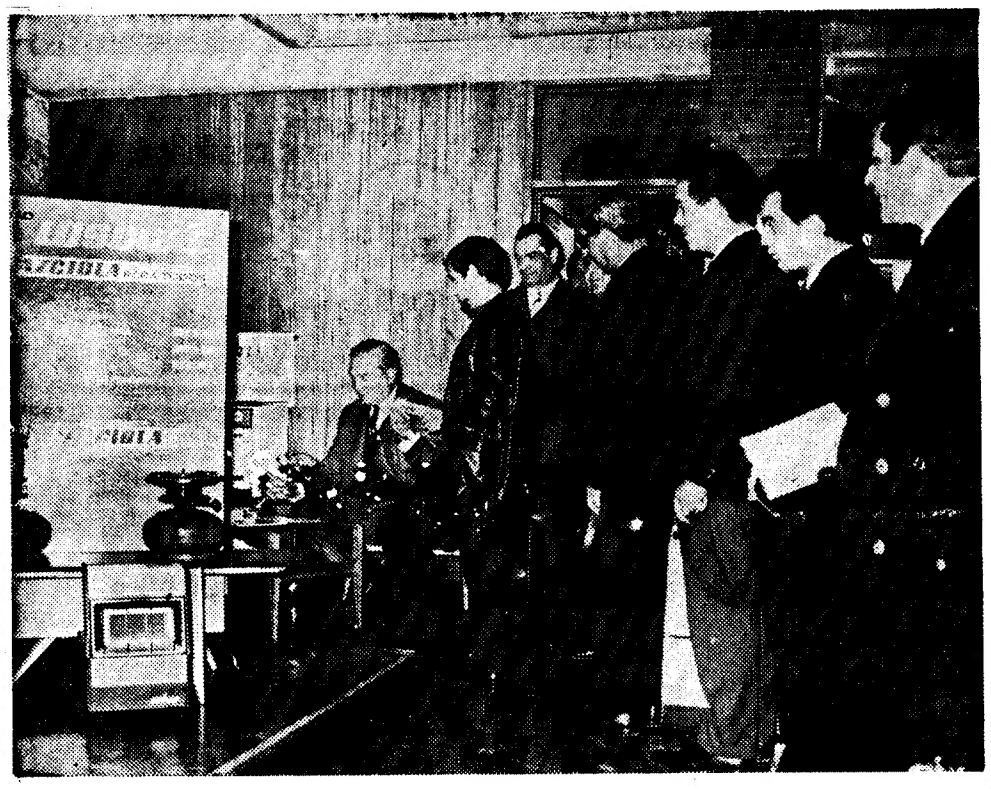
Simango tinha chegado a esta cidade no princípio da semana, para assistir a uma reunião do «comité» de libertação da Organização da Unidade Africana.

Simango tencionava apresentar o seu caso ao «comité» em virtude de ter sido suspenso das funções de dirigente da FRELIMO no fim do ano passado.

Segundo as mesmas fontes, o Governo da Tanzânia comunicou á conferência aqui reunida que as

(Continua na 11.ª página)

HOJE 36 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA



A recepção das cadernetas em Coimbra

«ÁLBUM DE LISBOA»

NA SEGUNDA-FEIRA, INÍCIO DA RECEPÇÃO DE CADERNETAS DOS CONCORRENTES DE LISBOA

DEPOIS DE ter decorrido nos «stands» Gazcidla de Lisboa, Porto e Coimbra, registando grande afluência de concorrentes, a recepção de cadernetas prossegue na próxima segunda-feira nos serviços administrativos do nosso Jornal, na Rua Castilho, 185. Ali vai proceder-se á recepção de cadernetas e consequente devolução do boletim de identificação devidamente numerado que habilitará ao sorteio de óptimos prémios, entre os quais se salientam um confortável apartamento mobilado, num dos blocos de prédios já construídos pela Realimo em Miratejo, a cidade panorama e um magnífico automóvel Toyota, modelo Corolla 1100. A recepção vai compreender-se no horário seguinte: 10 ás 12 e 15 ás 17 horas, e prolongar-se-á apenas até ao sábado seguinte. Durante seis dias, os concorrentes de Lisboa têm, assim, possibilidade de fazer, pessoalmente, a entrega para o ultimo dia, a fim de evitar aglomerações que a todos prejudicam.

A RECEPÇÃO PELO CORREIO

Continuamos, entretanto, a receber pelo correio cadernetas de todos os pontos do país. Esclarecemos, porém, que cada caderneta enviada deverá ser franqueada com 2$00, para evitar multas e consequentes demoras de resposta. Os concorrentes que pretenderem receber o boletim de identificação com o numero que os habilitará ao sorteio, devem juntar mais um selo de 1$00. Toda a correspondência relativa ao concurso deve ser dirigida aos nossos serviços administrativos: Rua Castilho, 185.

COLÓQUIOS CULTURAIS NO COLÉGIO MODERNO

Seguindo a tradição dos anos anteriores vai o Colégio Moderno realizar uma série de colóquios e conferências sobre diversos temas culturais.

A direcção daquele grande estabelecimento de ensino convidou uma série de personalidades bem conhecidas para colaborar na iniciativa. Deram já a sua adesão o dr. Luís Francisco Rebelo e os artistas Luzia Martins, Artur Ramos, Igrejas Caeiro, Costa Ferreira, Adolfo Gutkin, Paulo Rocha e Fernando Lopes.

O primeiro colóquio da série efectua-se amanhã, pelas 16 horas, e versará sobre cinema. O colóquio é orientado por Fernando Lopes. Para a próxima semana está previsto outro orientado por Paulo Rocha.

JBL LANSING
O melhor altifalante americano.
Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 88 • 97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 219 — PORTO

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

BOICOTE AFRICANO A NAVIOS COM ARMAS PARA PORTUGAL RODÉSIA E ÁFRICA DO SUL

ARGEL, 20 — (R.) — A Federação Sindical Pan Americana (AATUF) resolveu boicotar todos os navios que transportem armas e outro material de guerra para a África do Sul, Portugal e Rodésia — anunciou-se ontem em Argel.

A comissão executiva da AATUF, que tem a sua sede na capital argelina, reuniu-se a semana passada e tomou várias decisões propostas numa resolução destinada «a reforçar o apoio das massas africanas aos movimentos de libertação».

Entre essas medidas inclue-se a boicotagem em portos africanos de todos os navios que transportem material de guerra para os três países indicados

Os 19 membros da comissão dirigiram, também, um apelo aos trabalhadores dos países que apoiam os três Estados colonialistas para agirem «no sentido de porem fim ás remessas de armas e a todas as outras formas de apoio».

A comissão decidiu, igualmente, pedir a todos os Governos africanos que intensifiquem a sua assistência aos movimentos de libertação, convoquem uma conferência de solidariedade com os trabalhadores dos territórios ultramarinos portugueses e se oponham «a qualquer forma de penetração sionista em África».

A resolução manifestava o apoio da federação «á justa causa do povo da Palestina e aos seus esforços no sentido de criar um Estado democrático e progressista, onde todos os cidadãos gozem dos mesmos direitos, independentemente da sua raça ou religião.

NOVO ENCONTRO SINO-AMERICANO

VARSÓVIA, 20 — (R.) — Diplomatas americanos e chineses reuniram-se hoje na Embaixada dos Estados Unidos nesta cidade a fim de efectuarem conversações durante as quais se espera que a China responda às propostas americanas sobre a melhoria de relações entre os dois países.

Lei Yang, o encarregado de negócios chinês em Varsóvia, acompanhado por três colaboradores, chegou de automóvel à Embaixada americana onde foi recebido pelo embaixador Walter Stoessel que o acompanhou até à sala de reuniões num dos andares superiores.

Este foi o segundo encontro entre os dois diplomatas no intervalo de um mês e o 136.º encontro sino-americano desde 1955.

Helicopteros e aviões para Cabora Bassa

BEIRA (Moçambique), 20 — (L.) — Cinco helicópteros e dois aviões vão ser adquiridos pela missão do Zambeze.

Destinam-se à fiscalização da gigantesca obra de Cabora Bassa.

Auxílio às igrejas da Nigéria

GENEBRA, 20 — (F. P.) — O comité executivo do Conselho Ecuménico das Igrejas lançou ontem um apelo no sentido de reunir quatro milhões de dólares destinados a ajudar as igrejas da Nigéria na sua tarefa de socorro, de reconstrução e de reconciliação.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *O presidente da Assembleia Nacional, ao abrir a sessão, comunicou aos 110 deputados presentes que os trabalhos seriam prolongados, de acordo com os preceitos constitucionais, até 22 de Março. Como motivo desse prolongamento, a necessidade de apreciar diversas propostas de lei, bem como as Contas Gerais do Estado.*

★ Haverá tempo para ser apresentado o aviso prévio do prof. Miller Guerra, acerca da reforma da Universidade?

★ *No período antes da ordem do dia, o deputado Teófilo Lopes Frazão ocupou-se do problema da carne, afirmando em conclusão: Enquanto não estivermos devidamente aprestados e se mantiverem as amarras paralisantes, escusamos de pensar em carne nacional, escusamos de pensar em pecuária densificada, escusamos de pensar em agricultura evoluída, escusamos de pensar em economia promovida. Tudo isto está em perfeito encadeamento.»*

★ «Com ou sem Europa, mas certamente com o Ultramar, interessa-nos antes de tudo fazer uma política portuguesa» — disse o deputado e antigo ministro Teixeira Pinto ao comentar aspectos da política industrial. E acrescentou: «Gostaria que os entusiasmos intervencionistas, as furias liberais ou os deslumbramentos europeus encontrassem base no estudo claro, ponderado, das nossas alternativas económicas e partissem dos factos essenciais da nossa escolha política».

★ *O orador, sobre a vida portuguesa, mostrou-se preocupado: Quis o sr. presidente do Conselho dar uma directiva com a renovação na continuidade. Não podia deixar de aplaudir esta orientação e a prova mais acabada encontrou-se no facto de aceder á candidatura como deputado pela União Nacional. Querem transformar a renovação em demagogia nas palavras e anarquia nos factores. Pretendem outros manter a continuidade no imobilismo. Difícil tarefa de equilíbrio entre dois extremos, mas não devemos esquecer que não podemos perder na realidade a batalha que ganhámos nas urnas. É por isso, que apelo para o sr. presidente do Conselho para que em breve possa esclarecer espíritos, que não o meu, e permita a todos continuar a optar pela esclarecida renovação na continuidade».*

★ Por outro lado e ainda sobre política industrial, disse o deputado Almeida Garrett: Ainda há poucas semanas, teve esta Camara ensejo de se solidarizar com as preocupações e propósitos do Governo sobre o fortalecimento da posição concorrencial da nossa economia, ao aprovar, na Lei de Meios, o programa apresentado pelo ministro responsável pela política económica portuguesa. Tanto nos deve bastar para darmos agora o nosso aplauso ás palavras corajosas do sr. secretário de Estado da Industria sobre a activação urgente do nosso desenvolvimento industrial em condições mundialmente competitivas, como «pivot» do desenvolvimento económico-social português. E creio bem que todos comungamos na ansiedade expressa sobre a urgência da reforma de mentalidades, alargando-a mesmo a campos não considerados directamente pelo discurso de Sua Excelência».

★ *O deputado Sá Carneiro, em reforço do que dissera em 11 de Dezembro, afirmou que, qualquer que seja o crime e a autoridade competente para o instruir, é indispensável e urgente que se assegure, nos termos legais, a assistência do advogado ou de defensor oficioso nos interrogatórios dos arguidos presos».*

★ O deputado Alberto Ribeiro de Meirelles solicitou do Governo a transferência da dispensa de comparência do funcionalismo publico, na saída de Quinta-Feira Santa, para a saída do dia imediato e a ampliação dessa regalia também á manhã de sábado

★ *Ainda dentro do período antes da ordem do dia, o deputado Silva Mendes estranhou que o Centro de Saude Mental de Portalegre, inaugurado em Maio do ano passado, continue encerrado por falta de pessoal de enfermagem. E terminou por pedir a atenção do Governo para os problemas do pessoal de enfermagem, profissão dura e flagrantemente mal remunerada».*

★ Depois de fazer várias considerações sobre as relações da organização corporativa e o movimento cooperativo o deputado Costa Ramos solicitou que seja ràpidamente publicado o diploma que institua o regime de exploração do Centro de Tratamento de Leite do Porto.

★ *Tal como sucedera ao deputado Teixeira Pinto, ao pedir ao Presidente do Conselho um aclaramento da anunciada política industrial, também o deputado Veiga de Macedo foi muito cumprimentado ao aplaudir o ultimo discurso do secretário de Estado da Industria. Este ultimo parlamentar acentuou, a certa altura: Estes propósitos, com tanta firmeza enunciados, em nome do Governo, requerem, na verdade, adequada e urgente efectivação para se liberalizar, a tempo, o nosso sistema económico, eliminando situações de privilégio ou excepção, conferindo a todos idênticas possibilidades e acelerando o progresso harmónico do espaço português».*

★ Na ordem do dia, para apreciar na generalidade a proposta de lei sobre a criação de Tribunais de Família, usou da palavra a deputada Raquel Ribeiro.

★ *Hoje não há sessão. A Camara só volta a reunir-se na terça-feira, com a mesma ordem do dia.*

O «SOCIALISMO DE MERCADO» CONDENADO POR ECONOMISTAS SOCIALISTAS

Os chamamentos á ordem que se sucedem em Moscovo e que se orientam no sentido de um reforço do predomínio do Estado sobre a vida economica foram precedidos, ao que parece, por uma preparação ideológica.

Por **JACQUELINE PORTIER**

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Na primavera de 1969 realizou-se, na Universidade de Moscovo, uma importante conferência consagrada «ás relações mercantis e monetárias no sistema da produção socialista planificada» (1). Desde há uns trinta anos que os economistas marxistas se interrogam sobre a natureza e o papel das relações mercantis e monetárias em regime socialista. Têm procurado explicar a complexidade da vida económica, em que por um lado a combinação da propriedade do Estado socialista e a planificação, e, por outro lado, categorias mercantis parecem contradizer as descrições antecipadas da sociedade socialista apresentadas por Marx e Engels.

Porque não haverá, nos países socialistas, repartição dos produtos entre as diferentes unidades de produção pela via administrativa? Porque é que os calculos de custos e de preços são feitos com auxilio de considerações monetárias? Em varios textos e, nomeadamente, na *Crítica do Programa de Gotha*, Marx indicou claramente que na sociedade socialista, mesmo nos seus começos, não haveria mais nem mercadorias, nem valor, nem moeda nem, por conseguinte, preços e salários. No entanto, no preâmbulo dos «Fundamentos da Legislação Civil da U.R.S.S.», adoptados pelo Soviete Supremo, em 1961, pode ler-se: «Quando se construir o socialismo, faz-se um pleno uso das noções de moeda e de mercadoria, em conformidade com o seu novo papel na economia socialista planificada, e os instrumentos essenciais do desenvolvimento economico, tais como a contabilidade, a moeda, o preço, o custo, o lucro, o comércio, o crédito e as finanças são utilizados. A construção do comunismo funda-se no principio do interesse material dos cidadãos, das empresas das granjas colectivas e das outras organizações.» Os economistas marxistas reconhecem pois, no interior do sector de Estado, o caracter mercantil de uma parte da produção sobre a qual a lei do valor conserva um papapel regulador importante. A formação dos preços no quadro do plano e o mecanismo pelo qual a lei do valor actua

Jakovee, director do Instituto de investigação sobre a formação dos preços junto do Gosplan e relator do estudo sobre «os problemas actuais teóricos e práticos da formação dos preços» explica por que razão os cálculos de custos e de preços devem ser feitos a partir das categorias mercantis e não directamente em função do tempo de trabalho. Enquanto se não assegurarem a avaliação exacta das necessidades e a utilização óptima das técnicas de produção, é indispensável um cálculo dos preços, mais ou menos diferente do dos valores.

Partindo da sobrevivência da produção mercantil e das categorias mercantis, em regime socialista, certos economistas foram levados a considerar a lei do valor como a lei económica fundamental do socialismo. Tal é o caso, nomeadamente, dos economistas jugoslavos e do economista checo Ota Sik (2). Este último elaborou uma teoria nova a do «socialismo de mercado», onde ele prevê uma «síntese progressiva da planificação central macro-económica com os mecanismos do mercado». A maneira dos economistas «burgueses», também os partidários do «socialismo de mercado» preconizam (como sublinha Hession, professor de economia politica na universidade de Moscovo, no seu estudo sobre «as bases metodológicas da critica da concepção do socialismo de mercado») que se escolham as regras do desenvolvimento economico em função dos interesses das empresas isoladas, cujos planos de produção seriam estabelecidos exclusivamente segundo a rentabilidade deste ou daquele produto no mercado. No sistema elaborado por Ota Sik, as empresas agem como unidades de produção independentes e as relações entre as empresas fazem-se por intermédio do mercado, que regula a actividade destas na base da livre concorrência. Isso traz os inconvenientes da economia de mercado, análogos aos que o sistema capitalista conhece: a modificação espontânea das relações entre a oferta e a procura, o aparecimento de ciclos económicos, o aumento de desemprego.

O ponto de partida da ideia do «socialismo de mercado» parece ser devido ao facto de a propriedade socialista (3) aparecer não como uma propriedade nacional, mas como a das empresas isoladas. Daí a recusa de toda a planificação a escalão central. Mas a utilização pelo Plano das prpostas das empresas, referentes ás possibilidades de desenvolvimento deste ou daquele sector não significa que o plano da economia nacional seja a soma dos planos dos diferentes sectores e empresas. Segundo os relatores da conferência de Moscovo, só uma planificação centralizada pode fixar os objectivos que permitem realizar um crescimento óptimo e satisfazer as crescentes necessidades da sociedade socialista. E assim condenam o «socialismo de mercado».

---

(1) A revista económica da Universidade de Moscovo, *Vestnik Moskovskogo Universiteta Serija Ekonomika*, dá um relato pormenorizado dessa conferência, no seu número de Setembro-Outubro 1969.

(2) Sik (O.): *Plan and market under socialism*, White Plains, New York, International Arts and Science Press, 1967, 382 páginas. A tradução francesa dessa obra vai aparecer brevemente em Fayard. Sik (O.): *La Verité sur l'économie tchécoslovaque*, Colecção «En toute liberté», Feyard, 1969, 146 páginas.

(3) Foldes (K.): *A Szocialista tulajdon es az orutermelas* (A Propriedade socialista e a Produção mercante), Budapeste, Kossuth Kônyzekiado, 1968, 424 págs. O autor explica aqui que cada empresa é proprietária dos seus meios de produção e dos seus produtos, mas que esta propriedade é subordinada á do Estado socialista sobre as empresas e analisa o fenómeno da separação da propriedade e da gestão em regime socialista.

Nota do dia

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

UMA CENTENA DE PESSOAS, cuja juventude deveria oscilar entre os vinte e os setenta anos, reuniram-se durante duas horas, ao fim da tarde, num canto de livraria, para ouvir falar de Poesia. Seja o que for que cada um pense da vida, que neste caso talvez até devesse escrever-se com V grande, isto parece ter um bom significado de optimismo e confiança, olhos voltados para um ideal indefinido e por isso mesmo ainda mais ideal. Essa indefinição é até intemporal, porque a Poesia, sem ser presente, menos ainda é futuro ou passado. Apesar disso, é, foi e será.

O poeta Alfredo Guisado, um dos três sobreviventes do «Orfeu», foi precisamente falar do «Orfeu». E o mais chocante nesta distância de meio século terá sido, porventura, a diferença entre o ambiente de hostilidade que o movimento suscitou à nascença e a corrida de carinhosa atenção que hoje desperta à sua volta. Essa distância e essa diferença vão desde o varapau ameaçador escondido atrás das costas e a consulta ao psiquiatra para saber o que é que se havia de pensar «daqueles doidos» até à consagração que veio a fazer-se da sua obra.

Essa consagração evidente assume muitas formas, a mais nobre das quais será talvez a do interesse crítico que hoje despertam o movimento e as figuras que o animaram, ao ponto de, mais no estrangeiro do que entre nós, serem tema de estudos para teses universitárias. Só a nossa Academia é que, Deus nos livre, não se mete em aventuras nem mesmo com o multímodo Almada Negreiros. Lembrarmo-nos nós que a Academia Francesa arrependeu-se tão pouco de ter albergado Cocteau que, trinta anos depois, chamou Ionesco ao seu seio.

O retrato de Pessoa pintado por Almada é hoje, de todos os tempos, a obra de arte portuguesa que mais elevado preço terá atingido em vida do seu autor. Razão disto? Por ser um quadro de Almada? Devemos entender que a razão está precisamente na coligação das duas presenças, Pessoa e Almada, afinal aquela época, aqueles anos até ao primeiro quartel deste século, de cujo gosto e sentido tanto se desdenhou e tanto mal se disse, mas em relação ao qual se operou uma reviravolta de opinião que vai hoje ao mais alto apreço.

A gente que se juntou para o pequeno acontecimento de livraria parece-nos um sinal feliz do interesse pela nossa vida espiritual, o que se sublinha pela variedade dos extractos etários que estavam presentes, homens e mulheres, desde jovens a maduros. Quando o grupo do «Orfeu» se constituiu, entre a ousadia e a timidez, a intenção seria a de jogar uma pedrada na pacatez sorna e contemplativa do nosso panorama. Abrigando-se eles próprios das pedradas de que ao mesmo tempo eram alvo, os homens do «Orfeu» fizeram chegar até aos nossos dias o ímpeto renovador da sua originalidade.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

RECTÂNGULOS DA VIDA

TRANSPLANTADOS

Por **MARIA JUDITE DE CARVALHO**

Menina sem mini-saia nem calças compridas (maxi-saia nem pensar nisso, terá oito anos se tanto), menina de saia de pregas a tapar pùdicamente o joelhinho magro, porque os pais ainda não são ou nunca serão de Lisboa, transplantaram-se. O pai usa fato macaco e boné, quer chova ou faça sol, só nos dias de grande frio veste samarra. A mãe, saia comprida, lenço, xaile de lã, em malha aos altinhos. Ela, a menina, um pequeno xaile á sua medida.

A menina toma conta do tabuleiro enquanto os pais se distanciam um pouco, na venda. Sabe o preço das coisas, vai fazendo as suas contas pequeninas e vê-se-lhe nos olhos grandes o receio que tem de que a enganem. Já não é a primeira vez decerto, e quando isso aconteceu teve que ouvir o pai. Lá em casa todas as moedas são contadas porque o dinheiro é pouco. Gente do campo de repente sem nesga de terra, sem batatas nem couves a ser tratadas, a crescer. Nada cresce, aqui, na cidade. E são secas aquelas moedas do fim do dia, aquelas amarrotadas notas de vinte escudos quase sem cor.

Lá vai a menina pela manhã, de livros na sacola, a aprender contas, imagino eu, porque só á tarde a vejo ali. Deve viver na periferia, numa casa muito pequena ou até num quarto com serventia de cozinha.

Gente transplantada, sem sol nem bom ar, nem terra, como há-de ser feliz? No entanto todos os dias chegam, de lá de onde nasceram — e viveram pior ainda — ás cidades poluídas onde procuram uma existência melhor, onde acabam por ficar até ao fim dos seus dias, porque voltar atrás é prova de fraqueza, e, na maioria das vezes já não lhes é possível recuar e não há mais nenhum lugar para onde ir neste mundo de Cristo.

JÁ CONSTOU...

A NOTÍCIA ESPALHOU-SE COMO RASTILHO: SAI AMANHÃ UM SUPER-«SÉCULO ILUSTRADO» COM A ESPECTACULAR REPORTAGEM A CORES DOS ENVIADOS ESPECIAIS DO S. I. AO FABULOSO CARNAVAL DO RIO DE JANEIRO

JÁ TODOS SABEM...

POR ISSO TOME UMA PRECAUÇÃO: AMANHÃ COMPRE O «SÉCULO ILUSTRADO» BEM CEDO PARA NÃO TER QUE PEDI-LO EMPRESTADO (E DEMORA A LER)

VAI ESGOTAR-SE!

«O SÉCULO ILUSTRADO»

— 82 PÁGINAS — COR — 5 ESCUDOS

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

les ballets de LEON GRIEG

JEAN COURTIL
original
fantasista
parisiense

THE RENNO'S

MARIA VALEJO

CONJUNTO JUAN DE AIZA
COM TITIKA

FILARMONICA FRAUDE

FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21anos

CAPRICE LENOIRE
só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e às 21.30
ENIGMA ALUCINANTE
(M. 12 anos)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

Titulo: «A sombra de um homem».
Realização: John Guillermin.
Intérpretes: George Peppard, Inger Stevens, Orson Welles.

Aproveitando o impopular rescaldo das actividades O. A. S. e da campanha eleitoral do senhor Tixier de Vignancourt, temos agora o filme de aventuras «político». Desta vez os «maus» são extremistas da direita como outrora o eram da esquerda, o que não significa que tenha havido uma transformação radical nas estruturas ideológicas da empresa financiadora. Houve, sim, uma hábil manobra a tirar partido do que, neste momento de agitação social (Vietnam, contestações, etc.), está **«dans le vent»**. O «herói» (imagine-se!) do filme, um americano admirador de Adlai Stevenson e fascinado por formas de vida que implicam uma certa marginalidade, desbarata sózinho um conspiração neo-fascista, instigada por colonos expropriados da Argélia independente, das melhores famílias de França, e cujas ramificações se estendem a Itália e mesmo aos Estados Unidos.

Que não é tão simples como o filme nos mostra, já o sabemos de sobra há muito tempo, mas não ignoramos também que a conquista do poder por intervenção armada está condenada ao malogro enquanto houver «heróis» tão limpidamente americanos. Não é por acaso que a acção do filme decorre em França e na Itália e que os produtores não se lembraram de aproveitar para filmagens o maravilhoso sol da Grécia.

Ficámos, isso sim, a saber que a «infancia de um chefe» é evitável com outro tipo de educação, isto é: põe-se a criança a dormir num «verdadeiro quarto de criança» (sem estandartes, panóplias guerreiras — iconografias de nacionalismos exacerbados), ministram-se-lhes sãos princípios democráticos que podem começar, por ex., na explicação do significado da independência dos Estados Unidos, e preenchem-se-lhe as carências afectivas com partidas de basebol, além do indispensável equilíbrio conjugal que se adivinha, entre a mãe e o «herói» promovido a padrasto.

Tirando isto, um ou outro apontamento axiológico sobre as sinistras personagens é insuficiente para que qualquer delas atinja uma dimensão humana (ou inumana) minimamente convincente, mas a culpa não é minha: é do Guillermin que realizou o filme, o qual, aliás, começa com a camara a emergir do Sena (ele há cada ideia!) até nos mostrar os cais de Paris e continua a andar por ali a boiar durante algum tempo antes de se enxugar. Depois é que aparece o tipo suspeito debruçado no Pont Neuf (?) e a troca de olhares com o cadáver que passa rio abaixo.

Orson Welles, o conspirador-mor, que nas três curtas cenas em que intervém passeia pelo «écran» a sua volumosa autoridade a fim de conseguir sacar algum para o seu próximo filme, está ali para nos recordar que a vida é dura para quem quer fazer cinema a sério.

E já que falámos em cinema a sério, e porque nesse aspecto **«A sombra de um homem»** não é satisfatório, sugerimos alguns filmes com assuntos explícitamente políticos, que o são:

«Nicht Versohnt», de Je-

(Continua na 6.ª página)

CAPITÓLIO
Telefone 32 03 79
As 21.45 h. (M. 17 anos)
O CRAVO ESPANHOL
de ROMEU CORREIA
O espectáculo de hoje é dedicado ao pessoal dos Telefones de Lisboa e Porto

EM EXIBIÇÃO NO EUROPA
ÀS 15,15 e 21,30

MEIAS PRETAS

ADULTOS

UM ÊXITO INDISCUTÍVEL

COM:
VICTOR HENRY SUSAN GEORGE
JACK SHEPHERD
EASTMAN COLOUR
REAL. CHRISTOPHER MORAHAN
PROD. LEON CLORE

5.ª E ÚLTIMA SEMANA

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA — R. DO CARMO, 23
PORTO — R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTONIO, 35

ERA INEVITÁVEL:
• O ÊXITO FOI ABSOLUTO!

TEATRO ABC
SESSÕES ÀS 20,45 E 23 H.
DOMINGOS «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

DA NOVA REVISTA DE GRANDE ESPECTÁCULO

Pregões e Caras

IVONE SILVA (ADULTOS)

★ IVONE ★ RIBEIRINHO ★ NICOLAU ★ FERNANDA
LINDA SILVA ■ OSCAR ACURCIO ■ CLARISSE BELO ■ MARIA EVA
CARLOS GONÇALVES ■ CARLOS QUEIROZ ■ MARIA TAVARES
■ UM «BALLET» INTERNACIONAL dir. Mestre CHARLES

HOTEL DOM CARLOS

Mercê do nível da nossa cozinha internacional e da selecionada cozinha PORTUGUESA, o nosso Restaurante passou a ser ponto de encontro dos bons «GOURMETS».

ALMOÇO DE AMANHÃ:
FRANGO NA CATAPLANA À ALGARVIA

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

VICTOR MENDES
no «Salve-Vidas»

MARIA VITÓRIA (ADULTOS)

UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

HOJE, ÀS 20,45 e 23 H.
DOMINGO, «MATINÉE» ÀS 16 H.

* Os últimos que riem são os que riem melhor!
Aproveite a última fase de representações da famosa revista ESPERTEZA SALOIA
5.º MÊS!

E RIA, RIA, RIA, RIA, RIA, RIA, COM:
SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA
BARROSO LOPES ● DORA LEAL
E AS ATRACÇÕES
HELENA TAVARES ● «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!

Teatro Maria Matos TELEF. 717017

direcção de
IGREJAS CAEIRO
TODA A GENTE FALA DO ÊXITO

A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ

valioso elenco de 30 figuras
com
MÁRIO PEREIRA
no protagonista
e
LURDES NORBERTO
em duas personagens diferentes

TODAS AS NOITES AS 21.45 HORAS
SÁBADOS E DOMINGOS «MATINÉES» ÀS 16 HORAS
(Maiores de 17 anos)
Jovens dos 17 aos 24 anos, desconto de 50% aos domingos à tarde e à noite

CONCERTOS EM DIÁLOGO J. M. P.

Vai falar-se muito da Série Fonsecas & Burnay — Sete Concertos em Diálogo, da JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA, a realizar no Teatro Maria Matos aos Domingos ás 11 horas. Abertura da Série no próximo Domingo. Inscreva-se na Rua Rosa Araujo, 6-3.º, das 18 horas ás 20 horas.
(6 ANOS)

CONCERTOS DA EMISSORA NACIONAL

AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

21 de Fevereiro

VASCO BARBOSA
violinista
GRAZI BARBOSA
pianista

Sonata op. 47: em lá maior (a Kreutzer) — BEETHOVEN

Sonata — FREDERICO DE FREITAS

Danças populares romenas — BELA BARTOK

Árias Russas — WIENIAWSKY

28 de Fevereiro

ANA LAGOA
cantora
MARIA ANTÓNIA SALDANHA
pianista

Seis «Lieder» — SCUMANN

Três Poemas de Verlaine — ANTÓNIO FRAGOSO

Quatro «Canções do Sol Poente» (poemas de António Correia de Oliveira) — ANTÓNIO FRAGOSO

Canções populares portuguesas harmonizadas
Loureiro, verde Loureiro
Senhor da Serra
Vai-te embora passarinho — LUÍS DE FREITAS BRANCO

Canção das tecedeiras — ARMANDO JOSÉ FERNANDES

Macelada — FREDERICO DE FREITAS

Oh! que calma
A marcela — ARTUR SANTOS

7 de Março

QUARTETO DE CORDAS DO PORTO
Carlos Fontes (violinista)
Cunha e Silva (violinista)
José Luís Duarte (violetista)
Carlos Figueiredo (violoncelista)

Quarteto em si bemol maior K 458 («A Caça») — MOZART

Quarteto em ré maior — CLÁUDIO CARNEIRO

Quarteto n.º 1 (1912) à memória de Paul Cézanne — DARIUS MILHAUD

14 de Março

GRUPO VOCAL FEMININO HARMONIA
dirigido por
FRIEDRICH WILHELM VERNER
CREMILDE R. FERNANDES
ao piano

— Oito trechos do «Cancioneiro da Biblioteca Pública Hortênsia»

— Canção — ANTÓNIO CARREIRA
— Três «Kyrie» no 1.º tom — MANUEL RODRIGUES COELHO
— Sonata em ré menor
— Sonata em mi menor — CARLOS SEIXAS
— Sonata em mi bemol maior — FREI MANUEL DE SANTO ELIAS
— Sonata em ré maior — SOUSA CARVALHO

— Oito redondilhas de Camões — LUÍS DE FREITAS BRANCO

ESPECTÁCULO PARA TODOS — ÀS 18,30 HORAS

TABELA DE PREÇOS

Filas A a F ..... 20$00
Filas G a N ..... 15$00

BILHETES À VENDA
EMISSORA NACIONAL
RUA CASTILHO
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
CAMPO GRANDE

Laura Alves é a protagonista da nova comédia do Monumental

HOJE, NO TEATRO MONUMENTAL: ESTREIA DE «POBRE MILIONÁRIA»

PARA REAPARIÇÃO DE LAURA ALVES

Laura Alves reaparece hoje perante o público de Lisboa: ante quantos a colocaram em lugar ímpar entre as demais actrizes dos palcos portugueses, conferindo-lhe — com o seu aplauso — posto de vanguarda. Retorna ao tablado onde conheceu os maiores êxitos da sua brilhante carreira para interpretar a deliciosa e picante comédia francesa «Pobre milionária», original de Marcel Mithois traduzido por Marina de Morais.

Produzida por Vasco Morgado, a comédia «Pobre milionária» é um delirante espectáculo de gargalhada, um fantástico desfile de situações graciosas em que Laura Alves, Paulo Renato e Rui de Carvalho dominam a história. A seu lado, dividindo o brilho do desempenho, estão outras figuras prestigiosas da cena portuguesa: Canto e Castro, Armando Cortez, Carlos José Teixeira, Alina Vaz e Fernanda Alves, de braço dado com a irradiante juventude de Carlos Paulo, Alice Carla e António Semedo.

«Pobre milionária» (que foi encenada por Armando Cortez) tem «décors» com a assinatura de Pinto de Campos e vai atrair ao Teatro Monumental quantos pretendem divertir-se, autêntica e insofismàvelmente, com um grande festival de riso.

NO TEATRO Telef. 55 51 33 ADULTOS

HOJE: NOITE DE ESTREIA MONUMENTAL ÀS 21.45 H.

REAPARIÇÃO DA QUERIDA ACTRIZ

LAURA ALVES

NA FAMOSA COMÉDIA FRANCESA

UMA AUTÊNTICA COMPANHIA DE ESTRELAS

Pobre Milionária

UMA COMÉDIA QUE SAI DO FRIO COM TODO O PICANTE DE PARIS!

PAULO RENATO ● RUI DE CARVALHO

● CANTO E CASTRO ● ARMANDO CORTEZ ● CARLOS J. TEIXEIRA ● ALINA VAZ ● FERNANDA ALVES ● CARLOS PAULO ● ALICE CARLA ● ANTÓNIO SEMEDO

★ UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

Cenas de Pinto de Campos
Encenação de Armando Cortez

Original de Marcel Mithois
Tradução de Marina de Morais

Ponto SOARES BORBA ● contra-regra ALBERTO SOARES ● maquinaria ARTUR DE OLIVEIRA ● direcção técnica HERMES DA CUNHA PORTELA ● fotos BOURDAIN DE MACEDO ● desenhos publicitários JORGE ROSA ● publicidade ALEXANDRINO e NEVES DE SOUSA

★★★★★★★★★★★★★★★★ DOMINGO: «MATINÉE» ÀS 16 HORAS ★★★★★★★★★★★★★★★★

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES DE UM ÊXITO DE GARGALHADA!

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO

NO TEATRO T. 32 60 37
VARIEDADES
HOJE E TODAS AS NOITES
ÀS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

ANTÓNIO CALVÁRIO na linda e popular canção «Senhora da Nazaré»

PEÇO A PALAVRA!

UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO
ADULTOS

COM UMA GRANDE, ALEGRE E POPULAR COMPANHIA:
AIDA ★ C. COELHO ★ ELOINA ★ SPINA ★ MAX ★ ANITA ★ ESPADINHA ★ M. FRANCO ★ A ATRACÇÃO NACIONAL ANTÓNIO CALVÁRIO ★ À FRENTE DE UM GRANDE ELENCO
UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL

● GRAÇA ● CRÍTICA
● LINDA MÚSICA
● MONTAGEM DESLUMBRANTE
● LINDAS MULHERES

RIA COMO NUNCA RIU...

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 4.ª página)

an-Marie Straub; «La hora de los hornos» do argentino Solanas; «Prima la rivoluzione» de Bernardo Bertolucci; «The year of the pig» de Emilio Da Antonio «The edge» de Robert Kramer (não confundir com Stanley) «António das Mortes» de Glauber Rocha e os ultimos Godard, evidentemente.

Senhores distribuidores: fazem-se, por ano, muitos e bons filmes! Convinha era trazê-los ca de vez em quando (não é pedir muito!) sem a desculpa crónica de que não há público para eles.

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

• NO EDEN

TITULO: «A mão armada» («Heaven with a Gun»)

REALIZAÇÃO: Lee H. Katzin, 1969 (E. U. A.)

INTÉRPRETES: Glenn Ford, Carolyn Jones, Barbara Hershey, John Andreson, David Carradine, etc.

«A mão armada» é um *western*. Um *western* americano. Um *western* americano e católico. Um *western* americano, católico, a atirar ao progressismo. Diremos, mesmo, mais: um *western* americano, católico, progressista, interpretado por Glenn Ford, que deve ter aproveitado o intervalo entre duas idas ao Vietnam para interpretar este seu 127.º filme (ou doutro prisma, o seu 63.º *western*).

Com tantas características próprias, deve ter quem goste. É infalível que assim seja. Tanto mais que tudo aquilo não é nada mal feito, de um ponto de vista estritamente artesanal. Tanto mais que a história apresenta, até, uma certa solidez na sua estruturação, que dura até á sequência final (esta sim, efectivamente forçada e ridícula, deixando nos olhos de todos os espectadores um certo sabor a logro—ou mistificação, chamemos-lhe o que quisermos).

Pacifista por natureza, «A mão armada» fala-nos de um pistoleiro arrependido, que, depois de ter cumprido alguns anos numa cadeia, regressa á liberdade regenerado e pronto a regenerar toda a gente. Não se separa, porém, nem do seu *colt*, nem de um certo número de vícios tidos como demoníacos (o logo por exemplo que lhe serve para ganhar 400 providenciais dólares, que chegam — e sobram — para comprar um palheiro num pequeno povoado e começar aí a exercer a sua actividade eclesiástica).

Bons tempos, os desta América insólita da idade do ouro, onde se passava de pistoleiro a pastor com idêntica confiança e convicção. Mas o pior estava para vir. Nessa terra os vaqueiros não suportavam o cheiro das ovelhas que alguns pastores por ali tinham a pastar e rebenta a bronca, com tosquiagens a torto e a direito, e uma bela índia a ser violada por dá cá aquela palha. Contra tudo isto se insurge o bom pastor-pistoleiro-regenerado, que afina rápido e bate melhor. Mas no grande ajuste de contas final a proxeneta da cidade põe o dilema a Glenn Ford: ou sim ou sopas, esta coisa de pregar paz e amizade e andar armado aos tiros não está certo, há que optar. Todos reconhecem que é verdade, e o Ford vai depositar as armas no altar meio destruído da sua capela-palheiro incendiada. Será uma procissão de homens de boa-vontade (e mulheres de boa-vontade) que irá salvar a situação e encontrar um fim elegíaco para este poema de confraternidade «*Tudo é simples para os homens simples, e deles é o reino dos céus*» — explica Lee H. Katzin, o realizador deste *western*, que, tendo um certo interesse, não deixa, contudo, de reflectir muita confusão ideológica (ou se preferem: um certo oportunismo político-religioso).

De citar ainda, a bela presença da linda índia — Barbara Hershey — que, como não podia deixar de ser, enriquece a fita com algumas *nuances* anti-racistas. *Of course*.

LAURO ANTÓNIO

• NO POLITEAMA

TITULO: «Texas, Adeus!»

REALIZAÇÃO: Ferdinando Baldi

INTÉRPRETES: Franco Nero, fora os mortos

Ao intervalo estava decepcionado: quando muito, uma dúzia de mortos. Mas depois o esparguete melhorou: perdi a conta aos trezentos e vinte e quatro. Creio que outros tantos, pelo menos, foram para o maneta. Enquanto eles saltavam num esparrinhar de sumo de tomate (não garanto a veracidade da matéria), a malta escangalhava-se a rir. Mal o Franco Nero despachava seis de uma vezada, era um gargalhar sadio, espontâneo, de arroto. Nas cenas dramáticas, idem — o que prova que o esparguete, em matéria de comicidade, é melhor que o destino marca a hora. Eu não sabia, nunca tinha visto o México filmado em Espanha por italianos. É de a gente se atirar para o chão: os cavalos a correr e os bandidos a morrer e o herói a fuzilar e a malta a uivar. Tudo spicado em americano, por causa do Far-West. Grande fita, para depois do lombinho e do três tinto! Digna mesma de Mário de Aguiar! Oitocentos e cinquenta e sete mortos! Sete mil e quatrocentos murros! Dois milhões de silvos de balas! Pelo menos. Quem produz isto? Quem filma isto? Quem lucra com isto? Não sei. Mas fico á espera do Franco Nero.

V. S. T.

CINECLUBE DO BARREIRO

BARREIRO, 20 — O Cineclube do Barreiro leva hoje a efeito, pelas 21 e 30, no Teatro-Cine Barreirense, mais uma sessão com o filme polaco «O Faraó», de Jercy Kawolerowiczs.

A peça de Becket «Dias Felizes» regressa hoje à Casa da Comédia

E' ja hoje que a Casa da Comédia leva á cena no teatrinho das Janelas Verdes a famosa peça de Samuel Beckett, «Dias Felizes». Na interpretação do papel de Winnie Glicinia Quartin ganhou no ano de 1968, o Prémio de Interpretação.

O publico disporá de uns escassos seis dias para ver esta peça pois, apesar da amável autorização da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, os trabalhos desta Companhia exigem a presença da protagonista já na próxima semana.

O papel de Willie está a cargo de Jorge Vale, sendo a encenação de Artur Ramos em cenário de João Abel Manta, com tradução de Jaime Salazar Sampaio.

Espectáculo para maiores de 17 anos, subsidiado pelo Fundo de Teatro. Marcações pelo telefone 677299.

CASA DA COMÉDIA
R. S Francisco Borja, 22
Marcações Tel 677299
HOJE E TODAS AS NOITES
SÁBADO, 21: «MATINÉE»
ÀS 16 E 22 H.
APENAS 6 DIAS!!!
OS DIAS FELIZES
de SAMUEL BECKET
(Prémio Nobel Literatura)
com GLICINIA QUARTIN
e JORGE VALE
direcção Artur Ramos
cenografia João Abel Manta
Maiores 17 anos
subsidiado Fundo do Teatro

NO ABC
Uma revista para esquecer

O interesse e o entusiasmo que invariável, infatigável e infalivelmente o público manifesta pela revista supera os esquemas em que é, por vezes, espartilhada pelos sociólogos. Esse interesse e esse entusiasmo são motivados, creio, pela fantástica capacidade de comunicabilidade de que o espectáculo de revista se reveste, permitindo, ao mesmo tempo, uma relativa (e ilusória) participação do espectador. Este sente-se como em sua casa, ouve coisas que lhe são familiares ri-se ou comove-se com aquilo que lhe diz respeito e de que gosta ou detesta.

Entre a piada política e a obscenidadezinha que não se admitiria noutro sítio, entre a canção que se trauteia e o guarda-roupa que alumbra, o espectador da revista sente-se cumplicado em qualquer coisa de que se julga também criador (e é-o, por vezes).

Escrevo estas palavras em relação com o espectáculo de revista dito «á portuguesa», tal como é normalmente entendido, tal como é normalmente aceite. Mesmo neste caso, no entanto, creio que este tipo de espectáculo, se não se renovar nos seus processos, corre o risco de acabar; creio que o espectáculo de revista está num impasse e que, ou corajosamente o ultrapassa, ou morre nele. Não julgo que seja possível durante muito mais tempo, e a dar-se a alteração de um estado de coisas que passe, de facto, a possibilitar o acesso a um mínimo de cultura de camadas mais vastas da população, não julgo que a revista possa manter-se sem uma profunda renovação das suas estruturas poéticas, musicais, plásticas e interpretativas.

Todavia, estas palavras que escrevo nada têm a ver com o espectáculo a que acabo de assistir.

A revista «Pega de Caras» é uma das coisas mais insípidas, mais pobres, mais vulgares (mais abomináveis), uma das coisas menos engenhosas, menos cómicas, menos conseguidas, uma das coisas pior cantadas, pior dançadas, pior escritas, pior musicadas a que temos assistido no género. Uma coisa totalmente desprovida de graça e de beleza, sem um quadro onde haja uma centelha de imaginação; sem um número musical que fique um segundo no ouvido; sem qualquer coisa que nos desperte. Numa palavra, trata-se da negação da revista, pura e simplesmente; ou então da revista no seu estado químicamente negativo.

Como se depreende, tudo nela é mau, a começar no poema e a acabar nos figurinos e nos cenários. Mas sendo tudo mau, consegue ser ainda pior no penultimo quadro, que pretende ser uma *charge* ao teatro de absurdo. Teatro de absurdo, entenda-se, que mete, ao lado de Ionesco, Brecht, Santareno, Henrique Santana, Solnado, etc. E diz-se nessa altura (calcule-se) que até se acusa de fascista o teatro que é para mim perfeitamente espantoso, diria um amigo. Em relação a este quadro é bom dizer-se que, para fazer uma *charge* ao teatro de absurdo (esclareço que nem sou autor nem o teatro de absurdo me interessa grandemente), é preciso saber-se do que se está a falar. E é evidente que os autores (e os actores, coitados, incluindo o Ribeirinho, que já fez o Beckett e devia ter vergonha de fazer figuras daquelas) não sabiam do que estavam a falar.

E, pois, a tal nível de reaccionarismo estético e ideológico (não disse tudo) que se passa este dito espectáculo de revista. O ultimo quadro chama-se «Limonada». Eis o que é «Pega de Caras»: uma limonada sem limão, sem água, sem açucar. Só com o seu venenozinho de incultura, melhor ainda, de anticultura.

Sidney Poitier é o primeiro negro que recebeu um «Oscar» para o melhor actor principal. No filme «No Calor da Noite» ele desempenha o papel de um oficial da polícia desautorizado pelos seus subordinados brancos

«NO CALOR DA NOITE»

Depois de amanhã, o Cinema São Jorge realiza, ás 11 horas, mais uma sessão de «Cinema com Critério», patrocinada pelo Cineclube Católico.

«No Calor da Noite», obra que lançou Norman Jewison como cineasta de grande envergadura, preencherá esta 3.ª sessão resultante do trabalho conjunto do Cinema São Jorge e do Cineclube Católico.

Frequentando as sessões de «Cinema com Critério» o público tem a garantia duma programação cuidadosamente escolhida e, sem qualquer esforço, a oportunidade de aumentar a sua cultura cinematográfica contactando com o movimento cineclubista.

«No Calor da Noite», crítica objectiva e profunda aos pequenos meios da sociedade americana, prende o público pelo excelente ritmo da acção a que não são estranhos os desempenhos de grande craveira a cargo de Rod Steiger e Sidney Poitier.

«No Calor da Noite» foi distinguido com 5 «Oscars» da Academia: Melhor Filme do Ano, Melhor Actor: Rod Steiger; Melhor Argumento: Stirling Silliphant; Melhor Montagem: Hal Ashby; Melhor Som: Walter Goss.

Bilhetes á venda nas bilheteiras do Cinema São Jorge, a baixo custo e entrada grátis aos sócios do Cineclube Católico.

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de Lisboa (ADULTOS)
HOJE AS 21 H e AS 23 HORAS

IO APOLONI
é a excelente compradora de visons na comédia
O VISON VOADOR
com
RAUL SOLNADO
IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA, MARIA PAULA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES

Nem só de pão vive o homem

os nossos clientes vivem o nosso apoio e a nossa simpatia

Nem só de pão.
Nem só de flores.
Mas de ambas as coisas.
Quem diz pão diz apoio económico.
Quem diz flores diz simpatia.
O novo Banco Totta & Açores cria uma nova maneira de ser Banco — o apoio feito na simpatia.
Um Banco novo com uma mentalidade nova — conhece os problemas e fala a linguagem de todos os sectores. Um Banco novo com um estilo novo — abre, a todos, a sua experiência, a sua técnica, a sua eficácia.
Venha ter connosco.
Ajude-nos a ajudá-lo.

Num mundo novo — o Banco novo

BANCO TOTTA & AÇORES

REVELADO NO COLÓQUIO DA JUVENTUDE MUSICAL

Uma orquestra permanente do Teatro São Carlos

— desejo de JOÃO DE FREITAS BRANCO

O director da mais sofisticada sala de teatro do País sentou-se na cátedra de um professor de engenharia e, falando para um anfiteatro repleto, fez uma revelação:

«Penso criar uma orquestra de ópera, uma orquestra permanente no Teatro de São Carlos, mas que seja capaz de dar concertos, acompanhar ópera, bailado, pela província». Estas foram palavras de João de Freitas Branco, a noite passada, no I. S. T., durante o primeiro colóquio do ciclo «A situação da música em Portugal», organizado pela Juventude Musical Portuguesa e pelas Associações de Estudantes.

Durante o colóquio foram feitas diversas críticas ao papel que o São Carlos desempenha na divulgação da música em Portugal e João de Freitas Branco, aceitando-as, disse também ser seu propósito «democratizar» o teatro, de modo a atrair aos seus «fauteuils» a juventude.

O conhecido crítico musical falou sobre a «Perspectivação histórica e sociológica» (da situação da música em Portugal) e referiu-se á perspectiva histórica da música portuguesa, relacionando-a com a música europeia, focando a «criatividade própria e a criatividade por importação», as «motivações subjacentes, de ordem económica, social a política», as «relacionações com factores histórico-geográficos ditos «mediterrânicos» e pronunciou-se sobre as perspectivas de integração possível (da música portuguesa) nas feições actuais da música europeia.

A composição social do público

E foi então que A. Marques de Almeida falou sobre a «Intervenção do Artista na Sociedade». O antigo dirigente associativo e cineclubista falou como um sociólogo de profundos conhecimentos musicais sobre «Intervenção do artista na Sociedade», referindo-se também á composição social do público, que dissecou; falou também acerca das «formas tradicionais do consumo da música».

O segundo colóquio está marcado no mesmo local para o dia 26, devendo nessa data o nosso colaborador Nuno Barreiros e Manuel Ivo Cruz falar de «Política Cultural».

Um aspecto parcial da assistência ao colóquio promovido pela Juventude Musical Portuguesa no Instituto Superior Técnico

A PROMOÇÃO COMERCIAL E TURÍSTICA VAI SER FEITA EM CONJUNTO NO ESTRANG

(Continuação da 1.ª página)

que o fomento da produção — especialmente da produção agrícola — reclama a defesa em todas as circunstancias da produção interna contra a importação. Nada de mais errado: do que a produção necessita é de preços com garantia de estabilidade e a nível compensador para os produtores eficientes.

Não são os preços muito elevados da carne de porco ou da batata — que em seguida suscitam produções excedentárias com baixas pronunciadas de preços — que constituem estímulo á produção. E' sobretudo ao intermediário, e em geral ao intermediário menos válido, que aproveitam as altas e baixas acentuadas de preços que desorganizam e desorientam o mercado. O produtor organizado, do que precisa é de condições estáveis, de políticas com garantia de continuidade que lhe ofereçam um quadro em que possa programar as suas decisões e planear os seus investimentos e reconversões.

Por isso a orientação seguida na importação dos grandes produtos de abastecimento publico — e creio que com algum sucesso — tem sido a de assegurar a regularização do mercado.

Assim se tem feito com as carnes, com a fruta, com os cereais de que somos deficitários, e com as sementes oleaginosas. E não parece que, com isso, se tenha desincentivado a produção interna.

A produção pecuária tem fornecido resposta espectacular á política de fomento pecuário, tendo-se as importações de carne de bovinos reduzido no ano findo para 1/3 apenas das do ano passado. Nas oleaginosas, a par de uma diversificação de importações em que as sementes de origem ultramarina alargaram consideràvelmente a sua participação no abastecimento total e das autorizações de importação de semente de girassol já concedidas, a área semeada de cártamo no Continente passou de 3000 para 13 000 hectares do ano findo para o corrente ano, segundo dados das Federações de Grémios da Lavoura do Alentejo. E no mercado das frutas alargou-se extraordinàriamente a contribuição do Ultramar no abastecimento metropolitano d ebananas e citrinos, com nítida influência estabilizadora dos preços.

O importante é que em cada caso se eliminem os obstáculos e estrangulamentos á produção e não que se defenda sem critério a produção sem olhar ás consequências sobre o nível dos preços.

Assim, importações meramente marginais, não chegando por vezes a representar 1 por cento das necessidades totais do abastecimento publico — como o ano passado sucedeu com a batata e a maçã — realizadas em momentos críticos possuem um efeito estabilizador considerável, impedindo a especulação e defendendo os preços sem afectar a produção, antes a protegendo da tentação das flutuações violentas que desincentivam e perturbam.

Não é criando escassez — como ás vezes se pretende — que se defende o produtor: é criando riqueza que se enriquece; é dispondo de mercados convenientemente abastecidos que se assegura o mercado; é garantindo a continuidade que se ofere-cem certezas.»

«Desafio de sobrevivência como povo europeu»

Mas foram os problemas de exportação que mais prenderam a atenção do dr. Xavier Pintado: «*A grande preocupação está posta na política de exportação. É nessa, com efeito, que tem de ser apontado todo o esforço e inventiva de que somos capazes.*» E acrescentou sem rodeios:

«Do seu sucesso dependerá, em grau decisivo, o sucesso da política de desenvolvimento industrial e, para além dela, da grande transformação requerida ao sector primário. Diria mesmo: da nossa capacidade de estarmos na Europa como povo económico e culturalmente europeu.

É que, não nos iludamos: chegou o momento de começarmos a sentir verdadeiramente o impacto da concorrência, da capacidade de organização empresarial, da agressividade comercial da Europa.»

No dizer do secretário de Estado do Comércio, «*a exportação apresenta-se, assim, como uma frente nacional com dois objectivos: o da procura do equilíbrio da balança de transacções externas e o de oferta de mercados para as unidades com dimensão económica.*»

E o dr. Xavier Pintado pergunta logo a seguir:

«*Qual a política de que dispomos para fazer face a esse desafio de sobrevivência como povo europeu?*

Antes de mais uma política de produção porquanto não restam grandes duvidas de que o principal estrangulamento da exportação nacional reside na falta de capacidade de produzir em condições de exportar; isto é, a custos competitivos e em condições de qualidade, tipos e séries da produção adaptados aos mercados externos.»

A reforma do Fundo de Fomento de Exportação

O dr. Xavier Pintado fez ainda algumas considerações sobre iniciativas programadas ou em curso para referir, depois, o que considerou «*a reforma de base do instrumento fundamental da actuação da Secretaria de Estado do Comércio na promoção das exportações: o Fundo de Fomento de Exportação e a sua ligação com os serviços e facilidades de promoção dependentes de outras Secretarias de Estado.*»

Aludindo aos meios de acção do referido Organismo (um orçamento que excede os 100 mil contos e este ano vem sensivelmente melhorado; 15 delegações e subdele-

O PRESENTE E O FUTURO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

EXPOSTOS NO VET CLUBE

PELO NOSSO DIRECTOR

«Vida e renovação de um vespertino», palestra que o sr. dr. António Pedro Ruella Ramos, director do «Diário de Lisboa», fez ontem, como convidado de honra, na reunião mensal do Vet Clube, revestiu-se de grande interesse.

Depois de ter descrito, em traços gerais, as características e problemas de uma empresa jornalística, o palestrante sublinhou a renovação do nosso jornal nos últimos dois anos e apontou o seu futuro nos sectores jornalístico, técnico e administrativo.

O sr. dr. António Pedro Ruella Ramos focou, igualmente, a importância dos suplementos — e deu exemplos concretos da unidade do «Diário de Lisboa». Periódico formativo e informativo, o «D.L.» não abdicará daquela independência que sempre o tem caracterizado. Analisou os passos que se têm dado para transformar o vespertino num jornal de grande expansão e salientou o esforço de todos quantos trabalham nesta casa no sentido de tal cometimento. Muitas horas de luta foram pormenorizadas para uma completa elucidação de como se faz o «Diário de Lisboa». Igualmente foram lembrados muitos dos nossos colaboradores, serviços do estrangeiro, contactos internacionais, etc.

Comentada a palestra pelo sr. dr. Décio de Freitas, muitas foram as perguntas que a assistência dirigiu ao nosso director, todas elas reveladoras do apreço em que o jornal é tido. Perguntas e respostas proporcionavam uma ampla visão do que é e continuará a ser o «Diário de Lisboa».

Um aspecto da reunião mensal do Vet Clube tendo como convidado de honra o sr. dr. António Pedro Ruella Ramos, director do «Diário de Lisboa» (ao centro)

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDE
BARREIRO · LISBOA · QUELU

É urgente a remodelação dos serviços ferroviários na importante zona Sado-Setúbal

SETÚBAL, 20 — No seu vasto plano de renovação de linhas e material e de modernização dos seus serviços, algo de importante à C. P. já realizou, além do que está programado para efectivação a maior ou menor distância. De notar, porém, o facto de a quase totalidade dessas realizações se verificarem nas linhas que são propriedade daquela empresa, com evidente e lamentável «esquecimento» das linhas do Estado (Minho e Douro e Sul e Sueste), facto aliás recentemente assinalado na Assembleia Nacional.

Vêm estas considerações a propósito da apagada (mas de importante função) estação de Praias — Sado, satélite da de Setubal, espécie de placa giratória, por onde se processa todo o importante tráfego nos sentidos Sado-Setubal-Sapec.

As instalações para o pessoal e para o publico são numa velha, desconfortável e inestética barraca, que urge substituir por um edifício actualizado, seguro e confortável.

A par da sua inegável importancia, no tocante á segurança da circulação dos comboios, é de salientar o numero de vagões carregados e descarregados nos seus cais (cerca de 250 em 1970). As suas linhas formam um triangulo cujos lados medem cerca de trezentos metros, e por elas circulam, diáriamente, mais de cinquenta comboios, a maior parte dos quais têm ali a sua origem, o que ocasiona frequentes e demoradas manobras, com grave perigo para a circulação, em média dois mil e quinhentos veículos em cada vinte e quatro horas, sem que existam cancelas ou sinais que evitem desastres — que, infelizmente, já se têm dado.

O sistema de sinalização e seu «encravamento» de segurança é por demais obsoleto

OS ASTRONAUTAS VÃO AO «CURTO-CIRCUITO»

O sumário do programa «Curto-Circuito» continua a ser um segredo bem guardado pelos seus produtores e por todos os que colaboram neste espectáculo que vem tomar o lugar do Zip-Zip nos pequenos «écrans». No entanto, o «Diário de Lisboa» soube que os astronautas que no dia 23 chegam a Lisboa, primeira escala de uma digressão europeia, estarão presentes, com suas esposas, em «Curto-Circuito». Este será um dos «pratos fortes» do novo programa que pretende ocupar um lugar cimeiro na opinião e no «entretainment» públicos do País.

Glória de Matos será, certamente, a apresentadora dos três homens que pisaram o solo do nosso satélite natural.

O espectáculo inicial começa ás 15 e 30 da próxima segunda-feira, dia em que será transmitido, ás 22 horas, para todo o País pelos emissores da RTP.

Os produtores do programa oferecem esta tarde, por seu turno, um «cocktail» a diversas individualidades, no Teatro Monumental, que todas as segundas-feiras servirá de estúdio-auditório do novo programa.

Relembre-se que os produtores de «Curto-Circuito» são Baptista-Rosa, Artur Agostinho e Fernando Lopes e a realização estará a cargo de Hélder Mendes.

ICA NGEIRO

gações e Casas de Portugal, em 12 países; ligação com os serviços de representação diplomática e consolar; serviços técnicos de apoio ao exportador), o dr. Xavier Pintado disse que *«não se tem estado a tirar destes meios o rendimento de que são capazes.»*

E, depois de ter anunciado que o projecto de reforma do Fundo de Fomento de Exportação se encontra concluído, acrescentou que será *«completado por um protocolo entre as Secretarias de Estado da Informação e Turismo e do Comércio em que se prevê uma acção conjugada e a coordenação das actividades de promição comercial e turística no exterior, estando em curso, com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o exame da forma de assegurar uma mais perfeita articulação de acções com os serviços daquele Ministério e a representação diplomática e consolar.»*

A terminar a sessão, o presidente do Conselho director, dr. Pinto elte, historiou a actividade da Câmara de Comércio Luso-Alemã, nos seus quinze anos de existência.

A LIÇÃO DO REITOR — Como ontem noticiámos, o novo reitor da Universidade de Coimbra, prof. dr. Gouveia Monteiro, leu duas vezes o discurso da posse: uma, na Sala dos Capelos, durante a cerimónia; outra, para os estudantes (uma multidão, como se vê na gravura) concentrados no pátio da Universidade.

PRÓXIMO AUMENTO DO CAPITAL PRÓPRIO DO BANCO DO ALENTEJO PARA CERCA DE 140 MIL CONTOS

• Destacada a importância de alguns novos serviços do Banco

Para comemorar o 95.º aniversário da fundação do Banco do Alentejo, reuniram-se num jantar, no Hotel Embaixador, elementos do Conselho de Administração e dos outros corpos sociais, funcionários superiores e o pessoal da sede, da filial e das agências, num total de cerca de duzentas pessoas, entre as quais os srs. dr. Quirino Mealha, presidente do Conselho de Administração; capitão João Duarte da Silveira e Rodolfo da Silva Abrantes, administradores; eng.º Vasco Maria Eugénio de Almeida (Conde de Vill'Alva) e António Neves de Almeida, do Conselho Fiscal; Joaquim Lopes Fernandes, da Mesa da Assembleia Geral; dr. José Marques de Almeida, director-geral: Carlos Faria e dr. Eduardo Reinaldo Braumann, directores; dr. Fernando Tavares, director-adjunto; Pessoa Costa, subdirector; Matias Batista, chefe de serviços; Francisco Agostinho Dias, José Marques, João Carvalho Costa e Mário Barros Dias, gerentes, respectivamente, das agências de Beja Sines, Vendas Novas e Estoril.

No decorrer da reunião, usaram da palavra os srs. drs. Quirino Mealha e Marques de Almeida, este em nome do pessoal, cujas afirmações evidenciaram o reconhecido dinamismo e a modernidade de processos adoptados pelo Banco do Alentejo, que, aliando-os a uma experiência quase centenária, se transformou numa instituição sólida, prestigiosa e actualizada. A testemunhá-lo foram apontadas as iniciativas de vanguarda lançadas pelo Banco, como as «Contas Novas Para Gente Nova», a colaboração com o «Diners Club» e o serviço de «Conselheiros de Gestão», que tão assinalado êxito tem encontrado junto do público e são bem significativas do desenvolvimento da instituição. Igualmente foi focada a evolução que algumas das «rubricas» que mais traduzem esse desenvolvimento tiveram nos últimos 3 anos. Assim, de 31 de Dezembro de 1966 para 31 de Dezembro de 1969, o capital e reservas do Banco passaram de 46 para 103 milhares de contos; os depósitos, de 156 000 para 1 098 000 contos; a carteira comercial, de 85 para 543 milhares de contos, e os «lucros líquidos», apesar do elevado montante de encargos que acompanha todas as fases de desenvolvimento das empresas, passaram de 2948 para 7521. A comparação destes números le-

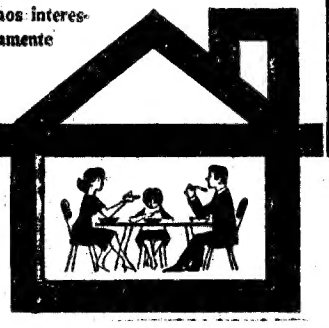
(Continua na 12.ª página)

Momento do jantar comemorativo do 95.º aniversário do Banco do Alentejo

flatulência?

o seu problema alimentar será fàcilmente resolvido através de novos métodos de alimentação racional.

Enviamos documentação aos interessados e prestamos graciosamente todos os esclarecimentos e assistência.



CENTRO DIESE
de alimentação racional
AVENIDA DA REPÚBLICA, 46-R/C
TELEFONE 767141 LISBOA

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇÃO

Actualidade internacional

UMA PONTE LIGARÁ A EUROPA À ÁSIA

ISTAMBUL, 20 — (R.) Um sonho com centenas de anos começa hoje a ser transformado em realidade com a cerimónia da colocação da primeira pedra de uma ponte que atravessará o Estreito do Bósforo para ligar a Europa á Ásua.

Para assinalar o acontecimento as sereias das fábricas e dos navios bem bricas e dos navios bem como as buzinas dos automóveis apitarão por toda a cidade durante 2 minutos quando o presidente Cevdet Sunay e o primeiro-ministro Suleyman Demirel inaugurarem hoje oficialmente as obras de construção da ponte suspensa que terá 1560 metros de comprimento.

O projecto, cujo custo está calculado em 33 milhões de dólares, é executado por um consórcio anglo-alemão e deverá estar pronto em 1973.

Desde o tempo do rei Xerxes da Pérsia, no século VI a. C., os homens têm tentado, sem êxito construir pontes para atravessar o Bósforo.

As pontes de barcaças construidas pelos antigos persas eram arrastadas pela força da corrente que passa no mar negro para o Mediterrâneo.

A ponte suspensa que vai ser construída agora ficará a ser a quarta do Mundo em comprimento, apoiada em duas torres principais com 165 metros de altura, e um tabuleiro de seis faixas a 65 metros acima da água.

Com a entrada da ponte em funcionamento o trânsito radoviário entre a Europa e a Ásia deixará de estar sujeito as longas demoras provocadas pelos «ferry-boats». Por outro lado o trânsito poderá evitar o centro da cidade utilizando as estradas circulares construídas de propósito para ligar a ponte á rede rodoviária.

A frota de doze «ferry-boats» já é actualmente insuficiente para os quatro milhões de veículos que atravessam o Bósforo todos os anos e cujo numero está sempre a aumentar.

O preço da portagem paga por cada veículo será inferior ao actual preço dos bilhetes do «ferry-boat» e o Governo turco espera que a ponte dentro de 15 anos esteja paga, passando então a produzir receita para os cofres do Estado.

Calcula-se que após a inauguração da ponte o numero de veículos que a utilizarão anualmente atingirá os oito milhões.

A entrada da ponte na margem europeia do Bósforo será o local onde a tradição afirma que o lendário príncipe Jasão desembarcou.

Do lado asiático a ponte termina junto do imponente Palácio de Mármore construído há mais de cem anos pelo sultão Abdul Aziz.

Novo embaixador britânico em Lisboa

LONDRES, 20 — (F. P.) — Foi nomeado embaixador da Grã-Bretanha em Portugal, David Francis Muirhead, actualmente embaixador em Lima (Peru), sucedendo a «sir» Anthony Lambert, que pediu a reforma.

Muirhead tem 51 anos. Antigo oficial de carreira — e diplomado pela escola militar real de Sandhurst —, participou na guerra em França e na Bélgica, antes de ser destacado para a embaixada da Grã-Bretanha em Madrid, onde desempenhou funções especiais de 1941 a 1944. Entrou para o Foreign Office em 1947, como segundo secretário. Foi nomeado, em 1948, primeiro secretário de embaixada em La Paz e, depois, em Buenos Aires, e ocupou sucessivamente cargos diplomáticos em Bruxelas e Washington, antes de ser promovido, em 1966, a subsecretário de Estado adjunto do Foreigh Office

Presos em Washington 82 manifestantes

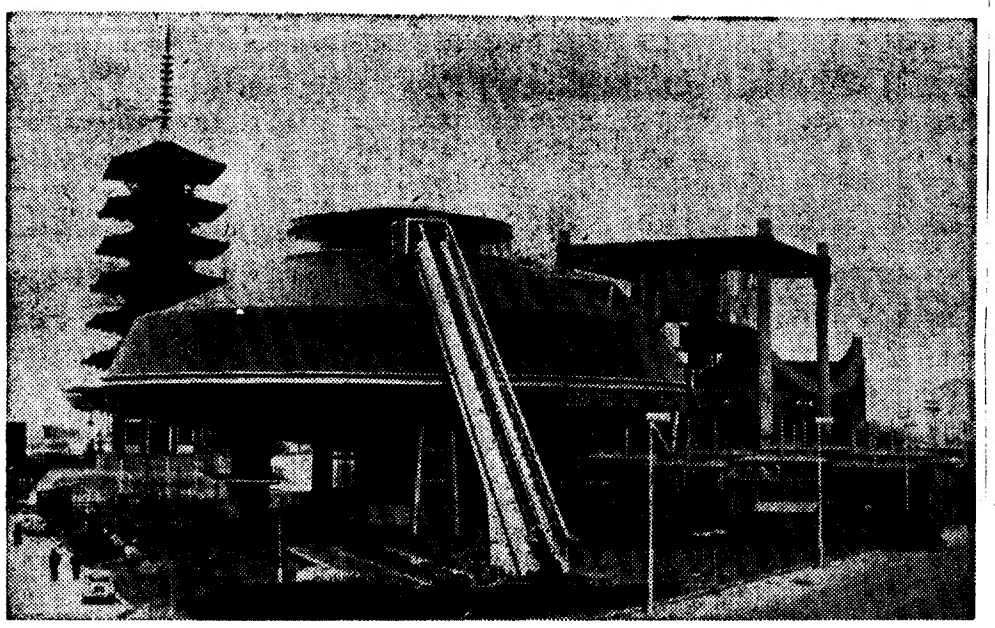
WASHINGTON, 20 — (R.) — A Polícia empregou ontem granadas de gás lacrimogéneo e bastões para dispersar uma marcha de protesto nesta capital contra o julgamento por conspiração, em Chicago.

Um informador das autoridades disse que foram presas, pelo menos, 82 pessoas.

Cerca de mil jovens realizaram a marcha de protesto até ao luxuoso complexo de apartamentos de Watergate, numa das margens do rio Potomac e perto da Casa Branca.

Grande numero de funcionários governamentais vivem no complexo, incluindo o procurador-geral John Mitchell, o secretário dos Transportes, John Volpe, o secretário do Comércio, Maurice Stans, o secretário da Saúde, Educação e Bem-Estar, Robert Finch e a secretária do presidente Nixon, Rosemary Woods.

Habitam ali, também, vários senadores.



EXPO — 70 EM OSAKA — Na segunda cidade joponesa, Osaka, tudo está a postos para a inauguração oficial da Exposição de 1970, no dia 15 de Março. Em pavilhões ultramodernos, os países participantes apresentarão os seus produtos. Na foto, vemos um dos pavilhões — semelhante a um «disco voador» — construido por uma firma japonesa para exibir a sua ultima «palavra» em electrónica

Prova difícil para Indira Gandhi

NOVA DELI, 20 — (R.) — A senhora Indira Gandhi, primeiro-ministro indiano, caminhará numa difícil corda bamba política durante a sessão parlamentar de hoje, que pode vir a ser a sua prova mais dura em quatro anos de de Governo.

Com o Partido do Congresso, que governa o país, com uma minoria de 50 lugares na câmara baixa, a senhora Gandhi, de 52 anos, dependerá do apoio dos independentes e de membros da oposição para ver aprovado um orçamento que reflectirá provávelmente o seu desejo de reformas socialistas.

A vigilância terá que ser permanente, pois uma votação adversa sobre qualquer cláusula do orçamento — a ser apresentado em 28 de Fevereiro e discutido por volta de 10 de Março — obrigaria a senhora Gandhi a demitir-se.

«... A natureza do orçamento poderá determinar se o Governo... sobreviverá até 1972, quando se devem realizar as eleições gerais» — comenta o correspondente do Parlamento do jornal independente «Hindustam Times».

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CONVERSAÇÕES SECRETAS ENTRE ROGERS E GOWON

LAGOS, 20 — (R.) — Espera-se que o papel dos Estados Unidos na guerra civil nigeriana seja um dos tópicos principais nas conversações secretas que se realizam hoje nesta capital entre o secretário de Estado americano, William Rogers, e o major-general Yakubu Gowon, chefe de Estado da Nigéria.

Rogers, que efectua uma viagem para apuramento de factos a 10 países africanos, chegou a noite passada a esta capital no meio de crescente ressentimento publico contra os Estados Unidos.

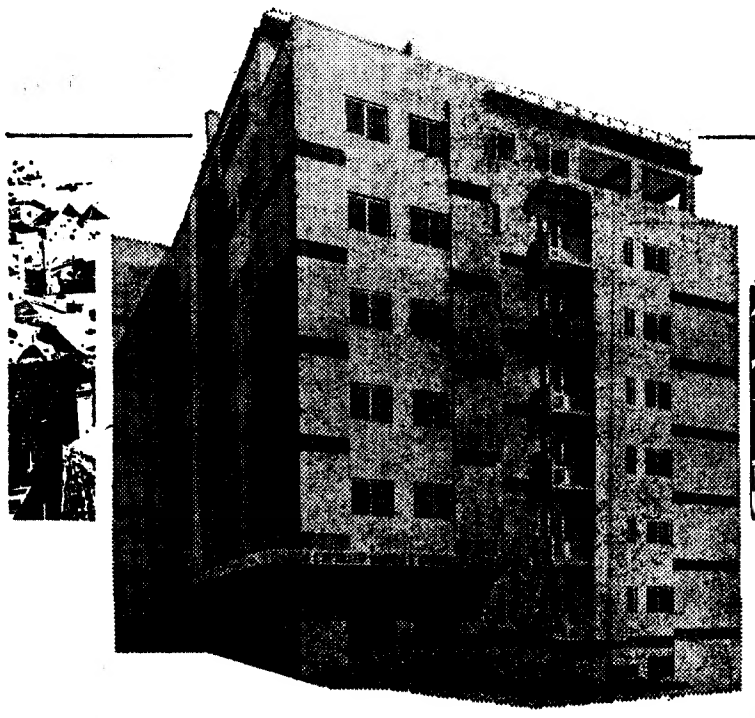
Embora a Imprensa critique a visita de Rogers, afirmando que ele vem á Nigéria coligir informações para a futura política africana do presidente Nixon, as autoridades federais ignoraram essas críticas e acolheram com agrado a participação dos Estados Unidos no desenvolvimento económico da Nigéria.

Fontes oficiais disseram que as conversações de hoje entre Rogers e o general Gowon tratariam, também, de outros assuntos de interesse mutuo entre os Estados Unidos e a Nigéria.

TRANSFERÊNCIA DA EMBAIXADA PORTUGUESA PARA BRASÍLIA

BRASÍLIA, 20 — (F. P.) — A sede da embaixada de Portugal no Brasil será transferida para Brasilia por etapas, após a data de 21 de Abril do presente ano, em que se comemora o décimo aniversário da fundação da nova capital brasileira — anunciou o embaixador José Manuel Fragoso.

Relembrando que o Governo brasileiro doou a Portugal o maior dos lotes do sector das embaixadas, o numero dois da Avenida das Nações, com 37 500 metros quadrados, o embaixador anunciou ainda a abertura de um concurso para selecção de projectos da sede da chancelaria e residência de diplomatas e funcionários.



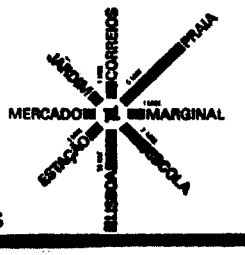
uma paisagem sobre o futuro

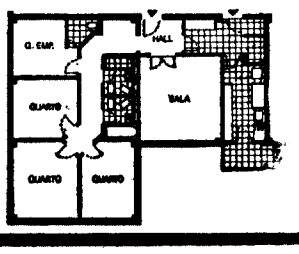
EDIFÍCIO PANORAMA

Um panorama para o futuro do seu capital

EM PAÇO DE ARCOS
UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

- EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
- JARDIM INFANTIL PRIVATIVO





EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construida pelo Eng. civil J. J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

JACQUES DUCLOS e MICHEL DEBRÉ travaram na dias um debate que foi transmitido em directo pela TV francesa. Na foto, o dirigente comunista francês e o ministro da Defesa quando dialogavam perante as camaras

ISRAEL CONSTRÓI UM SUPER-MIRAGE

— segundo «Le Figaro»

PARIS, 20 — (F. P.) — Israel está a construir um Super-Mirage cujo protótipo voará segundo se prevê, no fim de 1971 ou no princípio de 1972, escreve hoje «Le Figaro» sob a assinatura do seu enviado especial a Israel, Yves Cuau, num artigo sob «copyright» intitulado: «Israel, o grande passo em frente».

Cuau escreve que a construção do Super-Mirage teria sido grandemente facilitada pela aquisição, na Suiça, por agentes do Mossad (serviços secretos) de todos os planos do Mirage III S representando milhares de documentos, entre os quais se encontrariam todas as matrizes das máquinas-ferramentas.

Cuau indica, por outro lado, que segundo uma cláusula secreta do acordo americano-israelita acerca dos fornecimentos de Phantom e de Skyhawk qualquer aparelho abatido será substituido automáticamente, sem entrar em linha de conta nas negociações em curso para a entrega de novos aparelhos.

AVIÃO ISRAELITA ABATIDO

CAIRO, 20 — (R.) — A D.C.A. egípcia abateu a noite passada um avião israelita durante ataques contra posições egípcias, no sector central do Canal de Suez segundo revelou às primeiras horas de hoje nesta capital um informador militar.

Antes aviões egípcios efectuaram dois ataques contra posições israelitas, provocando incêndios e explosões — acrescentou o informador.

DESEMPREGO: PROBLEMA MAIS IMPORTANTE DOS PAÍSES POBRES

PARIS, 20 — (R.) — Edwin McCammon Martin, presidente da comissão de auxílio para o desenvolvimento da Organização do Desenvolvimento e Cooperação Económica, afirmou hoje que dar a mais pessoas emprego produtivo permanente poderia tornar-se o ponto principal do esforço de desenvolvimento nos anos 70.

Martin disse que esta política pagaria certamente uma combinação rara de dividendos sociais, económicos e políticos.

No relatório de 1969 da comissão, publicado hoje nesta capital, Martin declara que no passado demasiada assistência económica estivera ligada ao fornecimento de produtos e serviços.

O problema mais importante que os países mais pobres enfrentam era o desemprego, afirma Martin, que recomendou que esses países deveriam utilizar métodos intensivos de trabalho para produzir artigos de qualidade, de forma a aumentar as exportações.

Sublinhou, porem que o desemprego não podia ser mantido a níveis toleráveis a não ser que a média de natalidade em países recebendo auxílio baixasse consideràvelmente.

A comissão inclui a maior parte dos países industrializados do Mundo e é uma agência da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico

Os seus membros abrangem Portugal, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Itália, Japão, Holanda, Noruega, Suécia, Suiça, Grã-Bretanha, Estados Unidos e a comissão das comissões económicas europeias

O relatório da comissão revela que o auxílio aos países em desenvolvimento por aqueles membros aumentara em 1968 em 14 por cento para 13 biliões de dólares.

Conjura para matar Hussein

— revela o jornal «Le Jour»

BEIRUTE, 20 — (F. P.) — «Uma conjura que visava o assassínio do rei Hussein da Jordânia foi descoberta a tempo no dia de Al-Adha» — anuncia hoje o jornal de língua francesa «Le Jour», citando viajantes chegados ontem á noite a Beirute.

Esta seria a razão porque o soberano não assistiu ás cerimónias que assinalam a grande festa muçulmana, seguindo antes para Akaba» — acrescenta o jornal.

Recorda-se que pela primeira vez, na história do reino jordano, o soberano hachemita absteve-se, com efeito, de participar nas cerimónias religiosas de Al-Adha. A sua ausência que não deixou de surpreender os observadores, não foi objecto de qualquer explicação oficial, tendo sido relacionada na altura com os acontecimentos ocorridos dias antes na capital jordana

EXPULSO DA TANZÂNIA

(Continuação da 1.ª página)

actividades de Simango eram hostis tanto á Tanzânia como á própria comissão de libertação da O.U.A., pelo que o ex-dirigente tinha recebido ordem para abandonar o país.

Em Novembro do ano passado, Simango, um dos três dirigentes que formaram um triunvirato após a morte de Eduardo Mondlane, publicou um panfleto acusando os outros dois — Samora Machel e Marcelino dos Santos — de pretenderem matá-lo.

Nesse panfleto, intitulado «Situação sombria na FRELIMO», Simango dizia que a organização estava penetrada de tribalismo e nepotismo. Por esse motivo, foi imediatamente suspenso das funções de chefia e o seu futuro devia ser decidido na próxima reunião do «comité» central da FRELIMO.

Funcionários da FRELIMO explicaram a crise dizendo que Simango, que ocupava o cargo de vice-presidente no tempo de Mondlane, esperava ser escolhido para presidente após a sua morte e ficou desapontado quando, em vez disso, o conselho da presidência escolheu um triunvirato em que Simango partilhava o poder com Samora Machel, o chefe militar, e com Marcelino dos Santos, o secretário da FRELIMO para os Negócios Estrangeiros.

Semanário espanhol apreendido

MADRID, 20 — (F. P.) — O semanário «Fuerza Nueva», orgão da extrema-direita espanhola, foi apreendido na quarta feira por ordem do Ministério da Informação e do Turismo. Esta decisão é devida à publicação, no último número, de várias ilustrações consideradas subversivas, indicou ontem a agência local cifra.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

novidades D. Quixote

DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO OU ESTAGNAÇÃO?
de Armando Castro
col. "Estudos Portugueses" • 25$00

A MITOLOGIA
de Edith Hamilton
col. "Universidade Moderna" • 80$00

MODERNA TEORIA ECONÓMICA
de Jan Pen
col. "Universidade Moderna" • 55$00

A ARROGÂNCIA DO PODER
de William Fulbright
col. "Diálogo" • 30$00

O CINEMA ENTRE NÓS
de Lauro António
col. "Cadernos de Cinema" • 30$00

***

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
RUA LUCIANO CORDEIRO, 119

EM CONTINUAÇÃO DAS SUAS CAMPANHAS
CONTRA OS PREÇOS ELEVADOS
O Supermercados MODELO
(SALDANHA — MISERICÓRDIA — ALMIRANTE REIS
ESTADOS UNIDOS — FERREIRA BORGES — LUMIAR
BENFICA (PALMEIRAS) — AVENIDA DE HOMA)
APRESENTAM AS SUAS FAMOSAS QUINZENAS
OFERTAS ESPECIAIS
VÁLIDAS ATÉ 28 DE FEVEREIRO PRÓXIMO

MAIZENA GIGANTE — Só 11$80 — EM VEZ DE 15$00

SABÃO CLARIM — 2 por 7$20 — EM VEZ DE 8$00

BOLACHAS «CRISTAIS» TRIUNFO — Só 6$20 — EM VEZ DE 7$50

NESCAFÉ NORMAL — Só 11$80 — EM VEZ DE 15$00

LACAFLEX — Só 19$30 — EM VEZ DE 27$50

ÓLEO FULA — Só 16$80 — EM VEZ DE 17$50

NOS Supermercados MODELO
O SEU ESCUDO VALE MUITO MAIS

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. José Silvestre Ferreira Bossa

Na sua residência, na Avenida Álvares Cabral, 46, 2.º D., faleceu, o sr. dr. José Silvestre Ferreira Bossa, de 75 anos, viúvo, director-geral aposentado do Ministério do Ultramar.

O extinto, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, desempenhou diversos cargos, entre os quais os de juiz em Moçambique, secretário-geral da Companhia de Moçambique, subsecretário de Estado e ministro do Ultramar.

Foi ainda inspector superior da Administração Ultramarina, e governador do Estado da Índia.

Era condecorado com a Grã Cruz da Ordem Militar de Cristo.

O sr. dr. Ferreira Bossa era pai dos srs. Júlio Ravasco de Carvalho Bossa, casado com a sra. D. Irene Baptista Limpo de Ravasco Bossa; Rui de Carvalho Ravasco Bossa, casado com a sra. D. Maria Leronor Vaz; e Domínguez Barreto de Ravasco Bossa; e da sra. D. Maria José de Carvalho Ravasco Bossa Moreira Rato, casada com o sr. António José da Silva Moreira Rato (ausentes em Luanda); sogro do sr. coronel Ernesto Dionísio; e avô da sra. D. Ana Maria Ravasco Bossa Dionísio, aluna universitária, do sr. António José Ravasco Bossa Dionísio, cadete da Escola Naval, e dos meninos José Manuel, Júlio, Luís Manuel, Ana Maria, Rui Manuel e Carlos Alberto Baptista Bossa, Maria Rita, Maria João, Maria da Graça, António Luís Bossa, Luís Miguel e Margarida Maria Moreira Rato.

O funeral efectua-se amanhã (a cargo da Agência Magno), ás 10 e 30, da igreja de Santa Isabel, onde será celebrada missa de corpo presente, para jazigo no cemitério de terra da naturalidade do extinto (Safara Moura).

FUNERAIS

Dr. Colares Pereira

Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral do sr. dr. Manuel Colares Pereira, figura de destacado relevo social que se distinguiu no exercício da advocacia.

O corpo que desde a véspera se encontrava na igreja da Pena, foi ao meio-dia retirado da câmara-ardente para um autofúnebre que o transportou ao cemitério dos Prazeres.

No prestito que foi largamente concorrido tomaram parte centenas de pessoas estando largamente representadas as administrações e direcções das Companhias das Águas de Lisboa, Reunidas de Gás e Electricidade e Portuguesa de Tabacos e muitas outras, a Associação Portuguesa da Agricultura Portuguesa, etc.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	—	523$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	—	1.480$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	640$	—
Externo Série C	—	—	800$
Externo 3.ª Série	—	750$	800$
Externo 3.ª Série C	—	800$	800$
Cauções 4.ª Série	—	795$	820$
OBRIGAÇÕES			
Águas — 1.ª 5%	—	470$	—
A P 5% 56	—	—	920$
A P 5% 58	—	—	920$
C P 4 1/2% 65	—	—	925$
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U 6%	—	—	—
C U 6% 68	1.000$	998$	1.000$
Gás Elect 4% 48	—	800$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	840$	850$
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	895$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	1.015$	—
H E A Alentejo 5%	815$	—	820$
H E Cávado 5%	—	—	820$
H E Cávado 6%	1.000$	997$	—
H E Douro 5%	—	815$	820$
H E Douro 6%	1.002$	1.001$	1.003$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	1.010$	1.015$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	1.010$	1.010$	1.015$
Moçambique 5%	—	800$	—
Nac Electr 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	795$	—
Petroquímica 5%	—	855$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	900$	920$
Siderurgia 5% 2.ª	810$	805$	810$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	825$	—	830$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	82$
U E P 5% 60	—	—	820$
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.415$	2.415$	2.430$
Alentejo	1.198$	1.198$	1.199$
Angola	4.080$	4.050$	4.100$
Burnay	—	—	—
Crédit Predial	—	5.650$	5.700$
E Santo	23.000$	22.500$	23.500$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S n	—	21.000$	—
Fomento Nacional	2.700$	2.650$	2.710$
L G Açores p	—	7.400$	7.500$
L G Açores n	6.200$	6.180$	6.200$
P Atlântico p	—	—	3.450$
Portugal n	4.450$	4.430$	4.500$
Portugal p	4.450$	4.430$	4.500$
Totta Aliança	6.650$	6.600$	6.700$
Ultramarino n	3.800$	3.800$	3.850$
Ultramarino p	4.100$	4.080$	4.120$
Seguros			
Alentejo	160$	—	160$
Douro	—	—	—
Mundial	900$	900$	910$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	850$	845$	860$
Ag Casseque	—	800$	810$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	340$	330$	350$
Boror	—	—	—
Buzi	87$5	87$	88$
Cabinda	235$	283$	235$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.940$	2.940$	2.950$
H E Revué	—	—	670$
Ilha do Príncipe	—	850$	—
Moçambique	199$	199$	200$
Sonefe n	490$	485$	—
Sonefe p	500$	500$	505$
Zambézia	87$5	87$	88$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7.650$	7.660$	7.700$
Cim Leiria	—	5.400$	5.800$
Cim Tejo	—	—	7.500$
Col Navegação	1.550$	1.540$	1.570$
C U F	1.950$	1.950$	2.000$
Fab Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	4.800$	4.900$
Petroquímica	—	2.080$	2.180$
Port e Colónias	1.500$	1.500$	1.530$
Port Celulose	4.700$	4.680$	4.700$
Port Pesca	1.050$	—	1.050$
Port Tabacos	790$	785$	795$
Sacor	4.900$	4.850$	—
Siderurgia Nac	2.250$	2.240$	2.270$
Soce	3.700$	3.650$	3.700$
Tabacos de Portugal	—	1.950$	—
Tabaqueira	8.000$	7.900$	7.990$
U F Azoto	900$	900$	910$
Água Elect e Gás			
Águas Lisboa D	—	440$	445$
Águas Lisboa 34	440$	440$	—
Águas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beirus	1.710$	1.700$	1.720$
Gás Electr	454$5	454$	455$
H E Alto Alentejo	180$	—	—
H E Cávado	—	1.300$	—
H E Douro	1.315$	1.310$	1.320$
H E Norte Portugal	—	316$	330$
H E S Estrela	—	1.700$	—
H E Zêzere	1.330$	1.325$	1.330$
Nac Electricidade	1.330$	1.325$	—
Termoeléctr Port	—	1.300$	—
U E P	—	200$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	217$4	223$9
F I D E	—	181$4	185$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	13/2/70	19/2/70	20/2/70
GERAL	164,3	166,2	**167.2**
METROPOL.	153,6	155,8	**156.6**
ULTRAM.	242.7	242,8	**244,6**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$5	38$50
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$10	28$60
— Dollars de 5 a 000	28$55	28$95
Canadá:		
— Dollar de 1 a 2	25$90	26$40
— Dollar de 5 a 100	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$60	70$90
Argentina — Peso	$05	$08
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$70	8$00
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$04,3	$04,6
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$85	5$25
Suiça — Franco	6$65	6$85
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro		
Ing aterra — Libra saber	295$00	315$00
Ing aterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	38$70	35$70

RUA DO OURO, 72 Tel 321273

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito

No 95.º aniversário do Banco do Alentejo

ESCLARECIDA EXPOSIÇÃO DO DR. QUIRINO MEALHA SOBRE AS ORIGENS E EVOLUÇÃO DA FUNÇÃO BANCÁRIA

(Continuação da pág. central)

va a percentagens de aumento que se situam entre os 125 e os 600%.

Novos serviços — fruto de uma visão actualizada de gestão

Aos brindes, o director-geral do Banco do Alentejo, sr. dr. Marques de Almeida, falando em nome do pessoal, lembrou que o momento era de júbilo e orgulho, e, em seguida, focou a evolução de algumas rubricas nos últimos três anos, para assinalar o desenvolvimento e a expansão registados pela instituição, mercê, em grande parte, da dinâmica criadora de novos serviços que se adaptam aos tempos modernos e vão, assim, ao encontro das necessidades dos nossos dias. O sr. dr. Marques de Almeida analisou os benefícios resultantes para o público dos novos serviços, fruto de uma visão actualizada de gestão, e, a terminar, referiu-se à esclarecida orientação dos administradores e à dedicação e capacidade dos funcionários.

O dr. Quirino Mealha historiou a actividade da Banca e caracterizou os principais sistemas bancários actuais

Por sua vez, ao usar da palavra, o presidente do Conselho de Administração do Banco do Alentejo, sr. dr. Quirino Mealha, começou por prestar homenagem a todos aqueles que contribuiram para o engrandecimento do Banco, que tem demonstrado bem estar à altura da dimensão nacional que alcançou.

A seguir, com clareza e erudição, o sr. dr. Quirino Mealha historiou a actividade bancária desde os seus tempos mais remotos e caracterizou os principais sistemas bancários da actualidade: o inglês e o americano.

O inglês caracteriza-se por um número reduzido de bancos com uma larga rede de sucursais. Haja em vista o que acontece com os seus cinco bancos principais de depósitos — «Big Five» concentrando a maioria das operações.

O americano é a descentralização democrática a que conduz a legislação federal anti-trust e de cada um dos Estados.

Em Portugal, o sistema adoptado tem sido o da pluralidade.

Está na coerência dos princípios das suas raízes históricas e resulta da natureza da feição portuguesa.

A posição do Banco do Alentejo

Em seguida, o orador citou as fases mais marcantes da evolução da Banca do nosso País, acentuando a criação, no período de 1873 a 1875, de grande número de bancos, entre eles o Banco do Alentejo, e afirmou: «O Banco do Alentejo é o mais antigo Banco comercial, ainda existente na sua forma original e constituído com capitais privados».

• O dr. Quirino Mealha analisou a estrutura da banca internacional e nacional, apreciando o firme progresso da instituição a cujo Conselho de Administração preside.

Referindo-se às crises que determinaram a insolvência de muitos bancos — crises que o Banco do Alentejo suportou —, como aconteceu em 1876 e em 1891, o sr. dr. Quirino Mealha prosseguiu:

«No fim do ano de 1914, ano em que já se faziam sentir os efeitos da 1.ª Conflagração Mundial, apresentava 1009 contos de depósitos, apenas antecedido por 8 bancos. Destes, apenas existem, na sua forma original, o Banco de Portugal e o Banco Nacional Ultramarino. A inflação e as violentas desvalorizações monetárias que se seguiram à 1.ª Grande Guerra e a grave crise de 1929-1932 afectaram, também, seriamente as actividades bancárias, originando o desaparecimento de mais instituições dessa índole. De notar que foi exactamente durante este período que o Banco do Alentejo se tornou ainda mais actuante, com a fundação, em 1920, de uma empresa industrial na Covilhã e a criação da Filial no Porto, que manteve em actividade de 1922 a 1927, além do estabelecimento de relações através de correspondentes com as principais praças do País. Foi, também, em 1924 que procedeu ao 1.º aumento de capital, elevando-o de 120 para 3200 contos, tendo já nessa data as acções cotadas na Bolsa de Lisboa».

«O nosso País continua a ter deficiente cobertura bancária»

O presidente do Conselho de Administração do Banco do Alentejo declarou, depois, que a instituição mostra, assim, potencialidade nacional desde a sua fundação, e merece, pois, o respeito da colectividade e dos poderes públicos que a representam, e continuou:

«Na evolução de cada País há que ter em conta os seus particularismos próprios. O mesmo acontece com as instituições.

«Quaisquer medidas no sector bancário deverão ter sempre em atenção as raízes históricas das características portuguesas, caldeadas com as experiências alheias mais aconselháveis.

«É curioso acentuar que na maioria dos Países ricos ou de economia com movimento progressivo encontramos elevado número de bancos, índice de progresso económico.

Nos Estados Unidos existem hoje cerca de 14 000 bancos comerciais.

Em França coexistem grandes e pequenos bancos com sucursais. O seu número anda à volta de 400.

Na Bélgica, apesar de ter sido favorecida a concentração depois da II Grande Guerra, ainda existem 80.

Em Espanha contávamos 121 no ano de 1968».

À altura do seu âmbito nacional

E prosseguiu:

«O Banco do Alentejo, que manteve uma filial no Porto e serviços, ao tempo de larga projecção, em Lisboa e Portimão demonstrou bem estar à altura do seu âmbito nacional. Acertar o passo com as necessidades presentes, num País como o nosso, que continua a ter deficiente cobertura bancária e dos de maior número de habitantes e de depósitos por sucursal, é não só retomar a marcha do impulso que lhe dá a legitimidade ímpar do seu passado como ocupar, justamente, o lugar que lhe compete no concerto concorrencial actual do crescimento equilibrado e harmonioso da economia portuguesa ainda recentemente definido pelo Governo.

«Funcionam actualmente 3 Bancos emissores, 14 Bancos comerciais e 6 Casas Bancárias.

«O Banco do Alentejo deve ocupar actualmente o 8.º lugar no conjunto dos bancos comerciais.

«Tendo em vista uma maior capacidade financeira, consentânea com a sua expansão, têm sido efectuados sucessivos aumentos de capital, esperando-se que, muito em breve, o capital próprio do Banco se eleve a cerca de 140 000 contos.

«Rejuvenesce este Banco com espírito criador de iniciativas, entre elas as «Contas Novas Para Gente Nova» e o recente acordo de colaboração com o «DINERS CLUB», e estamos apetrechados há já tempos com um serviço especializado de «Conselheiros de Gestão», destinado, por ora, a orientar os que pretendem investir em valores mobiliários, indo assim ao encontro da política do Governo.»

E terminou:

Porque estamos todos aqui reunidos, não quero deixar de fazer um apelo. O Banco como instituição é uma comunidade de que fazem parte dirigentes e colaboradores, clientes e accionistas. Nos colaboradores, como aqui é agradável observar, predomina a mocidade que, na frescura das suas intenções generosas, não deixará de se devotar para que essa comunidade tenha algo de vivo no bom espírito que a todos nos deve unir num mesmo objectivo de servir o Banco a bem do País.»

O COLÓQUIO DE POLÍTICA INDUSTRIAL

«É FÁCIL SUCUMBIR À TENTAÇÃO TECNOCRATA»

—AFIRMOU ESTA MANHÃ O DR. PEREIRA DE MOURA

«Presentemente, já não é possível falar-se de política industrial ou de qualquer outra política sectorial, tanto nos aspectos de formulação como nos de execução, sem se possuir todo um conjunto de informações estatísticas» — afirmou, a título de justificação, o dr. Adrião Ferreira da Cunha, no início do seu relatório intitulado «Estatísticas industriais», esta manhã debatido em mais uma sessão do Colóquio de Política Industrial.

A sessão, dedicada ao tema «Planeamento», foi presidida pelo eng.º António da Costa Reis.

O relatório do dr. Ferreira da Cunha debruça-se, em primeiro lugar, sobre os «resultados práticos» que advieram para as estatísticas industriais» com a Reforma do Sistema Estatística Nacional promulgada em 1966. No entanto, a melhoria dela decorrente está longe de preencher as lacunas mais graves do nosso sistema de estatísticas industriais de modo a possibilitar a satisfação das necessidades próprias de uma Política Industrial». E acrescenta-se:

— *A deficiente cobertura estatística do sistema actual é sem duvida o seu ponto mais frágil. Existe um numero elevado de industrias extremamente importantes para a nossa economia que não são objecto de inquirição estatística pelo organismo a quem a lei atribui a função de elaboração das estatísticas de que o País carece, situação que impõe uma revisão urgente. Sabe-se que a Comissão Permanente das Estatísticas Industriais do Conselho Nacional de Estatística já definiu uma nova cobertura estatística dentro do âmbito das suas preocupações imediatas — reestruturação do sistema de estatísticas industriais correntes.*

E mais adiante:

— *É necessário dinamizar toda a linha de fabrico da informação estatística industrial a fim de que se abreviem os prazos necessários á sua elaboração.*

Segundo o dr. Ferreira da Cunha, *«a inexistência de um plano contabilístico á escala nacional dá o seu contributo para algumas das dificuldades da colheita de informações estatísticas, pelo que além de outros sectores também as estatísticas industriais ganharão com a concretização da desejada normalização da contabilidade das empresas».*

E, finalmente, diz o relatório:

— *Ao Conselho Nacional de Estatística, pelo âmbito das suas atribuições e pela sua composição, que lhe confere grande representatividade para a dinamização da promoção das estatísticas nacionais, cabe desempenhar um papel extremamente relevante nesta matéria.*

O relatório do dr. Pereira de Moura

Aguardada com grande interesse desde o princípio do Colóquio, a discussão do relatório do dr. Farncisco Pereira de Moura sobre «Planeamento industrial» finalizou os debates programados. A segunda prte do Colóquio inicia-se na segunda-feira, sendo a semana totalmente dedicada ao apuramento das conclusões.

O relatório do dr. Pereira de Moura põe de lado os aspectos técnicos do planeamento e projecção, tratando dos aspectos políticos, isto é, aqueles que exigem opções segundo um critério de «interesse nacional» A propósito, afirma-se:

— *É fácil sucumbir á tentação tecnocrata, isto é, convencer-se o técnico de que há solução meramente técnico-científica, sem exigir opção quanto a sistemas de valores sociais, para os problemas com que se debate a comunidade. Vai ainda mais longe essa tentação tecnocrata: ao difundir tal concepção entre os seus concidadãos, pela acção e pela palavra, o técnico arrora-se inconscientemente em propagandista de uma ideologia. É ponto contra o qual quereríamos, desde já, prevenir quantos vão intervir neste debate, pedindo mesmo ajuda para não cairmos, nós mesmo na aberração apontada.*

O debate centrou-se sobre três grupos de problemas expressos nestas perguntas:

— *Como tem sido o planeamento industrial português e quais as suas relações com a política industrial?*

— *Quais são os grandes problemas que requerem opções ao preparar-se um plano de desenvolvimento industrial?*

— *Porque é que essas opções devem ser vistas em conjunto, definindo uma determinada estratégia para o plano e a industrialização?*

Segundo o dr. Pereira de Moura, *«cerca do início da década de sessenta alteraram-se profundamente as condições de enquadramento da economia portuguesa e de ulterior industrialização, mas não se tiveram suficientemente em conta tais alterações nos planos. A inadaptação do planeamento industrial ás condições existentes veio agravada por sucessivas quebras de continuidade nas orientações de política».*

Quanto á segunda questão, o relatório enuncia os tópicos que impõem opção. As dificuldades reveladas por uma análise circunstanciada das técnicas de projecção levam ao ensaio de outro caminho de solução — o sistema de mercado Seguidamente, o autor de Por onde vai a economia portuguesa?» expõe a lógica de mercado e de livre empresa e o modo como funcionam os automatismos de determinação das produções, orientação dos recursos, distribuição dos resultados, escolha das localizações, obtenção do pleno emprego e realização do desenvolvimento económico — em economia com relações internacionais e limitando-se o Estado ás funções tradicionais mínimas

Diz o dr. Pereira de Moura:

— *Subsiste uma duvida: o modelo de mercado, em que ses upõem as empresas subordinadas aos interesses sociais, é compatível com uma economia de grandes unidades que chegam até á escala internacoinal? Será verdade que essas grandes empresas e grupos põem ao seu serviço a própria máquina estadual? E o que é, então, o plano?*

Diz:

— *Reforma da empresa, participação dos trabalhadores no processo do planeamento, são duas fórmulas de que se tem falado muito e que podem oferecer conteúdos diversos. Podem corresponder a uma espécie de «donativo», feito pelas forças sociais dominantes para quebrar tensões, assegurar a estabilidade e, até, para reforçar os seus ganhos pelo aumento de produtividade que o bom clima no trabalho em grupo sempre determina. Mas também podem corresponder a transformações profundas do sistema social.*

Entrando na terceira questão, simula-se o trabalho de uma equipa de planeamento industrial e de preparação da política. Á verificação da quebra dos investimentos industriais em anos recentes, responder-se-ia (segundo o autor) com um conjunto de estímulos.

O dr. Pereira de Moura conclui que são três os modelos de industrialização e desenvolvimento, entre os quais haverá que optar, em futuro próximo: uma hipótese é a estabilização dos valores e objectivos agora efectivamente em vigor, entregando aos automatismos de mercado a superação dos desequilíbrios que, por aqui e ali sempre irão surgindo; outra hipótese tem por tópicos nódicos a «modernização» dos valores e objectivos, afinhando com a Europa ocidental. Ao avanço técnico nas produções, somar-se-ão novas concepções sobre as funções do Estado e em matéria de organização e gestão empresarial, com relevo para formas limitadas de participação dos trabalhadores; e a terceira hipótese parte da destrinça entre interesses das empresas e interesses sociais e, dando prevalência a estes, começa por propor a limitação dos primeiros pelo Estado, mas com vista a uma transformação ulterior do sistema, objectivando-se os pro-

(Continua na 15.ª página)

O PROGRAMA DO COLÓQUIO

Esta tarde, realizou-se uma sessão para debate do relatório «Normalização e qualidade», do eng.º António Almeida Junior e do dr. Jorge Colaço Dias, ao qual já aqui foi feita referência e que não houvera tempo de debater na sessão de anteontem, para que estava programado.

Com esta sessão encerrou-se o programa da primeira semana que foi integralmente preenchida com sessões de debate. A partir da próxima segunda-feira e até ao dia 27, haverá duas sessões de trabalho por dia (de manhã e á tarde) para apuramento das conclusões do Colóquio.

AMPLIAÇÃO E REMODELAÇÃO DE ABASTECIMENTOS DE ÁGUA

Integrados no plano de abastecimento de água aos aglomerados urbanos, e de acordo com o estabelecido pelas Câmaras Municipais e respectivas comparticipações do Ministério das Obras Públicas, começaram os trabalhos para as instalações de duas condutas com a utilização de tubagem Lusalite para reforços de abastecimentos de água. Uma — S. Domingos de Rana a Caparide — destinada ao concelho de Cascais e outra ao concelho de Alandroal.

Por sua vez vai ter início a empreitada para a construção da conduta e redes de distribuição de água ao domicílio a Ermesinde, concelho de Valongo, importante obra em que serão utilizados mais de 38 quilómetros de igual material.

VIAÇÃO MORTAL

AMORA, 20 — Um automóvel conduzido pelo sr. Alfredo Tomás da Cruz Natário colheu mortalmente o sr. António Carlos de Jesus, de 32 anos, casado e pai de dois filhos

Visita de estudo no programa da VII Semana de Engenharia Civil

Prosseguiram hoje os actos da VII Semana de Engenharia Civil, promovida pelos alunos finalistas daquele estabelecimento de ensino superior.

De manhã, os participantes na Semana visitaram as instalações da Edifer, onde chegaram cerca das 10 horas.

De tarde, com início ás 15 e 30, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, foram apresentadas comunicações sobre: «Estudo e execução de um empreendimento complexo — o hangar n.º 6 da TAP» — Elaboração de um programa de necessidades—Coordenação de projecto — Estrutura do hangar — Engenharia Civil — Planeamento de Construção — Construção.

Sobre esta matéria dissertaram os eng.os Viana Baptista, José Godinho, Risques Pereira, João Muralha, Favila Vieira, Carlos Santana e Lopes Cabrita.

Amanhã, ás 9 horas, os participantes na VII Semana de Engenharia Civil, acompanhados por alguns professores, efectuam uma visita de estudo ás obras do hangar n 6 da TAP, no Aeroporto de Lisboa.

DOUTOR

José Silvestre Ferreira Bossa

FALECEU

Júlio Ravasco de Carvalho Bossa, sua mulher e filhos; Rui de Carvalho Ravasco Bossa, sua mulher e filhos; Maria José de Carvalho Ravasco Bossa Moreira Rato, seu marido e filhos (ausentes); Ernesto Dionísio e seus filhos e mais família, participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido Pai, Sogro, Avô e Parente, e que amanhã, às 10,30 horas, na Igreja de Santa Isabel onde se encontra depositado, será celebrada Missa de corpo presente, realizando-se o funeral em seguida para Jazigo de família no cemitério de Safara.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

À MARGEM DAS SESSÕES

● *Pedir ao Estado isenções fiscais sobre isenções fiscais que permitam promover a industrialização e a investigação tecnológica é ou não eficaz e plausível no actual estádio de desenvolvimento do nosso caseiro capitalismo e na perspectiva do empresário?* «Como nos demais países do chamado mundo ocidental também entre nós não há praticamente sector de vida económica em que a fiscalidade se não manifeste de modo mais ou menos acentuado», *lê-se no relatório ontem de manhã apresentado pelo dr. Rogério Fernandes Ferreira. O que aliás não é de espantar, tendo em conta a política económica intervencionista á margem que permitiu o desenvolvimento económico registado nas últimas décadas. Se o papel da iniciativa privada vai passar porém a ser primordial (com o discurso do eng.º Rogério Martins prevê e como a chegada á adolescência do poder do capital cá em casa justifica) não deverá o Estado incentivá-la com isenções fiscais?*

● *A sessão da tarde foi dominada pelas discussões em torno da concorrência e do condicionamento industrial. A defesa da concorrência, feita pelo dr. António Labisa, provocou alguns reparos inusitados o sr. Francisco Santos, que, numa prosa barrilada pediu «honestidade» aos industriais e «respeito» pelo consumidor; referiu a escolha cada vez mais difícil da dona de casa perante a superabundância de marcas; denunciou os malefícios da publicidade; tirou o chapéu aos Kennedy e á Aliança Cooperativa Internacional; afirmou que «nos países mais evoluídos (isto é: nos países capitalistas altamente industrializados) o consumidor é protegido (!) e «tudo está resolvido» (!). Finalmente, fez também uma vénia ao «luminoso» discurso do eng.º Rogério Martins.*

● *Contra o condicionamento ou a favor dele, as opiniões dividiram-se. Houve uma opinião radical (renovadora):* «não há nenhum país industrializado que mantenha o condicionamento». *Houve uma opinião radical (conservadora embora mitigada):* não devemos cair desumanamente sobre este instrumento que se tornou odioso mas que é neutro». *O autor desta última (dr. Ferreira do Amaral) lamentou, a propósito, que o secretário de Estado tenha feito o seu discurso na sessão inaugural: deveria ter ouvido os industriais antes de decidir... Ainda a propósito disse recear a intervenção dos interesses estrangeiros.*

O V CONGRESSO DA UNIÃO NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

O conselheiro Albino dos Reis, que usou da palavra em primeiro lugar, começou por dizer que lhe coubera presidir á abertura do Congresso, devido ao impedimento do presidente vitalício do organismo político. E afirmou:

«Esta circunstância faz-me volver o espírito para o longo passado deste Organismo em que avultava a presença dominante do Presidente Salazar, com o seu extraordinário prestígio, a nobreza do seu carácter, a intuição natural dos problemas e a autoridade eminente de Chefe incontestado. Permanecer fiel á lição cativante da sua vida, a isenção e austeridade do seu comportamento de homem público, ás iluminações do seu génio e ao seu magistério moral e político é um dever de cada um de nós, uma garantia de que não perderemos o rumo, nem erraremos os caminhos do futuro e a mais séria homenagem que podemos prestar-lhe. Inclinemo-nos, neste momento ante essa figura excepcional da nossa História. Saudemos, meus senhores, o Presidente da República, lídima e venerável expressão da unidade da Pátria, guarda intrangível da Constituição Política do Regime. Sobranceiro ás paixões que desvairam e dividem, de olhos postos apenas nos interesses superiores do País, tem sido e continuará a ser o penhor seguro da continuação do desenvolvimento pacífico das Instituições políticas, da integridade e prestígio de Portugal no Mundo. O Congresso rende certamente as suas homenagens ao Presidente do Conselho — o dr. Marcello Caetano — cujas insígnias doutorais e brilhante carreira docente, dando, embora, um alto relevo á sua personalidade de intelectual não definem, inteiramente, o homem público. Ele tem atrás de si uma larga e longa e variada experiência da política e da governação. Formado na escola de Salazar, ele conserva, todavia, a sua inteligência pessoal dos problemas da Administração e o seu estilo pessoal de estar no Poder e de governar. Ele é hoje, com todas as responsabilidades inerentes, o depositário das esperanças e dos anseios gerais por uma nova era de mais liberdades, de mais prosperidade e de mais justiça. Ele tem, por isso, direito ao nosso apoio, á nossa colaboração, á confiança que aqui lhe afirmamos sem reserva.»

«Uma sociedade menos dividida por desigualdades afrontosas e injustiças»

Depois de sublinhar que o Congresso não podia deixar de ter uma forte repercussão na opinião pública e uma profunda, «porventura decisiva», influência no plano superior da orientação da política portuguesa, o conselheiro Albino dos Reis afirmou:

«Seria uma decepção derrotante que ele constituísse apenas uma alteração formal de estatutos e uma substituição de pessoas. Se isso acontecesse, seria a melancólica conclusão de cansaço, de fadiga da longa viagem, a raiar pela impotência para acompanhar e inspirar a revolução que tem de operar-se e já está em marcha na vida portuguesa. Chegámos aqui graças aos esforços de homens excepcionais que a Providência nos deparou ao concurso de circunstâncias sàbiamente aproveitadas, e aos sacrifícios de muitos que, por espírito de união e boa vontade, souberam calar modos de ver pessoais em obediência a finalidades mais altas. Mas a lógica dos princípios, a vertigem dos acontecimentos, a complexidade dos problemas, a urgência da sua solução, a necessidade de combater um certo epicurismo de vida que começa a insinuar-se nas sociedades modernas exigem de nós mais do que modificações de estruturas e substituição de nomes. É necessário um reflorescimento de espírito e de vida que percorra e galvanize o Organismo: um reacender da chama antiga em volta de um ideal que polarize as aspirações e os anseios da juventude e enobreça os nossos esforços na transformação da sociedade portuguesa numa sociedade melhor, mais perfeita, menos dividida, por desigualdades afrontosas e injustiças. Há entre nós uma tendência para relegar a política para um plano secundário. Os gravíssimos problemas da Administração e da Economia, sobrepõem-se a tudo e longe de mim minimizar a grandeza e a premência desses problemas e a importância e influência da sua solução mesmo na esfera da Política.»

O conselheiro Albino dos Reis, em seguida, fez votos para que o Congresso se traduzisse num revigorar de coragem, de entusiasmo e de sentido das responsabilidades, para que marcasse o início de uma nova arrancada para «a construção de um Portugal melhor».

«Melhor na solidariedade e generosidade dos corações; melhor no esmagamento da dureza de egoísmos provocantes; melhor na abundância de bens e nas suas justas distribuições, melhor no culto dos valores espirituais e morais que dão nobreza e dignidade á nossa civilização, para que ela seja não só um nome, mas na realidade, uma civilização cristã» — sublinhou o orador, que, a terminar, saudou as Forças Armadas.

A União Nacional pertence ao património do pensamento político de Salazar

«Desejaram que use da palavra hoje, aqui, ao abrir do Congresso da União Nacional — uma assembleia fundamentalmente convocada para que se tirem as naturais consequências de um acontecimento transcendente, qual é o da incapacitação do senhor professor doutor António de Oliveira Salazar para o desempenho das suas altas funções nesta organização» — foi com estas palavras que o prof. Afonso Queiró iniciou a sua dissertação, passando a referir-se, em seguida, ao papel desempenhado pelo antigo Presidente do Conselho na vida do organismo político.

A dada altura, afirmou: *«Foi ele quem concebeu o organismo, presumo que haja sido ele o principal, se não o exclusivo autor intelectual dos seus estatutos, e foi ele quem, ao serem estes proclamados, autorizadamente explicou ao País a índole e as finalidades da nova associação ou organização. Depois, ao longo dos quase quarenta anos por que se projectou a sua actividade, a União Nacional veio a ser sempre por ele orientada, modelada e conformada — de tal modo que quase a podemos considerar como um desdobramento de si próprio nos domínios da quotidiana acção política não oficial ou privada. A União Nacional, é-nos lícito portanto dizê-lo, pertence ao património do pensamento político de Oliveira Salazar e constitui um dos instrumentos de realização da sua obra de estadista. Esse pensamento político foi, como todas as concepções ou filosofias constitucionais sempre naturalmente o foram, mesmo quando se limitem a abordar apenas a problemática dos mais altos princípios, existencial e históricamente condicionado.»*

Depois de aludir ao pensamento do prof. Salazar e ás suas concepções nas relações nação-Estado, o prof. Afonso Queiró disse: *«Não pretendo — ninguém isento me perdoaria que tal ousasse propor — que o pensamento do Doutor Oliveira Salazar a este respeito tenha as suas raízes directas e, de qualquer modo conscientes e deliberadas, na «Aufklärung», e seja, pois de inspiração racionalista e individualista. Propendo para admitir que há entre o filósofo de Genebra e o pensador político português uma puramente casual ou incidental coincidência de conclusões, não obstante uma flagrante dissidência nas permissas filosófico-sociais ou pontos de partida fundamentais.»*

Os pontífios romanos não desaprovavam regimes autoritários

Continuando a sua análise ao pensamento político do prof. Salazar, o orador referiu, a dada altura:

«É dever recordarmos neste ponto que a doutrina católica pré-conciliar do Estado — ou seja, portanto, aquela que de algum modo poderia ter decidido da orientação do pensamento do prof. Salazar a este respeito (funcionamento de partidos políticos) — dava muito escassa atenção ao problema da melhor forma de governo, pois, segundo tal doutrina, esse problema era, se não essencialmente, ao menos predominantemente, um problema histórico a resolver em concreto de acordo com factores como o carácter nacional, a civilização, a cultura, as tradições, a educação, a situação geográfica e o desenvolvimento de cada povo. Decisivo, para a legitimação de qualquer forma de organização constitucional, era o ser ela, ou não estar, objectivamente, ao serviço do bem-comum. Nem os pensadores católicos ortodoxos e autorizados nem os Pontífices Romanos, antes de João XXIII e do 2.º Concílio do Vaticano, desaprovavam regimes autoritários, só por o serem, nem consagravam a democracia representativa de partidos como a única forma de governo legítimo. Não custa, pois, a compreender, neste contexto, que Oliveira Salazar, homem de pensamento católico, esclarecidíssimo sobre os ensinamentos da Igreja, se sentisse inteiramente á vontade e não se revelasse, digamos assim, possuído por qualquer sentimento de pecado ou de má consciência, ao pronunciar-se franca e irrestritamente contra um Estado parlamentar de partidos para Portugal. Como, por outro lado, também não custa a compreender que lhe parecesse perfeitamente natural advogar a criação e sustentar a legitimidade de uma associação de âmbito nacional, destinada, fundamentalmente, não a constituir-se em orientadora ou condutora, por interposição de pessoas, dos negócios do Estado, impondo-se, assim, como partido único, á própria Nação e a quantos grupos, forças, ideologias e interesses se situassem no seio dela, mas, mais simples e modestamente, a defender certos princípios de reconstrução nacional e a congregar energias para a realização desse sucinto evangelho.» (...) *«Salazar considerou, assim, que, entre os cidadãos e o Estado, não se iria situar um partido que monopolizasse as opções políticas e coarctasse os direitos cívicos dos indivíduos. «Há-de reconhecer-se que fora dela (da União Nacional) existem e podem sempre existir pessoas a quem, tenham ou não as mesmas ideias fundamentais, são reconhecidos nas leis direitos políticos» — insistiu ele em dada altura. E disse noutro momento que a União Nacional não iria ser uma espécie de padrão por onde se haveria de aferir a inteligência e o patriotismo dos homens.»*

A U. N. desempenhou um papel relativamente apagado no regime

A dada altura o prof. Afonso Queiró que afirmou não poder nunca a U. N. ser considerada como um partido totalitário e ter o organismo desempenhado sempre no regime um papel relativamente apagado para invocar a opinião do prof. Maurice Duverger disse:

Falando ex-catedra e portanto com especial responsabilidade de quem ensina, teve, por sua vez, o professor doutor Marcello Caetano ocasião de reconhecer, referindo-se á União Nacional, que «nunca as funções públicas foram reservadas aos seus filiados, nem sequer as governamentais»; que a sua disciplina tem sido frouxíssima; que a oposição não tem sido ilegal, podendo organizar-se nas épocas eleitorais, sendo certo que também «a União Nacional tem funcionado sobretudo nos períodos eleitorais, para apresentação das candidaturas pró-governamentais e organização das respectivas campanhas»; e que, permitindo os estatutos uma certa autonomia de correntes monárquicas e republicanas, o organismo se não apresenta como meramente coordenador da acção chamada «nacionalista».

E dirigindo-se directamente aos congressistas, o orador afirmou:

«É, Senhores Congressistas, a uma reapreciação dos princípios, da actualidade, da estrutura e das funções do organismo cuja génese, cuja índole e cujo significado pretende sintèticamente explicitar, que nos vamos dedicar seguidamente, em sessões de trabalho que vão ter início. Não me cumpre, com certeza prognosticar para que horizontes se voltarão os nossos olhos nem antecipar o sentido das vossas opções.»

A terminar, e depois de sublinhar que «a estrutura do organismo continua a não impor-se de per si que fique prejudicado o exercício do direito de livre associação política para terceiros cidadãos» o professor Afonso Queiró disse:

«Da ordem do dia do Congresso faz ainda parte a designação dos titulares dos órgãos centrais da nossa Associação. Lógicamente, será só após o estudo e aprovação das previstas alterações estatutárias que cumprirá deliberar sobre este ponto. Mas eu sinto-me tentado a derrogar os bons princípios de direito a este propósito e fazer desde já uma proposta á assembleia plenária aqui reunida. Sinto-me legitimado para o fazer, no termo destas palavras quase exclusivamente dirigidas a realçar a figura de Salazar como pensador político e a destacar a sua clarividência e equilíbrio como executor do seu próprio pensamento. Agora que ele deixou de poder presidir efectivamente á organização que ideou e ordenou com inigualável devoção ao serviço dos grandes e permanentes interesses do País, parece-me indiscutìvelmente apropriado que ele seja desde já proclamado — melhor aclamado — presidente honorário da Organização. É o que, com sincera emoção, tenho a honra de propor.»

Encerrada a sessão inaugural, os congressistas tiveram a primeira sessão de trabalhos, presidida pelo conselheiro Albino dos Reis, secretariado pelos drs. Ramiro Queiró e Amílcar Mesquita. Cerca das 15 horas, uma representação dos participantes no Congresso apresentou cumprimentos ao Chefe do Estado, no Palácio de Belém. Pouco depois, teve início a segunda sessão de trabalhos.

Em três linhas

Foi nomeado para desempenhar o cargo de capitão do ponto de Cascais, em substituição do capitão-tenente José de Magalhães Sidanha Gomes Mota, o oficial da mesma patente sr. Pedro Pinto Basto de Sá de Azevedo Coutinho.

///

Na Casa da Covilhã prossegue esta noite, pelas 21 e 30, a reunião da respectiva assembleia geral para eleição dos novos corpos gerentes daquela agremiação regionalista.

///

O Governo autorizou a empresa pública Telefones de Lisboa e Porto a emitir, para subscrição pública, 50 000 obrigações do valor nominal de 1000$00 cada uma.

///

Assume as funções de ajudante notarial em Torres Novas o sr. João José Coucinho de Sousa, transferido de Penamacor.

ECLIPSE DA LUA AMANHÃ (invisível para nós)

Amanhã ocorrerá o primeiro dos quatro eclipses deste ano, parcial da Lua, entre as 5 horas e 59 minutos e as 11 e 1.

O fenómeno será visível, no princípio da fase da sombra, na América do Norte e do Sul, na parte noroeste do Atlântico, em grande parte do Pacífico, na Nova Zelândia, no extremo nordeste da Ásia e nas regiões árcticas; e o fim poderá ser observado na América do Norte e em grande parte da América do Sul, na parte noroeste do Atlântico, no Pacífico, na Nova Zelândia, na parte oriental da Austrália, na parte nordeste da Ásia e nas regiões árcticas.

O eclipse não será, pois, visível para nós.

Novo doutor pela Faculdade de Letras de Coimbra

COIMBRA, 20 — Na Sala Grande dos Actos da Universidade terminaram esta manhã as provas de doutoramento, pela Faculdade de Letras, prestadas pelo sr. dr. José Pires Ferreira da Silva.

Presidiu o sr. prof. dr. Costa Pimpão, director daquela Faculdade e o júri era constituído pelos srs. profs. A. Moreira de Sá e Délfio dos Santos, da mesma Faculdade de Lisboa, e ainda por todos os professores catedráticos da de Coimbra.

A prova constou da apreciação e defesa da tese do candidato, subordinada ao tema «Aprendizagem de uma estrutura operatória formal». Foram arguentes os srs. profs. drs. Délfio dos Santos e Moreira de Sá, e o candidato prestou provas muito brilhantes.

No final, o júri reuniu e aprovou o sr. dr. José Pires Ferreira da Silva.

O novo doutor foi muito cumprimentado pelos seus amigos e admiradores.

ANDARES

À AV. DUQUE D'ÁVILA

Magníficas hab. em prédio de luxo, compostas de 5/6/8 div. soalhadas, cozinha, copa, 3 e 4 casas de banho, despensa, roupeiros, hall, grandes varandas.

Facilita-se parte.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DE ADMINISTRAÇÃO E REVISORES DA IMPRENSA

ASSEMBLEIA GERAL

Convoca-se a Assembleia Geral Ordinária para as 16 horas do dia 28 do corrente na Casa da Imprensa, Rua da Horta Seca 20 com a seguinte ordem de trabalhos:

APROVAÇÃO DE CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1969

Não comparecendo número legal de sócios, reunirá a Assembleia Geral, em segunda convocação ás 17 horas no mesmo local e dia.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1970.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) SAPHERA COSTA

Concurso do «Diário de Lisboa» com o apoio da IBÉRIA

CINEMA, VIAGENS E DINHEIRO

— PRÉMIOS QUE FICAM AO ALCANCE DA «MAJA DE PORTUGAL - 1970»

Estão batidos, por larga margem, todos os «records» de inscrição no concurso para «Maja de Portugal-1970». É incontestável a extraordinária afluência de candidaturas a este certame organizado pela Associação Goya Internacional que tem o apoio da Ibéria (Lineas Aéreas de España).

Muitas jovens com o legítimo desejo de atingirem a fama e certa fortuna, responderam ao convite feito nas colunas do «Diário de Lisboa». O júri prévio esta a braços com um problema difícil: seleccionar, de entre as candidatas, as pretendentes que patenteiem (através das fotos que nos remetem) maior fotogenia, mais irradiante simpatia. Tarefa rodeada de agudos espinhos, saliente-se.

Hoje apresentamos mais uma concorrente que passa à eliminatória seguinte: Cecília da Silva Caldeira, de 18 anos, estudante na Figueira da Foz, e ali residente (Rua Raimundo Esteves). Outra cidade portuguesa ja com candidata à faixa de «Maja de Portugal» e (quem sabe) a voos mais largos — título deslumbrante de «Maja Internacional-1970». Este título vale, no mínimo, umas dezenas de contos de réis, um passeio aos Estados Unidos da América do Norte, um automóvel e um contrato para filmar.

Lembramos que até ao próximo dia 28 do corrente recebemos inscrições das concorrentes. Basta, para tanto, que as jovens interessadas nos remetam, devidamente preenchido e com as fotos requeridas em anexo o cupão que incluímos em todas as nossas edições. Depois, é apenas questão de tempo. O júri escolherá as raparigas (solteiras com mais de 18 anos de idade e marcante fotogenia) que vão atingir a fase final da eleição o momento em que se decidirá qual a jovem portuguesa que ao lado de representantes de outros 29 países, estara em Saragoça (Espanha) na «corrida» para o título de «Maja Internacional-1970»

Cecília Caldeira estudante na Figueira da Foz, tambem candidata ao titulo de «Maja de Portugal»

CONCURSO

MAJA DE PORTUGAL

Uma realização do «DIARIO DE LISBOA» com o patrocinio da IBERIA (Lineas Aereas de España)

Nome .....

Morada ..... Telef .....

Idade ..... Profissão .....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diario de Lisboa» Rua Luz Soriano 44-48, LISBOA

Colóquio de Política Industrial

(Continuação da 13.ª página)

fundas «reformas» da empresa.

Em conclusão, diz o dr Pereira de Moura:

— *Voltando ao início do debate, são numerosos e importantes os problemas técnicos do planeamento industrial; mas as técnicas que lhes respondem revelam-se inoperantes, e os planos transformam-se em meros exercícios académicos, enquanto não estiverem traçadas as linhas mestras da evolução pretendida. Para preparar a política industrial e planear impõem-se opções, e opções que obedeçam a modelos coerentes de progresso social. As fórmulas compromisso apenas são válidas quando não arrastam contradições — ensinamento que as experiências modernas de desenvolvimento industrial confirmam, tanto entre nós como pelo resto do mundo.*

Informa a Sociedade Estoril:

Prevalece o horário da linha de Cascais

Com o pedido de publicação recebemos da Sociedade Estoril o seguinte comunicado:

«De acordo com a nota que a «Estoril» publicou na imprensa em 15-1-1970, vem de novo a público para dar os resultados do inquérito feito, a todos os senhores assinantes anuais e mensais, sobre o horário que deveria vigorar, se o presentemente em curso, se o que vigorou até 28 de Dezembro último.

O inquérito foi iniciado em 20 de Janeiro p. p., com o fornecimento de dois boletins e o pedido de devolução de um deles até 10 do corrente. Como era fundamental o conhecimento da opinião, da totalidade dos senhores assinantes, a «Estoril» relembrou e pediu, quer na imprensa diária, quer por avisos ao público nos comboios e estações, que todos entregassem os seus boletins, prorrogando a data da entrega até 18 de Fevereiro.

Feita a contagem dos boletins recebidos, verificou-se que dos cerca de 30 000 assinantes, sómente 9591 deram a sua opinião, o que representa 32,0 % e que destes, 5858 preferem o antigo horário.

Como a «Estoril» tem que atender à preferência da maioria dos seus utentes e como 30,5 % dos senhores assinantes preferiram o actual horario e e será mantido em funcionamento, substancialmente melhorado, com a entrada em serviço do novo material circulante, em fase de acabamentos, esperando então poder dar satisfação a todos os seus utentes»

DOMINGOS DE AVELLAR SOEIRO

O encarregado das Relações Exteriores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil sr. Domingos de Avellar Soeiro, que hoje completou dez anos de actividade naquelas funções, reuniu-se no Centro de Convívio do L. N. E. C. com os representantes dos órgãos da Informação aos quais ofereceu um almoço.

ASSIM VAI O TOTOBOLA..

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 25 – 9.ª Época

Açores — 11X X2X 112 X11X; O Alcoa — 1X1 111 2XX 1111; Brados do Alentejo — 121 X21 1X2 1112; Cavalgada do Ritmo — 11X 121 12X X1X1; Comércio de Portimão — 112 121 111 11X1; Correio dos Açores — 11X 122 XX2 111X; Correio do Vouga — 11X 121 111 1111; Defesa de Espinho — 112 1X1 111 1111; Eco do Funchal — X12 121 X1X 1111; Ecos do Desporto — 11X 121 XX2 111X; O Distrito de Setúbal — 111 121 1X2 1111; Estrela da Manhã — 112 12X 11X 1111; Eu Sei Tudo — 111 12X 1X2 111X; Folha do Domingo — 111 121 XX2 1111; Gazeta do Sul — 112 XXX 1XX 1111; A Ilha — XXX 121 11X X111; Imagens Piedenses — 111 X21 XXX 2111; O Jornal de Felgueiras — 211 121 221 11X1; Jornal do Fundão — 111 1X1 12X 1XX1; Jornal da Lixa — 112 121 X12 11X1; Jornal do Sul (AD) — 111 121 1X2 X1X1; Jornal do Sul (TL) — 11X 121 1X2 X1X1; Jornal de Viseu — 112 12X 1X2 1X12; Linhas de Elvas — 111 1XX 1X1 1111; Notícias da Amadora — 112 111 X2X 1X1X; Notícias de Chaves — 1X2 121 X11 1112; Notícias de Felgueiras (SD) — 111 X21 112 11X1; Notícias de Felgueiras (Tot) — 11X 121 1X2 1111; Notícias de Guimarães — 11X 1XX X12 1112; Diário de Lisboa — X11 121 222 111X; Onda da Manhã — 112 12X 112 X121; Brado Africano — X12 111 112 X12X; Diário — 1X1 1X1 21X 11XX; Notícias da Beira — 112 1XX 112 1221; Notícias — 111 1XX 11X 11X1; Domingo Alegre — X11 12X 11X 1XX1; Roteiro Sonoro — 112 121 X12 21X1; Terceiro Programa — 11X 12X 1X1 X111; Passatempo — 11X 1X1 112 X2X2; Cidade 70 — 111 121 111 2XX1; Bondiazinho — X11 121 21X 211X; Vamos Jogar no Totobola — X1X 122 1X1 2112; A Nossa Chave — 112 121 1XX 1111; Notícias do Totobola — 111 1X1 X12 1111; Diário — 112 12X XX2 11XX; Apostolado — 1X2 X21 21X 111X; Comércio — 11X 121 1XX 1111; O Porto — 112 122 X22 X111; Norte Desportivo — 11X 1X1 X12 1111; Vamos à Bruxa (Adesivo) — 112 121 1X2 11X1; Vamos à Bruxa (D Conchita) — 111 1XX 112 1111; Coluna Sagrada — 11X 122 X22 1X11; A Ordem — 112 121 1XX 21X1; Rádio Placard (RCP) — 111 1X1 112 1X11; Rádio Placard (RCP de LX) — 11X 12X 1XX 1111; Rádio Placard (ENR) — 112 112 1X2 1111; Resenha Desportiva — 11X 1X1 112 111X; Prog. Sem Nome — 111 12X 11X 11X1; Rádio Clube do Norte — 111 21X 112 1X12; A Voz — 111 122 XX2 111X; A Voz Desportiva — 112 121 122 1121; A Voz do Domingo — 112 121 1XX 1111; Voz de Lamego — 112 121 11X X112; A Voz de Palmela — 112 12X 111 1X11; A Voz dos Ridículos — 112 121 111 1111; Almanaque — X11 12X 2X2 1111; Auto Rádio — 112 12X 11X X112; Boletim Desportivo RP — 112 12X XXX 1111; Boletim Desportivo TA (RCP) — 112 121 122 1X12; Cantinho Ricardo Lemos — X1X 1X1 1XX 1111; A Comarca de Arganil — 11X 12X X12 111X; O Comércio de Leixões (Desp) — 112 121 1X2 11X1; O Comércio de Leixões (DTU) — 111 121 112 1X1X; O Comércio do Porto — 11X 1X1 11X 1X11; O Concelho de Estarreja — 11X 12X 11X 1111; Correio de Coimbra — 111 1XX 1XX 111X; Correio do Douro — 112 121 112 111X; As 10 Espere Por Nós — 11X 1XX X22 111X; De Tudo Um Pouco — 112 12X 112 1111; A Defesa — 11X 121 X12 1111; Diário de Coimbra — 112 121 1X2 1111; Diário da Manhã — 111 1X1 X1X 1X1X; Diário do Sul — 11X 122 122 1111; Emissora Oficial da Guiné Portuguesa (D) — 112 12X X1X X21X; Dos Fracos Não Reza a História — 122 222 112 1111; Ideal Rádio 6 — 112 121 11X 1111; Jornal do Barreiro — 112 121 XX2 X111; Jornal da Beira — 11X 1X1 X1X 121X; Jornal de Sintra — 112 121 1X1 1111; A Lição do Menino Quim — 112 11X 112 1111; Litoral — 112 121 121 1111; Maria da Fonte (Desp) — 1X2 121 12X 1111; Maria da Fonte (VP) — 11X 1X1 X12 1111; Momento do Totobola — 112 111 1X1 1111; Música e Desporto — 112 121 X1X 112X; Notícias d'Évora (VJT) — 112 12X 1XX 1111; Notícias d'Évora (VD) — X12 121 X21 111X; Notícias do Douro — 112 1X1 112 1111; Notícias de Gouveia — 11X 1XX 1X2 1112; Notícias da Guiné — 11X 12X 11X 1111; Correio de Coimbra — 111 1XX 1XX 111X; Correio do Douro — 112 121 112 111X; As 10 Espere Por Nós — 11X 1XX X22 111X; De Tudo Um Pouco — 112 12X 112 1111; A Defesa — 11X 121 X12 1111; Diário de Coimbra — 112 121 1X2 1111; Diário da Manhã — 111 1X1 X1X 1X1X; Diário do Sul — 11X 122 122 1111; Emissora Oficial da Guiné Portuguesa (D) — 112 12X X1X X21X; Dos Fracos Não Reza a História — 122 222 112 1111; Ideal Rádio 6 — 112 121 11X 1111; Jornal do Barreiro — 112 121 XX2 X111; Jornal da Beira — 11X 1X1 X1X 121X; Jornal de Sintra — 112 121 1X1 1111; A Lição do Menino Quim — 112 11X 112 1111; Litoral — 112 121 121 1111; Maria da Fonte (Desp) — 1X2 121 12X 1111; Maria da Fonte (VP) — 11X 1X1 X12 1111; Momento do Totobola — 112 111 1X1 1111; Música e Desporto — 112 121 X1X 112X; Notícias d'Évora (VJT) — 112 12X 1XX 1111; Notícias d'Évora (VD) — X12 121 X21 111X; Notícias do Douro — 112 1X1 112 1111; Notícias de Gouveia — 11X 1XX 1X2 1112; Notícias da Guiné — 11X 12X 11X X111; Mundo Desportivo — X12 12X 111 1111; Notícias de Penacova (Totof) — 11X 121 11X 1111; Notícias de Penacova (Totof) 112 12X 11X 1111; Passatempo — 112 121 111 X1X1; Peça Que Não Maça — 11X 1X1 11X 1111; Penalti — 112 111 111 1111; Póvoa de Lanhoso (CA) — 111 121 1XX 1111; Póvoa de Lanhoso (Desp) — 112 111 121 1111; Povo Algarvio — 112 12X 122 1111; Prog. Electro Mecânico — 112 1X2 X11 X1X1; Prog da Manhã — 11X 1XX 111 12X1; Só Rádio — 112 112 XX2 111X; A Rabeca — 112 121 1XX 1111; Rádio Ribatejo — 112 121 X12 1X12; Rádio Sports — 112 111 111 1111; Reconquista — 112 121 122 1111; Renovação — 112 121 1XX 1111; Repórter do Dia — 11X 1X1 1X2 1111; Repórter do Dia (Angola) — 112 121 11X 1111; República — X12 121 112 1111; O Setubalense — 111 12X X22 1111; Sorriso da Hora do Almoço — 1X1 X1X 2XX 1112; Sporting — 11X 121 XX2 1112; O Templário — 212 12X 111 1111; Terra Alta — 111 12X 111 1111; Novidades — 11X 121 X11 1X11; Voz do Casa Pia — 11X 121 1X2 1111.

RESUMO

CONCURSO N.º 25

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	Leixões-U. Tomar	113	12	2	10	1	1
2.	Setubal-Barreirense	118	7	2	10	1	1
3.	Braga-Porto	31	35	61	3	3	6
4.	Sporting-Varzim	116	7	2	10	1	1
5.	Boavista-Benfica	12	27	88	1	3	8
6.	Cuf-Guimarães	78	30	10	7	4	1
7.	Académica-Belenenses	86	33	8	8	3	1
8.	Penafiel-Beira-Mar	65	44	18	6	4	2
9.	Marinhense-Tirsense	25	43	59	2	4	6
10.	Salgueiros-Sanjoanense	104	17	6	10	1	1
11.	Luso-Seixal	107	15	5	10	1	1
12.	Torriense-Portimonense	99	22	6	9	2	1
13.	Tramagal-Oriental	89	24	14	9	2	1

E o prognóstico lógico será: 112 121 112 1111

(a) Nos termos do Art.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONCESSÃO DA EXPLORAÇÃO DE INSTALAÇÕES HOTELEIRAS NO AEROPORTO DE SANTA MARIA

1. **Faz-se publico que, no dia 19 de Março de 1970, pelas 15 horas, na sede da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, Avenida da Liberdade, 193, em Lisboa, e perante a comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso publico para a concessão da exploração do Hotel e do Restaurante e Bar do Terminal no Aeroporto de Santa Maria.**

2. **Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc. 10 000$00 (dez mil escudos) na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais, á ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, até ás 15 horas da véspera do dia do concurso, mediante guia passada pela Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, Avenida da Liberdade, 193, em Lisboa.**

3. **O depósito provisório pode ser substituido por garantia bancária prestada a favor da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, devidamente aprovada por Sua Excelência o Ministro das Finanças, por intermédio da Direcção-Geral da Fazenda Pública.**

4. **O depósito definitivo será de Esc. 100 000$00 (cem mil escudos).**

5. **O Programa do Concurso e o Caderno de Encargos relativos á concessão poderão ser consultados ou adquiridos, durante o prazo do concurso, na Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, 193, em Lisboa, ou na Secretaria do Aeroporto de Santa Maria, na Ilha de Santa Maria, Açores, ou ainda na Secretaria do Aeroporto de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, Açores.**

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 13 de Fevereiro de 1970.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL

C. THEMUDO BARATA

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos.
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo o vento era fraco e havia nebulosidade em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 5°,3 mínima: Figueira de Castelo Rodrigo —2°,6

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 11°,5; na água do mar: 4°

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 4°; Pennas Douradas, 1°; Coimbra, 4°; Portalegre, 1°; Lisboa, 0°; Faro 2°; Funchal, 4°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo e vento fraco; nevoeiro ou neblina em alguns locais, durante a noite e manhã.

Amanhã
Nascer ás 8 e 22
Ocaso ás 19 e 20

Dia 21 Dia 1 Dia 7 Dia 14

MARES.

PREIA-MAR — Hoje — 4 (3,8 m); 10 e 22 (3,6 m) Dia 21 — 4 e 30 (3,9 m); 16 e 48 (3,7 m), Dia 22 — 4 e 59 (3,9 m); 7 e 8 (3,7 m) BAIXA-MAR — Hoje — 9 e 46 (1,2 m); 21 e 51 (1,2 m) Dia 21 — 0 e 12 (1,0 m). 22 e 20 (1,- m) Dia 22 — 10 e 43 (0,9 m); 22 e 51 (1,0 m).

CHEGOU O «IMPÉRIO»

O paquete ficará imobilizado um mês para afinação das máquinas

alagadas a 400 milhas de Cabo Verde

Rebocado pelo salvadego holandês Jaco van Heenskerk», chegou hoje, de manhã, ao Cais da Rocha Conde de Óbidos, onde atracou, o paquete «Império», que, no dia 9 do mês passado, quando seguia com um contingente de tropas para África, sofreu uma avaria, com alagamento da casa das máquinas, a cerca de 150 milhas a sul de Dakar e a 400 milhas a sueste de Cabo Verde.

O comandante do navio, capitão da Marinha Mercante, Oscar Guimarães, declarou à Imprensa que a vida a bordo durante a viagem de regresso a Lisboa se processou normalmente, dentro das restrições decorrentes da situação.

Acerca dos eventuais perigos que poderiam ter resultado do acidente, declarou o comandante Óscar Guimarães:

— *As hipóteses podem ser muitas. É bastante difícil definir o risco que pudemos ter corrido. Podiam ser vários e não foi nenhum.*

Não houve situações de alarme

E acrescentou:

— *Não houve situações de alarme. As tropas encararam a situação com a maior calma. Continuou a haver guitarradas e cantares durante a noite. Não havia luz mas continuavam a tocar. Era por tacto...*

O alagamento, segundo informou, foi detectado no dia 9 de Janeiro, ás 11 e 40 da manhã. «*Exactamente* — disse — *devido a uma ruptura de um encanamento. A primeira assistência só se verificou no dia seguinte, ás 18 horas, quando o navio-frigorífico português «Transfrio» chegou perto do «Império» Só no dia 11 chegou o «Almeirim».*

Ficaram a pairar três dias a cerca de 150 milhas a sul de Dakar. O mar estava em vaga moderada e vento fresco Foi o rebocador grego «Nissos Nykonos» que levou o «Império» para Cabo Verde, onde desembarcaram as tropas».

O regresso

A casa das maquinas esteve inundada 13 dias. Toda a maquinaria ficou submersa. A altura das águas atingiu 5 metros, com um volume de água de 2400 m³.

Durante o trajecto, que durou 12 dias e 15 horas (de S. Vicente a Lisboa a viagem normal leva 5 dias), procedeu-se á recuperação da maquinaria que esteve submersa. Algumas das máquinas chegaram já a trabalhar. O «Império» vai agora para o estaleiro, possivelmente um mês.

O paquete foi apoiado, durante a viagem para Lisboa, pelo rebocador «Monsanto», da Companhia Nacional de Navegação, a que pertence o «Império», para para proceder a qualquer auxílio necessário o que não foi preciso.

O comandante do navio, que foi cumprimentado á chegada pelo dr. Santos Júnior presidente do conselho de administração da Companhia Colonial, pediu aos jornalistas:

— *Gostaria que fizessem referência á Administração da Companhia, que nas horas mais amargas e difíceis teve sempre palavras de encorajamento, e isso ajudou-nos muito a encarar a situação com a filosofia necessária.*

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Se é possivel uma boa continuidade de fornecimento de energia eléctrica, efectuando constantes trabalhos de reparação e ampliação das nossas redes.

Por isso, no próximo Domingo, será interrompida a corrente para trabalhos urgentes, nos Sectores e Zonas seguintes durante as horas abaixo indicadas:

6.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua Duques de Bragança entre Rua Vítor Cordon e Largo do Picadeiro. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Praça D. Pedro IV entre a Calç. do Carmo e L.º D. João da Câmara. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Rua Gualdim Pais, Trav.ª da Amorosa, Beco dos Toucinheiros, Vila Emília e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Calç. do Carrascal, Quinta do Carrascal, Rua Capitão Roby (parte) e imediações. (Das 8 ás 12 h.).

1.ª Zona — **Concelho de Cascais: S. Pedro do Estoril: AREIAS:** Av.ª Brás Fernandes, Rua Eduardo Schwalbach, Rua Barbosa Collen, Rua Adelino Mendes, Rua Herculano Nunes e Estrada das Areias. (Das 8 ás 15 h.).

2.ª Zona — **MONTE ESTORIL:** Av.ª Sanfré, Rua Belmonte, Av.ª Senhora do Monte da Saúde, Av.ª Castelhano. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **COBRE:** Av.ª do Ultramar. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **TRAJOUCE:** Casal do Clérigo. (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Sintra: PÊRO PINHEIRO:** Av.ª Marechal Carmona. (Das 8 ás 15 horas).

6.ª Zona — MERCês. (Das 8 ás 15 horas).

7.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** Espargal (parte), Bairro Siturno e imediações. (Das 10 ás 15 horas).

8.ª Zona — **PAÇO DE ARCOS: B.º Novo do Espargal:** Rua Eng.º Bonneville Franco, Rua Filipe Taylor, Rua Marquês de Fronteira, Rua Veiga Beirão, Rua Curry Cabral e Ruas Adjacente. (Das 8 ás 15 horas)

9.ª Zona — Santo Amaro de Oeiras. (Das 8 ás 17 horas).

10.ª Zona — Oeiras (parte). (Das 8 ás 15 horas).

11.ª Zona — **AMADORA:** Falagueira. (Das 8 ás 15 horas).

12.ª Zona **Concelho de Santarém:** AMIAIS DE BAIXO/ /VALE DE SANTARÉM. (Das 8 ás 14 horas).

13.ª Zona — **Concelho do Cartaxo:** CRUZ DO CAMPO/ /CARTAXO e linha de A. T. entre Cruz do Campo e Santarém. (Das 8 ás 14 horas).

14.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras:** CASAL DO CORADO / BARRO / TURCIFAL / CARVALHAL / FREIXOFEIRA/PAÚL e cabo linha entre Torres Vedras e Paúl. (Das 8 ás 14 horas).

Dois mortos num acidente à saída de Tomar

TOMAR, 20 — Esta madrugada, quando se dirigia desta cidade para Coimbra, um veículo publicitário da companhia teatral encabeçada por Henrique Santana teve um desastre de que resultou a morte dos dois ocupantes: Elisiário Américo Monteiro, de 50 anos, casado, ajudante de contra-regra, residente em Lisboa, e José Manuel Teixeira, de 30 anos, casado com uma corista do teatro Maria Vitória, condutor do automóvel. Tinha sido contratado anteontem para acompanhar a digressão pela província da Companhia de Teatro Alegre.

O acidente ocorreu a dois quilómetros de Tomar, junto ao quartel da cidade. O veículo despistou-se numa subida e, sem qualquer justificação aparente, foi enfeixar-se numa árvore, á sua esquerda.

Os corpos encontram-se depositados na casa mortuária do cemitério local.

De vez em quando

Começou hoje, no Hotel Estoril-Sol, o V Congresso da União Nacional, com o principal objectivo de se pronunciar sobre um projecto de alteração dos estatutos daquele organismo político. Há cinco dias, o eng.º Rogério Martins apontou a necessidade de uma reforma completa das estruturas em que assenta a industria nacional. No dia seguinte, na cerimónia de posse dos novos dirigentes da União de Grémios dos Espectáculos, o dr. Caetano de Carvalho afirmava: «Temos de nos actualizar». Ontem, em Coimbra, ao tomar posse do cargo de reitor da Universidade, o prof. Gouveia Monteiro apontou a urgência de dar aquela instituição uma «feição da sua era» para o que seria fundamental rever «as disposições vigentes, tantas delas desactualizadas, injustas ou mesmo iníquas». Alterar, reformar, actualizar. Afinal estamos todos (ou quase todos) de acordo.

V. D.

A homenagem ao dr. Manuel Telles

É já na próxima segunda-feira que se realizará, na Varanda do Chanceler, ás 21 horas, com a presença dos srs. secretários de Estado da Informação e Turismo e do Trabalho e Previdência, o jantar de homenagem promovido pela União de Grémios dos Espectáculos ao sr. dr. Manuel Telles, actual presidente da Corporação dos Espectáculos e antigo presidente daquele Organismo.

A iniciativa da União de Grémios foi coroada do melhor êxito, subindo a mais de duas centenas as inscrições provenientes de todos os pontos do País.

PORTUGAL NO «EUROPEU» DE FUTEBOL

BERNA, 20 — (F. P.) — Entre as 32 nações que se inscreveram no campeonato europeu de futebol conta-se Portugal.

O torneio decorre até 1972. O sorteio das partidas efectua-se a 20 de Março, em Roma.

BALÃO VERMELHO

SECÇÃO N.º 3

SALDOS

PARA SENHORA E CRIANÇA

AV. ANTONIO AUGUSTO AGUIAR, 1 B—Telef. 41279

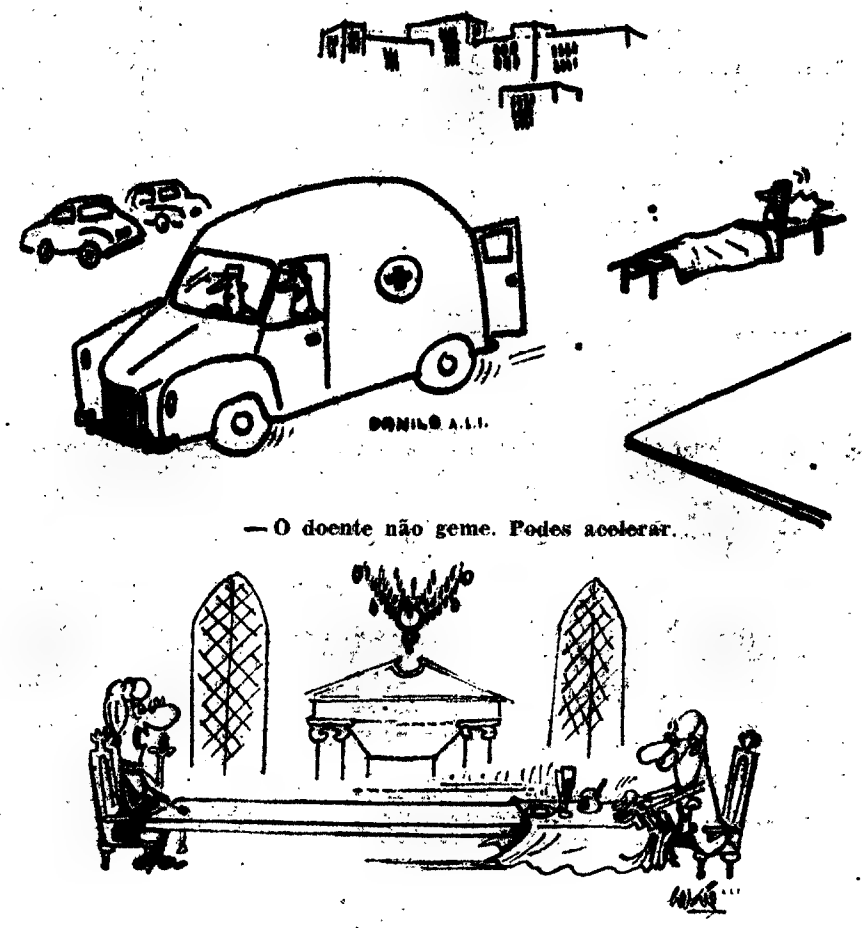
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Oferece uma Solução Melhor

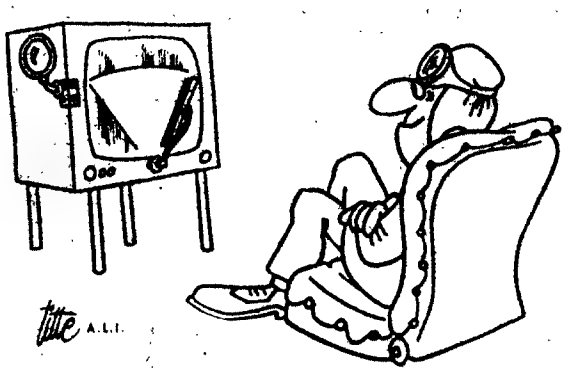
faça da sua conta-depósito uma conta previdência

Os nossos depositantes estão automàticamente seguros contra acidentes pessoais no valor da sua conta, com o limite do capital seguro até 1.000 contos.
Até 31 de Dezembro foram pagos
9.000.713$70 de indemnizações
Faça-se também nosso depositante e transforme assim a sua conta numa
CONTA-PREVIDÊNCIA



— O doente não geme. Podes acelerar...

— Não podias levantar-te para alcançar a mostarda?...



O televisor do automobilista

A Filosofia da Arte Moderna

O I.A.D.E. — Instituto de Arte e Decoração, promove esta noite uma conferência-colóquio, proferida e orientada pelo dr. António Quadros, subordinada ao tema «A Filosofia da Arte Moderna do Romantismo á Arte Abstracta». Com início ás 21 e 30, a reunião efectua-se, na Escola Internacional de Decoradores, Palácio Quintela, Rua do Alecrim, 70.

ATRIBUÍDOS OS PRÉMIOS DO CARNAVAL DE SETÚBAL

SETÚBAL, 20 — Segundo a Comissão de Festas foram assim atribuídos os prémios relativos ao Carnaval de Setúbal:

I — CEGADAS — 1.º prémio, 3000$00 — «Salve-se quem puder», de José Crispim; 2.º, 2000$00 — «O menino endiabrado», de João dos Reis; 3.º, 1000$00 — «Chófer engeitado», de José Contuméfias;

II — CARROS — 1.º prémio, 3000$00 — Escola de Condução Setubalense; 2.º, 2000$00 — Serra do Louro — Palmela; 3.º, 1000$00 — Liceu e Praça do Brasil (ex aequo); Menção honrosa — C. A. D. O.

III — GRUPOS OU CLÃS — 1.º, prémio, 1000$00 — Palhaços da Casa Branca; 2.º, 800$00 — 1.º clã — A Ponte sobre o Sado; 3.º, 600$00 — Marjorettes; 4.º, 500$00 — Novos e velhos tempos da Escola; 5.º, 250$00 — Grupo do Corpo Nacional de Escutas (Secção de Aeromodelismo); Menções honrosas — 8.º clã — A Póvoa de Meirim, 9.º clã — O «doping» de Agostinho.

IV — MÁSCARAS — *Adultos* — 1.º, prémio — 500$00 — O homem sem cabeça — (Mário do Carmo Branco); 2.º, 300$00 — Palhaço ciclista — (Amadeu d'Oliveira); 3.º, 200$00 — Não foi atribuído. *Infantis* — 1.º prémio — 300$00 — Dama de 1900 — (Teresa Santos Borges); 2.º, 200$00 — Oficial Sulista — (Luís Filipe Paixão); 3.º, 100$00 — Odalisca — (Cecília Paula Gomes Seixas).

A todas as restantes máscaras infantis são atribuídos brindes.

Os rvendedores de carburantes líquidos

A Direcção do Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul enviou-nos um amável ofício em que nos comunica ter exarado na acta um voto de agradecimento pela forma como o nosso jornal tem mostrado interesse e compreensão «pelo problema relacionado com a precária situação dos revendedores de carburantes».

2.º caderno

Morte de uma figura proeminente do escutismo mundial

Por notícias recentemente recebidas de Inglaterra, soube-se ter ali falecido, com 85 anos, o coronel J. S. Wilson, presidente da «Fellowship» daquele país, figura proeminente do escutismo mundial e colaborador mais próximo de Baden Powell. O seu passamento deu-se quatro dias antes da sua partida para a Índia, onde participaria numa solenidade do escutismo daquele país. A sua morte inesperada causou profundo pesar. Foi figura de grande prestígio no Exército britânico, tendo estudado e executado, durante a última guerra, o célebre ataque a Narvik (Noruega), às instalações de água pesada aí montadas pelas forças nazis. Aliás, esse ataque deu origem a diversas publicações e a um filme. A Fraternal dos Antigos Escuteiros Portugueses enviou condolências à sua congénere britânica.

NÃO SE JUSTIFICA QUALQUER AUMENTO NO PREÇO DAS RENDAS

— AFIRMA A ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses distribuiu o seguinte comunicado:

«A Associação dos Inquilinos Lisbonenses, interpretando o sentir das largas dezenas de milhar de famílias arrendatárias, suas sócias, e a dos inquilinos em geral, alarmada com a intervenção que na sessão de quarta-feira, 18 do corrente, teve o deputado sr. Linhares de Andrade, chama a atenção para a gravidade do problema abordado a respeito do inquilinato urbano. Verifica esta Associação a inconveniência do aumento do preço das rendas, aumento nada justificado, perante a gravidade da situação económica das classes arrendatárias, gravidade que se contrapõe aos lucros grandes ou pequenos que o senhorio aufere.

Neste sentido, a Associação dos Inquilinos Lisbonenses reserva-se o direito de levar junto do Governo da Nação o debate da inconveniência económica, política e social de qualquer aumento no preço das rendas.»

ora diga-nos...

— Como seca a roupa no Inverno?

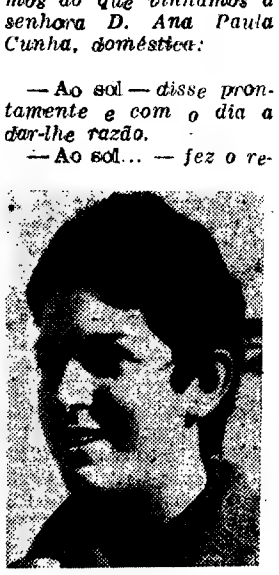
Dada a nossa estrutura de divisão do trabalho esta pergunta trazia uma marca de restrição: ora as senhoras que nos dissessem (que perguntar a homens até podia ofender e nós não corremos riscos que não sejam pacíficos e de caneta cívica).

● *No Alto de S. João (por mero acaso não intencional, notem os leitores sensíveis) dissemos ao que vínhamos á senhora D. Ana Paula Cunha, doméstica:*

— Ao sol — *disse prontamente e com o dia a dar-lhe razão.*

— Ao sol... — *fez o repórter tomando embalagem.* — E quando chove?

— Põe-se uma corda dentro de casa.



● *Com os cestos das compras, voltando do mercado, vinham duas senhoras. Disse-nos a senhora D. Rosa Fialho, doméstica:*

— Estendo-a cá fora; quando não enxuga, estendo-a dentro de casa, na marquise — *concretizou.*

● *A senhora D. Mariana Faustino era da mesma opinião, salvo:*

— Eu tenho uma corda na casa de banho. Dá-me mais jeito, sabe?

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

BANCO FONSECAS & BURNAY 1967 BONUM FACITO AURES CLAUDITO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A interdição do Estádio da Luz

O BENFICA REAGE CONTRA A «PENA MÁXIMA»

Como se esperava, a direcção do Benfica não se conformou com o severíssimo castigo que lhe foi aplicado pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, a propósito dos incidentes verificados aquando do jogo Benfica-Belenenses; oito jogos de interdição do campo e multa de sete mil e quinhentos escudos. Na realidade, o que impressiona nesta punição é o facto de ser a «pena máxima» prevista no Regulamento de Disciplina, o que sugere esta pergunta talvez um pouco embaraçosa para o justiceiro Conselho: quando se verificarem acontecimentos do mesmo estilo mas com a participação ou o incentivo dos verdadeiros representantes do clube em causa (que são os seus dirigentes e os seus atletas) qual será a sentença? Não poderá ser (o Regulamento não permite) mais pesada do que esta que se proferiu agora, apesar de os dirigentes e jogadores do Benfica não terem pactuado — bem pelo contrário — com os desacatos de indivíduos sem poderes de representação da colectividade.

Reunida ontem á noite, a direcção benfiquista emitiu o seguinte comunicado:

«A direcção do Sport Lisboa e Benfica, tendo tomado conhecimento do acórdão do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, que aplicou ao maior e ao melhor clube de Portugal a pena máxima prevista no respectivo Regulamento, deliberou, por unanimidade e com inteira e total concordância do Conselho Fiscal e da Mesa da Assembleia Geral:

1.º Manter-se em sessão permanente a fim de poder analisar e ponderar todas as gravíssimas incidências que para o Sport Lisboa e Benfica possam advir da infeliz decisão do Conselho de Disciplina;

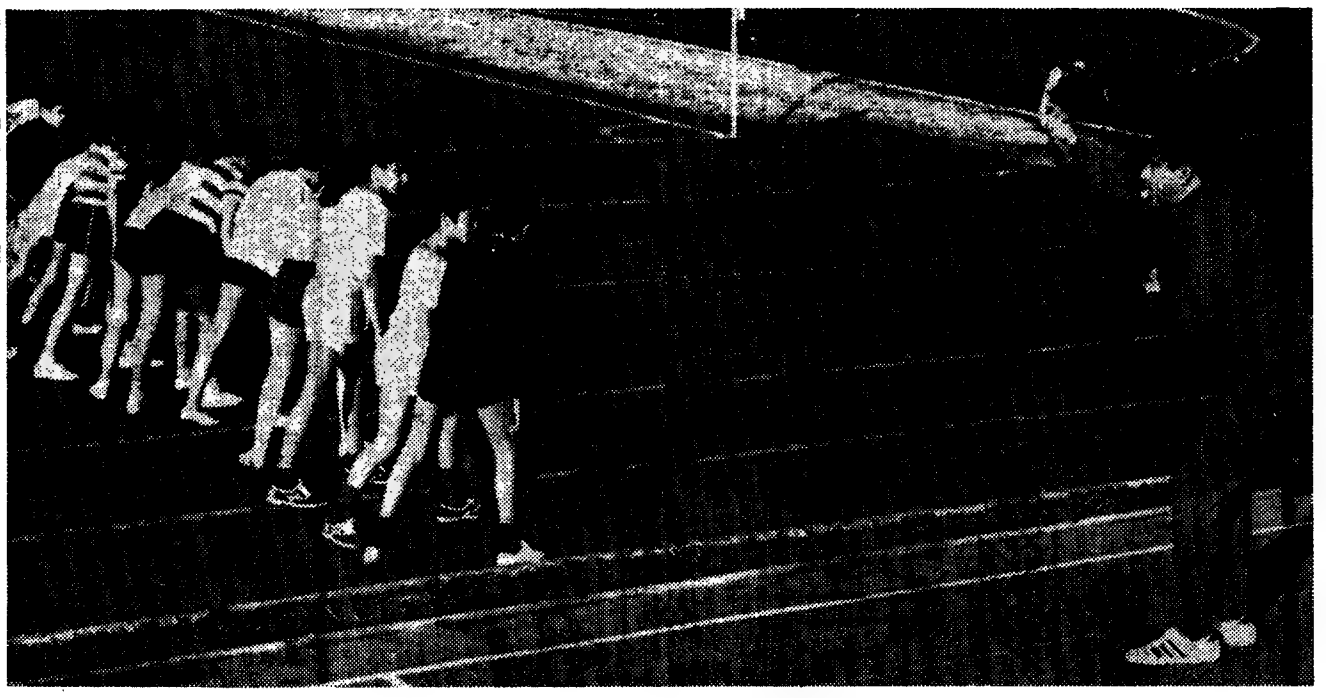
2.º Considerar, sem quebra de respeito devido á hierarquia desportiva, manifestamente injusta e flagrantemente tendenciosa e deliberação do Conselho de Disciplina;

3.º Protestar, por todos os meios ao seu alcance, contra a grave ofensa que o acórdão do Conselho de Disciplina representa para o Sport Lisboa e Benfica — o clube que de maiores glórias tem esmaltado a história do desporto português;

4.º Convidar a massa associativa a manter-se unida e firme, em apoio aos Orgãos Sociais do Clube, na sua reacção contra a injustiça que acaba de ferir o Sport Lisboa e Benfica;

5.º Interpor recurso, para a instancia competente, de tão lamentável deliberação do Conselho de Disciplina».

O recurso interposto pelo Benfica adia, portanto, o ponto final no famoso assunto, além de faltar a decisão (esta da direcção da F. P. F.) sobre o resultado a considerar no jogo que não chegou ao fim.



UMA ESCOLA DE ATLETISMO

O desporto português está a passar por uma fase de «reconversão», que lhe promete um melhor futuro. Agora, muitas e boas atenções estão a voltar-se para a «miudagem», surgindo frequentes iniciativas oficiais e particulares. No Sporting foi recentemente criada uma escola de atletismo, dirigida pelo professor Eduardo Cunha, que vemos, nesta imagem a dar a partida para uma prova. Mais que o interesse clubista, é o interesse do próprio desporto que está em causa nesta melhor atenção que se está a dar ás crianças

Acontecimentos DE ONTEM

O Nacional venceu o Sintrense 3-0

No Liceu de Oeiras efectuou-se ontem o encontro Nacional-Sintrense para o campeonato regional de voleibol em seniores.

O Nacional venceu por 3-0 (15/7, 15/7, 15/5), tendo, sob a direcção de Oliveira Dias e Almeida Tavares, as equipas apresentado:

NACIONAL — Vilar Moreira, João Silveira, Manuel Andrade, António Resende, Manuel Pires, Aguiar Buisel, Artur Sequeira, João Castanheira, Alfredo Santos e José Esteves.

SINTRENSE — José Manuel, António Rocha, José Conde, Angelo Silva, Rui Marcelino, Joaquim Silva, Lyon de Castro e António Damião.

Vitória fácil e indiscutível da equipa melhor apetrechada que não deu qualquer hipótese ao adversário de fazer melhor embora este lutasse com entusiasmo.

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão: V. Jornais-C. Piedade (20,30), Encarnação-Oriental (21,45) e Casa Pia-Internacional (23 h), no pavilhão de Campo de Ourique.

— Campeonato de Lisboa, de juniores: C. Ourique-Sporting A (19,30) no pavilhão de C. Ourique.

AUTOMOBILISMO — Grande «Rallye» do Benfica, partida do Estádio da Luz, ás 20 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — 11.ª jornada: C.U.F.-Benfica (21 h), em Setubal; Belenenses-Marinhense (21), Sporting-Barreirense (22,30) no pavilhão da Ajuda; Académico-B.P.M. (21 h), Vasco da Gama-F. C. Porto (22,30), no pavilhão do Académico; Académica-Gin. Figueirense (21,30), no Estádio Universitário de Coimbra.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão — Zona Norte: Olivais-Fluvial (21 h), Galitos-C.D.U.P. (21,30), Sanjoanense-Gaia (21,30), Spt. Figueirense-Guifões (22,30) e Leça-Esgueira (21 h). Zona Sul: Luso-Lisgás (21,30), Sp. Farense-Montijo (21,30), Sp. Olhanense-Atenéu (21,30), Seixal-C.D.U.L. (21,30), Cruz Quebradense-Os Olhanenses (21 h) e Nacional-C. P. Portimão (22,30), os dois ultimos no ginásio do Técnico.

FUTEBOL — Torneio dos Órgãos de Informação: Rádio Clube-Capital (em Marvila), Diário Popular-Século (no Pote de Água), R. Universidade-M. Desportivo (em Benfica), Novidades-Diário de Notícias (em Pina Manique) e R.T.P.-J. Comércio (em Palma) — todos ás 16 horas.

HOJE À NOITE

HÓQUEI EM PATINS — *Taça Rádio e Televisão:* Estrelenses-Belenenses, ás 20 e 30; C. Ourique-C. U. F., ás 21 e 30; e Oeiras-Benfica, ás 22 e 30, no pavilhão da Luz. Sintra-Cascais, ás 21; Paço de Arcos-Sporting, ás 22; e Salesiana-Futebol Benfica, ás 23, no pavilhão da Salesiana, no Estoril.

Taça Imprensa do Porto: Leixões-Infante de Sagres, ás 21 e 45, no Infante de Sagres; Académica de Espinho-F. C. do Porto, ás 21 e 45, em Espinho; Vallongo-Sanjoanense, ás 21 e 15; e Carvalhos-Tanzeres, ás 22 e 15, ambos no Carvalhos.

Campeonato de Lisboa de Seniores (4.ª Série): nas mesas do Casa Pia, Desportivo Operário e Desportivo da Graça, ás 21 e 30.

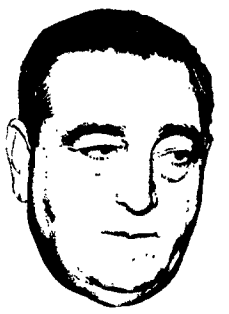
VOLEIBOL — *Campeonato de Lisboa de Seniores:* Nacional de Ginástica-Sintrense, ás 21 e 30, no liceu de Oeiras.

Campeonato de Lisboa de Juvenis: Lisboa Ginásio-Benfica, ás 19 e 30, na Josefa de Óbidos.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ANDEBOL, UM DESPORTO PARA TODOS

A POUCOS DIAS DO CAMPEONATO MUNDIAL



por MATOS MOURA

I

A realização de um campeonato Mundial de qualquer modalidade é sempre reflexo da sua projecção e motivo de interesse para os seus praticantes e adeptos. Acontece agora com o andebol, cujo campeonato do Mundo tem a «poule» final em França, ainda este mês.

A França desportiva e a sua Federação trataram com o maior cuidado e carinho da festa suprema do andebol mundial.

Os finalistas, que há longo tempo se preparam, cuidam agora dos ultimos pormenores para a grande competição, que promete ser a mais disputada até hoje.

Embora o favoritismo vá para os países de Leste (Checoslováquia, Roménia, Jugoslávia e União Soviética) não se pode menosprezar o valor dos jogadores da Dinamarca, Suécia e Alemanha.

Os latinos estão representados pela Roménia, ex-campeã mundial (com uma selecção superiormente dirigida pelo nosso amigo Nedef Nicolai) e, pela equipa representativa da França, país organizador.

Existe ainda a «incógnita Japonesa», dados os progressos extraordinários dos nipónicos nos ultimos anos.

Vai este campeonato realizar-se, sobre o signo da dureza, talvez até da violência e a hegemonia mundial, pertencerá á equipa que possuir os melhores tecnicistas e que sejam ao mesmo tempo os mais resistentes. O certame é uma verdadeira maratona e vai acima de tudo falar a condição física.

Embora os meias-distancias tenham uma palavra a dizer, estamos convictos, que os 9 metros vão ser uma zona de «arame farpado». Estou crente, que novos sistemas irão surgir muito especialmente no sector defensivo, onde ultimamente os suecos revolucionaram, com uma nova forma de «homem-a-homem» dentro da zona.

É bom não esquecer que há equipas que nos ultimos seis meses, não fizeram mais nada, do que não fosse treinar. Como se vê verdadeiros «amadores».

Desejamos que a festa do andebol, que indiscutivelmente tem o cenário condigno, decorra com desportivismo e que vença o melhor.

II

A propósito do Campeonato do Mundo de Andebol ele é transmitido pela Eurovisão para toda ou quase toda a Europa. A Espanha assegurou a transmissão. Como até agora a nossa Televisão ainda não disse nada sobre o assunto, e, estamos a meia duzia de dias do seu início, será que a nossa Televisão, não dará aos milhares de portugueses interessados, o prazer de assistirem a esse Torneio?

Sabendo-se que o andebol é dos modalidades de sala, que os dirigentes da T. V. reconhecem bastante interesse televisivo, estranhamos o total silêncio em relação a esta manifestação desportiva. No entanto ainda esperamos por uma notícia agradável

III

Como tem sido noticiado, realiza-se na segunda quinzena de Março a Taça Latina de «Esperanças» a que pela primeira vez concorrem a Itália, Brasil e Roménia.

Diz o regulamento, que neste torneio só podem participar jogadores que completem 22 anos no ano da competição (idade máxima).

Mais uma vez se vai observar que todos os países excepto o nosso, apresentarão jogadores com idade superior á estabelecida pelo regulamento.

Que fará a nossa Federação perante tal facto? Já o ano passado, quando da realização da Taça Latina em Pontevedra, demonstrei a um dirigente federativo, que a Espanha apresentava pelo menos 3 jogadores com idade superior ao regulamentado.

Impor-se-á a nossa Federação? Mas como? Eu sei que é bonito ser bem intencionado, mas padecermos de tanta ingenuidade é de mais.

Bessone Bastos, Anaia, Brito, Alfredo, Manuel Marques, Carlos Vasconcelos, Resende, Magalhães e tantos outros, estou certo que são muito mais novos, do que muitos, que veremos actuar no Torneio.

Com os elementos seleccionados e com alguns destes nomes, não haveria duvida que a nossa selecção, se apresentaria em melhores condições de competir.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«KARATE»

A EQUIPA PORTUGUESA NO CAMPEONATO DA EUROPA

• Mestres japoneses chegam amanhã a Lisboa

Segue no próximo domingo para Londres uma equipa portuguesa de «Karate», para participar no Campeonato da Europa, que se inicia no dia 27.

É a primeira vez que os praticantes portugueses de «Karate» são colocados num confronto internacional de tanto relevo e a antecedência de alguns dias com que viajam destina-se justamente a aprimorar os seus conhecimentos, em contacto com mestres famosos que se encontram em Londres.

Entretanto, três dos mais famosos mestres das artes marciais japonesas são esperados amanhã em Lisboa. Entre eles conta-se justamente o criador do método «Karate», denominado «Wado-Ryu». Hironori Otsuka, que tem a categoria de Grande Mestre, conta 78 anos de idade, mas continua a ser um praticante primoroso e no próximo domingo, de manhã, fará uma demonstração no ginásio do Liceu Pedro Nunes, em que igualmente participam seu filho Engushi (6.º *Dan*) e Tatsuo Suzuki (7.º *Dan*), que o acompanham nesta viagem pela Europa.

«Mesmo no Japão é raro poder presenciar-se uma demonstração de tão elevado nível, pois não é fácil reunir três mestres de tanta categoria» — declarou um dirigente do Centro Português de Karate.

O FUTEBOL PERUANO NA EUROPA

PARIS, 20. — (A. N. I. e R.) — A selecção do Peru, que participa no Campeonato Mundial, de futebol, vem á Europa, no mês de Abril, para disputar uma série de encontros, incluídos no seu programa de treinos.

A 8 de Abril, o Peru defronta a equipa do Sevilha. Depois, vai á Itália defrontar o Milão (por duas vezes, na semana de 16 a 22), no dia 25 joga com o Barcelona, a 28 defronta a selecção da França, a 30 a selecção da Bélgica, e nos primeiros dias de Maio encerra a série com uma partida contra um clube espanhol ainda por designar.

Entretanto, em Lima, o treinador da selecção de futebol do Peru, Waldir Pereira (o famoso «Didi») afirmou esperar que a Bulgária seja um dos principais rivais deste país no grupo IV dos desafios para o «Mundial», que se realiza em Junho, no México. Os outros países desse grupo são a Alemanha Ocidental e Marrocos.

«Didi» disse que faria alinhar a selecção «B» do Peru contra a Bulgária no desafio internacional que se realiza no domingo em Lima, mas que apresentaria a selecção principal no segundo jogo, em 24 de Fevereiro.

No C. D. U. L.
UM GABINETE DE ESTUDOS DE DESPORTO

No ambito de uma nova orientação (mais votada a uma maior produção das actividades gimnodesportivas dos estudantes, ainda que com prejuizo da «qualidade» das suas equipas representativas nas competições) a direcção do Clube Desportivo Universitário de Lisboa acaba de criar um Gabinete de Estudos de Desporto, que, através de debates, mesas-redondas e outras formas de diálogo se propõe aprofundar e definir os problemas do desporto — tal como é e como se entende que deve ser, principalmente entre os estudantes.

«Sendo o C. D. U. L. o órgão representativo das A. A. E. E. no campo desportivo, tem de, tal como elas, definir uma linha de actuação que acompanhe e se conjugue com toda uma política estudantil» — **diz-se, em editorial, no primeiro numero do boletim do novo Gabinete de Estudos.**

VELA

☆ A distribuição de prémios das provas organizadas pela secção de vela do Sport Algés e Dafundo efectua-se ás 10 horas do próximo dia 22 do corrente, na sede da colectividade.

☆ A assembleia geral ordinária do Clube Náutico «Mare Nostrum» realiza-se no dia 21 do corrente, pelas 15 horas, na Rua Carlos Mardel, 5, em Lisboa.

PLANO

CI

uma realidade seguradora em assistência e eficácia

é esta, de facto, a nossa grande vantagem. Instalámos um computador NCR Century 200, o mais moderno equipamento de gestão a funcionar em Portugal. Actuamos de acordo com um programa de acção. Cada vez mais os nossos Segurados têm a garantia de uma assistência real e imediata.

Para qualquer seguro, consulte-nos. É quanto basta!

CI COMÉRCIO · INDÚSTRIA segura, realmente!

Agentes qualificados em todo o espaço português

Propriedades

— VENDAS —

MORADIA

Vende-se entre Oeiras e Carcavelos, muito bem situada, a estrear, composta de r/chão e 1.º andar, com lindas vistas e todos os requisitos modernos, totalmente independente, com uma área de 1500 m2, pronta a fazer escritura. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104 - 2.º, telefs. 53 61 11-2-3 — Lisboa.

PREDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS
não compre sem consultar a

▼

PREDIAL

ROBREL

Rua Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

H. NUNES

PUBLICIDADE

Telef. 847260

Prédios, compra, venda, hipotecas e aplicação de capitais

A DILIGENTE

Mediadora oficial está ao seu dispor. Rua Carlos Mardel, 2-2.º

Tel. 41364

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laíres. Rua da Prata, 191, 2.º, Dt.º—Telsf. 325487, 470618. (Junto á P. da Figueira).

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar, em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a titulo de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755

BOM INVESTIMENTO
2.000 CONTOS

S/ terreno para construção de 4 prédios de 10 inquilinos cada. c/ projecto aprovado, junto de estação na linha de Sintra.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro 45, 3.º Esq.
Tels. 323172 - 367444

AUTOMOTORA DE «FIM-DE-SEMANA»

A C. P. informa que as estações do Ramal de Lagos passam a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro, e volta com ligação em Tunes e no Barreiro, respectivamente ás circulações e carreiras normais.

MORADIA ANDAR TERRENO

Vendem-se: Moradia em Carcavelos, 850 contos — Andar próximo da praia, em Carcavelos, 420 contos — Terreno em Caxias, para moradias, 360 contos cada lote. — Moradias em Cascais 950, 1.050, 1.400 e 1.500 contos cada — Moradias em Parede, 690 contos cada—Quintarola perto do Estoril, 420 contos. Facilito pagamento em tudo. Trata o dono. T. 539773 e 539774 escritório e 771664 residência ou carta para Apartado 1.048, Lisboa-1.

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

Lotes de terreno

FEIJÓ — ALMADA

MORADIAS

Terrenos urbanizáveis. Permitem aos futuros compradores gozarem de situação privilegiada de se situarem, simultâneamente, próximo dos seus locais de trabalho e de uma reconhecida zona de férias, com arruamentos, água, luz, telefone e transportes no local. Visite-nos ou peça informações e terá a certeza de valorizar o seu capital adquirindo lotes de terreno neste loteamento, com fac. de pagamento. Telefones 273653-2761869. Est. Nac. 10, n.º 4, 1.º, esq.º — Cova da Piedade.

CIPRIANO & PEREIRA, LDA.

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DINHEIRO

SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

EXCURSÃO DA C. P.

«FIM-DE-SEMANA» NA SERRA DA ESTRELA

28 de Fevereiro a 1 de Março

Comunica-nos a C. P. que realiza nos dias 28 de Fevereiro e 1 de Março, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Viseu, Mangualde, Fornos de Algodres, Celorico da Beira, Guarda, Belmonte, Manteigas, Poço do Inferno, Penhas Douradas e Seia, incluindo viagens de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B, jantar no comboio, á volta, excursão em autocarro de grande turismo, alojamento e refeições na Guarda.

PREÇOS

Modalidade 1 ..... **640$00**
(Hotel de Turismo, 1.ª classe)
Modalidade 2 ..... **560$00**
(Pensão Aliança, 1.ª classe)

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

PRÉDIO
NA ESTRADA DE BENFICA

Construção em cimento armado, revestido a marmorite, com cerca de 10 anos em bom estado, composto de 5 pisos, hab. de 4 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall.

Rendimento 177.600$00, todo alugado, rendas muito baixas.
Preço 3.000.000$00

MOSTRA E TRATA A CONFIDENTE
Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave. Tel. 44846

Contacto

H. NUNES

Telef. 847260

PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987

Volkswagen 1500 de Luxe, 1968; N.S.U. Prinz 1000 S, 1968; Simca 1000 G.L.S., 1968; Fiat 850, 1966; Taunus 12 M, 1500, de 2 portas, 1965; M.G. Midget, 1964; Austin Cooper S 1300, 1964; Morris 850 Super, 1964; Saab mod.º 96, de Luxe, 1965.

Fac. troca e pag

VENDE:

MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St.ª Bárbara, 5-B. Telef. 53 46 57.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- **534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B**
- **49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.**
- **769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.**
- **42890 — Táxis Universo, Lda. — Av República, 26**
- **727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda., — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.**
- **539169/539345—BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.**
- **553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.**
- **714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.**

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou seguro. Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alterar o de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA
HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1970

Produtos químicos para os Serviços Farmacêuticos

CONC. PÚBLICO N.º 33/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 18 de Fevereiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) MANUEL BRIOSO PINA DE JESUS

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA
HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1970

Produtos DIFCO e Diversos

CONC. PÚBLICO N.º 34/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 18 de Fevereiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) MANUEL BRIOSO PINA DE JESUS

Em VENDAS NOVAS o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se á venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da Republica 72

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na:

Av. Almirante Reis, 172-A
Telef. 533592

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA
HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1970

Reagentes para Laboratório P. A.

CONC. PÚBLICO N.º 35/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 18 de Fevereiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) MANUEL BRIOSO PINA DE JESUS

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 750$00 — 850$00 no caso de não terem vagas nas camaratas — com direito a reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª Classe e idade compreendida entre 18 e 34 anos.

Resposta ao Rossio, n. 432.

APLIQUE BEM O SEU CAPITAL COMPRANDO UM ANDAR DE 4 ASSOALHADAS POR 185 C.

NO MELHOR LOCAL DO CACÉM — PRACETA D. NUNO ÁLVARES PEREIRA LOTE D-1

TRATA O PRÓPRIO

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.

PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — SALA-E
TELEF. 32 67 18 - 32 78 03 - 32 85 67 — LISBOA

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

AMANHÃ — I Programa — Às 15: Telejornal; 15 e 10: Nós as mulheres; 15 e 40: Decoração; 16: TV Infantil; 16 e 30: TV Educativa; 16 e 55: Movimento e Saude, 17 e 5: Estudio sem marcação; 17 e 55: Teledesporto; 18 e 30: Nos bastidores da aventura; 19: Fados; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Skyppy»; 20 e 15: «...E a vida continua...»; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Estudio C; «Os Invasores»; 23 e 55: Marcha do Mundo e fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Hollywood Playnouse; «Não se Recorda»?; 23: Variedades; 23 e 40: Fecho.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

ENTREVISTA DO MÊS
Encontro com Odylo Costa Filho

«Entrevista do mês» é uma rubrica de cunho literário com as maiores possibilidades de granjear, entre os telespectadores, um interesse pelas letras e os grandes escritores contemporâneos, nossos ou outros de passagem por Lisboa, dependendo da sua orientação.

Pelas 20 e 30, «Entrevista do mês», regista hoje um encontro com o escritor e académico brasileiro Odylo Costa Filho, que foi conselheiro cultural na Embaixada do Brasil no nosso País. Conduziu esta entrevista o jornalista Luís d'Oliveira Nunes.

Odylo Costa Filho, faz interessantes declarações acerca da vida literária dos dois países, da Literatura e das Artes em geral, bem como da sua experiência de alguns anos em Portugal.

Odylo Costa Filho e Luís d'Oliveira Nunes

«DR. MARCUS WELBY»

Cerca das 22 e 55, é exibido o 3.º episódio da Série «Dr. Marcus Welby» com Robert Young, James Brolin e Elene Verdugo.

«Marcus Welby ao aperceber-se de que um filhinho de doentes seus sofre de esquizofrenia, tenta, por todos os meios, fazer com que a criança entre numa escola destinada a tais doentes.»

Elene Verdugo, interpreta, nesta série, o papel de uma atraente viuva que o dr. Marcus Welby tenta conquistar

BI-CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BEETHOVEN

Pelas 22 e 5 é transmitido um Concerto no Estudio», incluido nas celebrações do bicentenário do nascimento de Beethoven. Será executado o Concerto n.º 2 pela pianista Olga Prats e pelo Conjunto de Camara da Orquestra Filarmónica de Lisboa sob a regência do maestro Manuel Ivo Cruz. Apresentação de Manuel Jorge Veloso.

II PROGRAMA
Noite de cinema
«Ver, Gostar e Amar»

O 2.º Programa repete, pelas 22 horas, em «Noite de Cinema», o filme «Ver, Gostar e Amar», que foi estreado em Agosto ultimo na Rede Nacional. Fred Astair e Vera Elen são os protagonistas.

«CASEI COM UMA FEITICEIRA»:
«O DUENDE»

Elisabeth Montgomery, Dick York, Jess Kirkpatrick, Parley Baer e Henry Jones, são os intérpretes do episódio hilariante «O Duende», da série «Casei com uma feiticeira», que a TV transmite pelas 21 horas.

«Samantha e Darrin recebem a inesperada visita de Brian, um amigo da família de Darrin, que é, nem mais nem menos, que um duende irlandês. Robinson, um rico americano compra na Irlanda um belo fogão de sala, que traz para a América. Nesse fogão há uma panela de ouro que pertence a Brian, que assim fica sem os seus poderes mágicos, e pede a ajuda de Samantha...»

TV JUVENIL
«OS HOMENS, OS LIVROS E AS COISAS»

Joaquim Manuel Magalhães, autor do programa «Os homens os livros e as coisas» fala hoje pela ultima vez, sobre Lisboa, neste ciclo iniciado há semanas. Assim, pelas 19 e 45, são declamados versos do poeta Ru. Belo, dedicados ao rio Tejo, o ultimo homenageado desta cidade das sete colinas

Um barco em movimento e [um barco de lata
Num lado um homem e no [outro ninguém
Para onde rema o homem?
[Rema para o Passado
Os que morreram vão com [ele vale por cem.

canal da crítica

OS TEMAS; OS PROCESSOS; AS INTENÇÕES; AS TENSÕES; OS RODRIGUINHOS; O REAL PRESO POR CORDELINHOS

«O jogo da vida» voltou ontem a concentrar as suas atenções no território dos Estados Unidos. Esteve em acção o jornalista Farrell, redactor do Crime Magazine», a fim de investigar um caso de passagem ilegal de fronteira do México. Veio a descobrir que os «ratinhos» mexicanos eram levados directamente para uma prisão do Estado, á conta de um tal Hank, que depois vendia o seu trabalho aos grandes fazendeiros da região, empochando toda a massa. Ia aos arames quando alguém lhe sugeria que o que ele fazia era simples escravatura. E com razão, convenhamos. Que necessidade temos nós de sermos desagradáveis ás pessoas, não me dirão?

Aquilo era um campo de concentração que os fascistas da velha guarda não se importariam de assinar, com algumas «correcções», está claro.

A série fala-nos, pois, de um problema. Fictício ou não, situa-se nos Estados Unidos. Não se sabe onde, pois nas séries americanas os nomes das povoações são quase sempre inventados. Não haverá, pois, nenhuma prisão de Estado chamada Canson. Onde quer que seja, porém, o problema fica posto: há quem lucre com o trabalho dos presos, é preciso investigar isto.

A capacidade de autocrítica não se exerce, é verdade que sim, em toda a plenitude. Permanecem os convencionalismos da industria: o tenebroso americano não o é puro sangue, é meio mexicano; o juiz O'Connor, afinal, estava inocente, falsificavam-lhe as assinaturas; os próprios polícias acabam por tomar a defesa de Farrell; a figura feminina participante activa é simpática, como mandam as boas regras da filmologia seriafífera, enquanto a outra, a mulher de Muno, o contrabandista de gente, se mostra tão angustiada que quebra muito da sua antipatia, coitadinha, ela não fazia senão continuar a obra do marido...

Por outro lado, a solução de um tema dado como real, apresenta-se viciada de processos irreais: um jornalista, fantasiado de carcereiro,

(Continua na pág. seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 15: O Grupo Coral Phidelius de Torres Novas; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No Mundo da Canção; 18 e 20: Roteiro de Huambo; 18 e 45: No Mundo da Canção, 19 e 45: Rádio Rural — Musica só Musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 22.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares», original de Oliva Guerra; 21 e 05: Musica Ligeira; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Soicedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Dina Trindade e Raul Dias; 22 e 50: Musica Ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do Mundo; 16 e 25: Curiosidades Musicais — «Concertos Eco» do século XVIII; 17 e 10: Musica de Câmara; 18: Musica Portuguesa; 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20 e 20: A Pianista Ingrid Haebled — Rondó em lá menor K 511 (Mozart); 20 e 30: Musica de Câmara; 21: Musica Sinfónica; 22: Teatro do Século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa; «A Carruagem Amarela», de J. A. Driffin; 22 e 32: Concerto em fá maior para piano e orquestra (Haydn). Piano, Marguerite Champion e Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório de Paris, sob a direcção de Artur Goldschmidt; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: A ópera em 3 actos «A Feira de Sorochintsy» (Mussorgsky). Coro e Orquestra Nacional da Ópera de Ljubljana, sob a direcção de Samo Hubad; 1: Fecho.

Rádio Universiadde — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: 1.º Disco; 19 e 25: O Homem e o Desporto; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — Às 16: — Programa C. D. C.; 16: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á Tarde; 19 e 15. No Mundo Aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Europa Musical; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Em Foco; 21 e 03: O Olavo Fala Consigo; 21 e 15: Musica Tradicional e Palestra Religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o Telefone Toca; 23 e 08: Grande Roda; 0 e 02: A Noite é Nossa; 2: Contacto; 3 e 02: «P B X»; 6 e 02: Diário Rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O Nosso Programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa Noite em FM; 22: Noticiário; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do Chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 08: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20 e 10: Norte Dia a Dia; 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro Plano; 22 e 15: Novas de Alegria; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Tangos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o Telefone Toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª Hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 11169 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Tangos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 28.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 1188 m — 11594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

Interessa às Senhoras
SALDOS
Uniformes para empregadas domésticas
★ menos actualizados ★
DESDE 40$00
BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA
TINTURARIA GUANABARA
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-(LISBOA

ALTO!

Coloque o seu dinheiro ao mais alto rendimento!

J. PIMENTA S. A. R. L.

Garante-lhe, por escritura pública, um rendimento de 6 a 10% durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

Nos últimos 5 anos a valorização média é de 15% por ano

J. PIMENTA S. A. R. L.

LISBOA
Praça Marquês de Pombal, 15
Tels. 4 58 43 e 4 78 43

QUELUZ
Rua D. Maria I, 30
Tels. 95 20 21/22

AMADORA
Serviço Permanente—Tel. 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

ele, ele só, sem a ajuda de ninguém (rodriguinho do individualismo ianque) esclarecer toda a manobra.

O momento mais vivo do episódio foi aquele em que o jornalista incita os presos a cobrarem a sua dimensão humana e a colaborarem na prisão do carcereiro e seus comparsas.

E agora? Agora o «Crime Magazine» foi pôr tudo em pratos limpos e relatar a história de centenas de presos cujo trabalho era explorado por indivíduos gananciosos. Queira o «Magazine» e não lhe há-de faltar pano para mangas.

CORAL DE VIANA DO CASTELO

...E foi então que nos veio de Viana do Castelo aquele excelente exemplo de amor pela música, representado pelo «Coral Polifónico», dirigido pelo Pe Dulcínio de Vasconcelos. Que a existência do coral contribua, como se disse, «para o enriquecimento espiritual da população» não me restam nenhumas dúvidas e só o conheço desde ontem. A quase totalidade dos telespectadores só o conhece igualmente desde ontem, apesar dos seus 3 anos de vida actuante. Tem razão, mais do que pensa, o estribilho: há um Portugal desconhecido...

O «Coral Polifónico de Viana do Castelo tem já o seu estilo tão vincado que ao fim de meia dúzia de interpretações terá porventura atravessado o perigo de uma certa monotonia, como sucedeu na interpretação da «coroa de rosas».

O público não esquecerá, porém a interpretação da canção «*En Belem tocan a fuego*», de Cervera, cheia de vivacidade, de ritmo, de uma incontida exaltação a que o coro correspondeu com a regularidade de uma máquina e mais a consciência que máquina nenhuma possui. Para ouvir essa canção e aquele tão simples e expressivo vilancico anónimo do século XVI teria valido a pena assistir á exibição do «Coral Polifónico de Viana do Castelo».

Apenas se lamentara não nos ter dado, nem ao menos para amostra, uma única melodia portuguesa. Certamente razões poderosas haverá, pois não acredito que Dulcínio de Vasconcelos conheça Kreutzer e não Lopes Graça, conheça o folclore basco e não o beirão ou transmontano.

Ou será que para o excelente coral de Viana do Castelo também haverá um Portugal por descobrir...

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

MUDANÇAS

NO PAÍS E PARA O ESTRANGEIRO
Orçamentos Grátis
RAUL GALAMAS, LDA.
RUA DA MADALENA, 68
TELEF. 869600

SALDAMOS
MAIS UM GRANDIOSO LOTE DE CARPETES, TAPETES E PASSADEIRAS
GRANDE SORTIDO DE MEDIDAS
MUITOS E BONS RETALHOS DE TECIDOS para almofadas, sanefas, etc. desde 5$00
RICOS TECIDOS PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES — Metro desde 25$00
ÚLTIMOS DIAS
VISITE E VEJA BONS SALDOS
RAUL NETO, L.DA
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º, c/ elevador
(Esquina R. Prata)

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO)TELEFS.727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

Em ALGÉS o «DIARIO DE DE LISBOA» vende-se na Tabacaria Moderna, Rua Almirante Candido dos Reis, 6.

DR. MANUEL COLLARES PEREIRA

FALECEU

A Casa do Pessoal da Companhia das Águas de Lisboa cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Sócio e Amigo, ocorrido em 18 de Fevereiro.

DR. MANUEL COLLARES PEREIRA

FALECEU

FABRICA DE TINTAS DECORA, S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido amigo e Presidente da Assembleia Geral, e que o funeral se realizou hoje, pelas 12 horas, da Igreja da Pena para jazigo de família no Cemitério dos Prazeres.

DR. MANUEL COLLARES PEREIRA

FALECEU

O Conselho de Administração da Companhia das Águas de Lisboa cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Vice-Presidente, ocorrido no dia 18.

P. N. A. M.

DR. MANUEL COLLARES PEREIRA

FALECEU

O Conselho Fiscal da Companhia das Águas de Lisboa cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Vice-Presidente do Conselho de Administração, ocorrido em 18 de Fevereiro.

P. N. A. M.

LUÍS MANUEL JUNQUEIRO PINTO

10 ANOS DE SAUDADE

Seus pais e irmão participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 21, ás 9,30 horas, na igreja de São João de Deus, agradecendo a quantos se dignarem participar neste piedoso acto.

SOMAVE

SOCIEDADE DE MONTAGEM DE AUTOMÓVEIS DE VENDAS NOVAS S. A. R. L.

Convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade a reunir-se no dia 31 de Março de 1970, pelas 16 horas, na Avenida Eng.º Duarte Pacheco, n.º 15, em Lisboa, para os fins seguintes:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas do ano de 1969 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Fixar as remunerações dos membros dos Conselhos de Administração e Fiscal;

3.º — Apreciar e decidir sobre quaisquer assuntos propostos, de interesse social.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1970.

O presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Dr. António de Barros

CARTAZ DOS CINEMAS

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305

HOJE: 15.18, 18.15 e 21.30

Êxito total!

O INCOMPARÁVEL FRANCO NERO, NO SEU FILME MAIS SENSACIONAL

TEXAS ADEUS!

com Cole Kitasch e Elisa Montes
UMA HISTÓRIA DE MORTE ENTRE FERAS HUMANAS

(Scop. Color)

MUNDIAL

Tel 538743

Às 18.30 e 21.45 (Adultos)

George Peppard, Inger Stevens e Orson Welles num filme sugestivo e empolgante!

A SOMBRA DE UM HOMEM

(Techniscope e Technicolor

Arrojado! Diferente! Invulgar!

VOX

(M. 17 anos) Tel. 720808

Às 15.15, 18.30 e 21.45

3.ª semana de lotações esgotadas

Rod Steiger, Judy Geeson e Claire Bloom num filme de apaixonante interesse!

A RAPARIGA DO AUTO-STOP

TECHNICOLOR

Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 15.30 e 21.45

2.ª SEMANA

A divertida comédia

CONFIDENCIALISSIMO

com Annie Girardot e Francis Blanche

Prémio especial no Festival de Berlim

Prémio Fémina — Paris

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555431

Às 15.15 e 21.30

5.ª SEMANA

O OURO DE MACKENA

com Gregory Peck e Omar Sharif

QUINZENA

O AMOR NO CINEMA

Amanhã — Adultos — 18.30 h. **VAMO-NOS AMAR**, de George Cukor, com Marilyn Monroe e Yves Montand

Dia 25 — «Meu Amor, Meu Amor» (Adultos)

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.15 e 21.30

A ficção excedida pela realidade

Um filme de **Richard Brooks** o relato sério, impecável e emocionante de um facto verídico

A SANGUE FRIO

Segundo obra de **Truman Capote**

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134

Às 15.30, 18.30 e 21.45

2.ª Semana — Uma obra-prima A obra máxima de **Carl Th. Dreyer**

DIA DE CÓLERA

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Steve McQueen em

OS RATONEIROS

segundo a novela de William Faulkner no seu romance «THE REIVERS» vencedora do Prémio PULITZER com **Sharon Farrel**

Um filme invulgar

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080

Às 15.45 e 21.45

Uma obra-prima da moderna literatura

OS RATONEIROS

c/ **Steve McQueen**

Um filme excepcional

EUROPA

Tel. 661016 (Adultos)

Às 15.15 e 21.30

4.ª semana

Um êxito indiscutível pelo seu tema e pela sua classe!

MEIAS PRETAS

com **Susan George** e **Victor Henry**

Technicolor

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560

Às 21 horas

SPARTACUS

com **Kirk Douglas**

LIDO

(M. 12 anos) Tel. 937593

Às 21.30

A mais movimentada aventura de **Roger Moore!**

O SANTO EM ACÇÃO

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Às 17 e 21.30

ENIGMA ALUCINANTE

com **Gregory Peck** e **Diane Baker**

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

Matava como um artista. Esta é a história da sua obra-prima!

GLEEN FORD em

À MÃO ARMADA

com **Carolyn Jones** e **Barbara Hershey**

TIVOLI

(M 12 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

DEBORAH KERR e DAVID NIVEN

numa comédia sensacional que reflecte todo o momento actual

SARILHOS CONJUGAIS

SÃO JORGE

(M 17 anos) Telefs 54153/4

Hoje ás 15.15, 18.15 e 21.30

EM 6.ª SEMANA

THE GRADUATE

(A PRIMEIRA NOITE)

(Óscar para o melhor realizador)

com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katherine Ross**

DOMINGO, às 11 h. da manhã

CINEMA COM CRITÉRIO

NO CALOR DA NOITE

(17 anos)

Patrocínio do Cineclube Católico

Entrada facilitada aos sócios do Cineclube Católico

Bilhetes à venda:

Preço único — 15$00

CONDES

(M 17 anos) Tel. 522523-326710

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Annie Girardot, Francis Blanche e Jean Yanne

CONFIDENCIALISSIMO

Prémio Fémina — Paris 1969

ODEON

(M 12 anos) Tel 326283

Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

2.ª **SEMANA de êxito sensacional com o filme português**

O DESTINO MARCA A HORA

com **Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner**

Realização de

HENRIQUE CAMPOS

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933

Às 21 horas

A PEQUENA PARÓDIA

ROUBO NO METROPOLITANO

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 15.30 e 21.45

Uma história de saborosa malícia!

MARIDO VELHO... ...MULHER NOVA

Realiz.: **Alberto Latuada**

com **Rosanna Schiaffino** e **Philippe Leroy**

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30

Um extraordinário filme de «suspense» no caminho para uma forma de emoção

Technicolor e Panavision

MINUTO A MINUTO SEM RESPIRAR

c/ **Carol White** e **Paul Burke**

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

Às 15.30, 18.30 e 21.45

4.º MÊS

14.ª SEMANA

DIVÓRCIO À ITALIANA

A espantosa comédia de PIETRO GERMI

com **Marcello Mastroiani**

UMA MARAVILHA

CHIADO TERRASSE

(M 17 anos) Às 21 horas

A QUADRILHA SELVAGEM

com **William Holden**

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Pega de canas» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «O Vison Voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionário» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Fofo» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21. «Maciste, o homem mais forte do Mundo» (12 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21: «Cinco anos depois» (17 anos)
ROYAL — Às 21: «Um lugar para amar» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Tempo de massacre» (17 anos).
PARIS — Às 21. «O homem de Kiev» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Olhos verdes, loiro e perigosa» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «L S D., droga alucinante» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Regresso de Ringo» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O foragido do Rio Colorado» (12 anos)
LUMIAR — Às 21: «Duelo do diabo» (17 anos).

«SILVA VICENTINA» NO TRINDADE

Dedicada aos novos alunos do Centro de Aperfeiçoamento Profissional do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório, o Grupo Proscenium leva a efeito no Teatro da Trindade, amanhã à noite, às 21 e 30, a 38.ª representação da «Silva Vicentina», recolha de textos de Gil Vicente, encenados em forma de revista popular por Pedro Lemos.

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Todos são meus inimigos» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Enigma alucinante» (12 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — As 21 e 30: «Meias pretas» (17 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Homens desesperados» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «O grande golpe dos 2 homens de ouro» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Argoman, superdiabólico» (12 anos).

1.º Festival Nacional de Cinema de Amadores do Cineclube de Torres Novas

Organizado pelo Cineclube de Torres Novas, na sequência de uma série de actividades artístico-culturais comemorativas do 10.º aniversário da sua fundação, vai realizar-se o 1.º Festival Nacional de Cinema de Amadores

Serão admitidos neste festival os filmes produzidos por amadores portugueses nos formatos de 8 mm e super 8 mm, a preto e branco ou a cores, mudos ou sonoros, originais ou cópias com metragem não superior a 60 metros

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M

ALCÂNTARA — Probidade, R de Alcântara, 15-A-B (688589)
AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318)
ALTO DO PINA — Essil, R Barão Sabrosa, 104 (841912)
ALVALADE — Rainha Santa, Rua Al Lopes Vieira, 57-B (765262) ✻ Alentejo, Av do Igreja, 28-B (712682).
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (845518).
AREEIRO — Belo, Av de Roma, 53-A (776314) ✻ Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (725859) ✻ Central do Areeiro, Av Paris, 2-2 A (720820)
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016) ✻ Cardoso, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) ✻ Saldanha, Av Praia da Vitória, 53-55 (43938)
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Filatro de Almeida, 38-A (44000).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (311216).
BAIXA — Frazão, R. das Portas de St.º Antão, 72 (328180) ✻ Durão, R. Garret, 90-92 (324166)
BENFICA — Marques, E. de Benfica, 648 (700096) ✻ Vitex, Est. de Benfica, 878-B (780548) ✻ S. João, Est. da Luz, 124-A (783179).
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) ✻ Almeida, R. Silva Carvalho, 186 (661726).
CAMPOLIDE — Imperial, R. General Taborda, 28 (680931) ✻ Rualto, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A e 5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CHILE — Lab.º do Brasil, R. Alves Torgo, 29-31 (46843).
CONDE BARÃO — Lys, R. da Esperança, 17-19 (660918).
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 180 (660339).
GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) ✻ Progressiva, Rua Santa Marinha, 18 (863619).
LUMIAR — Patuteia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790382)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C., 3, Lote 300 (311091) ✻ Central dos Olivais, Rua Alferes Barnabeu Ruas, 7-C, Olivais-Norte (815539).
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661008).
PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 116 (325455).
PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (610741).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533)
PICHELEIRA — Mariaz, Calç. da Picheleiro 40-B-C (702703 e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua F Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S Paulo, 101 (321771).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grilo, Rua do Grilo, 25 ✻ Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.º António, 7-9 (840125).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nife — Aven. Comb G Guerra, 64 (T. 2120070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 24300588)
PAREDE — Brandão — Av. da Republica, 77-C (Tel. 2471054)
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 2611186).
MONTE ESTORIL — Suíça — Cruzeiro (Tel. 2600087).
CASCAIS — Misericórdia — R. do Regimento 19, 41. (Tel. 280141). Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Telef. 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); Campos — Rua Elias Garcia, 185 (T. 980072); Clabel — R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 983920).
QUELUZ — Zeller — R. da Republica, 83 (Tel. 950045); Correia — L. do Mercado, 3 (T. 950905).
CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940084).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 29100121).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 938920).
COLARES — Colares — Abreje (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. do Belo Rosa 8 (Telefone 224250)
ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão 21-A (Tel. 270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est Nacional 221-B (Tel 224141)
BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 116 (T 2273085)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa, Est dos Barrocas 50-A (Tel. 2760182)
MOITA — União Moitense — Av. Dr Teófilo Braga (Tel 289025).
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel 280085).
SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel 229471)
SETÚBAL — Costa — L. do Misericórdia (Tel. 22760). Brasil P. do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Soremenho — R Paivo Coelho 38 (Te 22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 861858 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla, 538821 ✻ Gazcidla, idem e feriados, 882069.
BOMBEIROS — Sapadores 822222 Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviços de emergência, 115 ✻ Segurança Publica, 866141 ✻ Judiciária, 535380 ✻ Marítimo, 526456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, exigénio e soros, 771168 e 71169 ✻ Transfusões, soros e exigénio, 538524 ✻ Centro de Intoxicações (informativo), 767777. 761176 e 762450.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✻ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✻ Caminhos-de-ferro (Estoril) 861121 ✻ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✻ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✻ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✻ Estação fluvial (Belém), 638511.

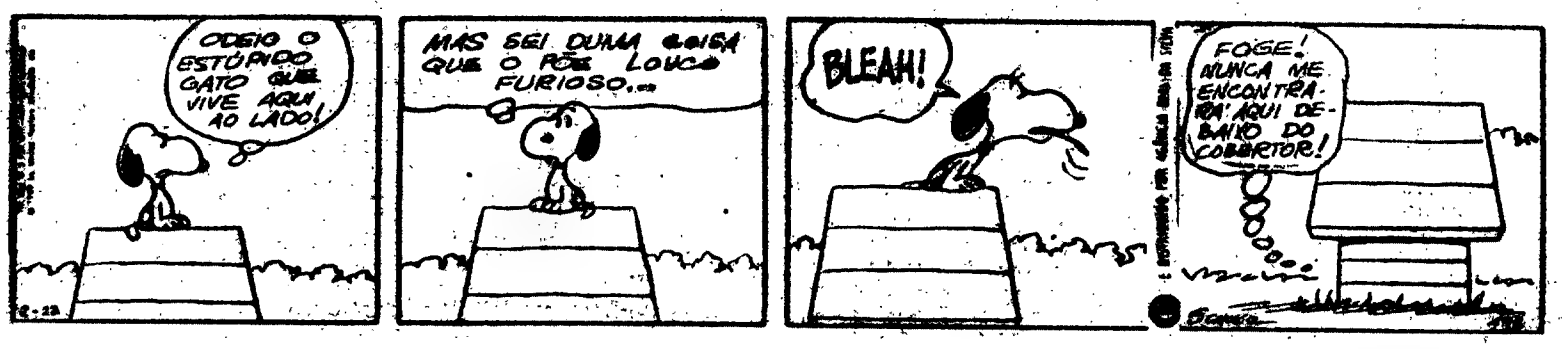
BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
PREMIADO PELO SNI

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ
RESTAURANTE
antónio
AMANHÃ
DOBRADA À ANTÓNIO
DOMINGO
CABRITO NO FORNO
Rua Tomás Ribeiro, 69

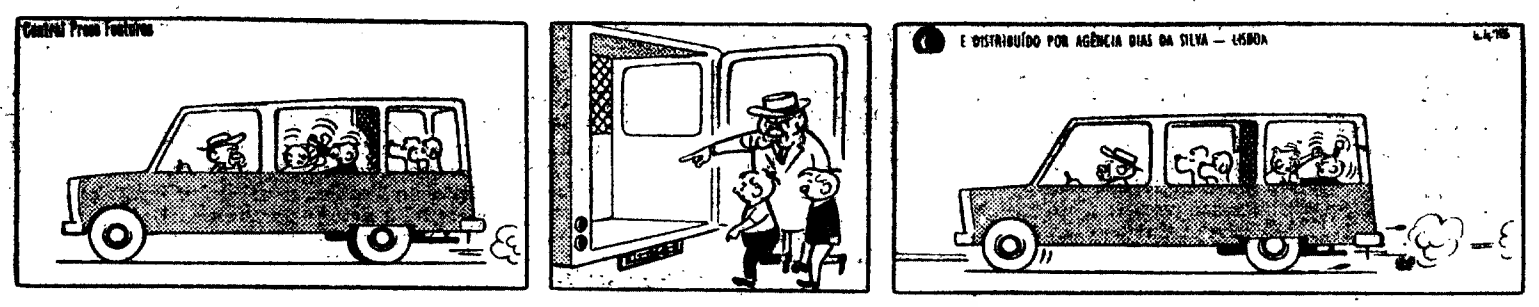
TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080
TARANTELA
RESTAURANTE SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Fevereiro de 1940 publicava:

«WASHINGTON, 20 — O senador isolacionista Nye, que substituiu o falecido senador Borah na Comissão de Relações Estrangeiras no Senado, declarou, em entrevista, que os Estados Unidos caminham para a guerra e que o Governo nada faz para o evitar.

«— Levamos o mesmo caminho — diz o senador — de 1915.

«Profetizou que a corrente de munições e de material de guerra que flui para a Europa é o preludio da perda de créditos americanos concedidos ás nações em guerra; e nesta altura os Estados Unidos ver-se-ão envolvidos nas hostilidades.»

CAMINHOS DE FERRO

HORÁRIO DOS COMBOIOS

ZONA CENTRO

Comunica-nos a C. P. que, por motivo dos trabalhos de renovação da via, haverá pequenas alterações no horário de alguns comboios em circulação na linha do Norte, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Entroncamento, e em tranvias, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Azambuja, a partir do dia 12 de Janeiro de 1970 e até aviso em contrário.

O pormenor destas alterações consta dos avisos afixados nas estações onde poderão ser consultados pelo publico interessado.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

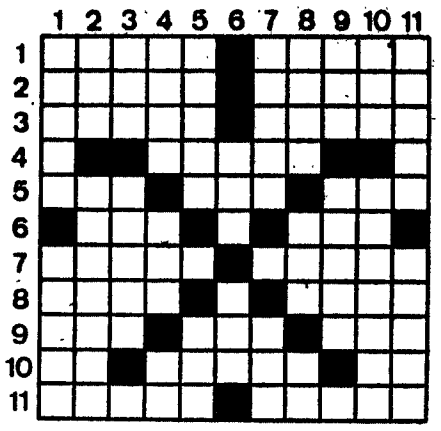
(PROBLEMA N.º 5452)

HORIZONTAIS: 1 — Mordiscar. Tempo do verbo ser. 2 — Aguce. Charnua. 3 — Cidade de França. Casas de habitação. 4 — Querido. 5 — Ergue. Falda. Piedosa. 6 — Alcool de melaço. Unidade monetária do Japão. 7 — Sacaí. Idiota. 8 — Vassourar o forno depois de aquecido. Feminino de dois. 9 — Nome de mulher. Utensilios domésticos. Nome de mulher. 10 — Cento e um em romano (inv.ª) Turcos. Quarto. 11 — Divisões de uma casa. Interjeição que designa reprovação ou ódio.

VERTICAIS: 1 — Roçai. Atraiçoas. 2 — Mau cheiro. Ser humano que se começa a criar. 3 — Possuir. Dourada. 4 — Cantiga. Oceano. Fútil. 5 — Quinhentas folhas. Patas. 6 — Manto real. Apelida. 7 — Liquida contas. Preposição. 8 — Cidade da Angélia. Ofereceí (inv.ª). Isolado. 9 — Oceano. Bebedeira (Gir). 10 — Composição poética. Usurpar. 11 — Pessoa muito parecida com outra. Guarnecia de asas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

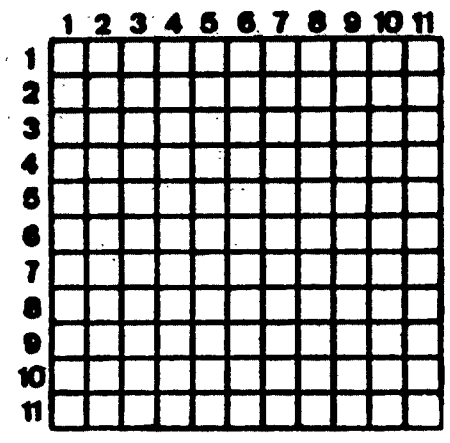


(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9295

HORIZONTAIS: 1 — Inocente. Rágula. 2 — Organização das Nações Unidas. Heroína francesa que foi queimada viva. Figura que simboliza o povo americano. 3 — Troça. Além. Escarnece. 4 — Gole. Arremessa. 5 — Terreno, coberto de vegetação no meio de um deserto. O espiritual. 6 — Senhores. Fileira. 7 — Litoral. Cintilla. 8 — Mover os remos. Velhice. 9 — Artigo definido. Serra de Portugal. Sufixo que designa estado. 10 — Prende. Pronome pessoal. Empregue. 11 — Rio de França. Leva á eira.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Portugal. Presunções. 2 — Ligara. Sobre. 3 — Estrépito de desmoronamento. Tostam. Prefixo de privação. 4 — Precederiam. 5 — Estrafaram. 6 — Nome de jogo. Víscera dupla. 7 — Reclamaniam. 8 — Afiascado. 9 — Artigo definido. Encolerizada. Nome antigo da nota musical dó. 10 — Armação de um leito. Que tem bastante idade. 11 — Plantio de arvoredos. Que é do ar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5451

HORIZONTAIS: 1 — Ataca. Aquém. 2 — Coflam. Turma. 3 — Amarrei. 4 — MV. Adiam. AC. 5 — Aam. Aos. Ata. 6 — Ler. Aru. 7 — Pesar. Grama. 8 — Salão. 9 — Ria. Mam. Tom. 10 — Congo. Soera. 11 — Anões. Armas.

VERTICAIS: 1 — Acama. Parca. 2 — Tó. VALE. Ion. 3 — Ala. Mês. Aro. 4 — Cama. Ras. Ge. 5 — Amada. Ramos. 6 — Rios. Lá. 7 — Atrás. Gansa. 8 — QUEM. Aro. Or. 9 — Urí. Ara. TEM. 10 — En. Atum. Ora. 11 — Masca. Almas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9294

HORIZONTAIS: 1 — Acalmaremos. 2 — Balão. Amaro. 3 — Api. Tás. 4 — Impia. Aitar. 5 — Ruas. Aida. 6 — Ir. Pal. Mó. 7 — At. Calma. Rã. 8 — Polar. Armou. 9 — Usa. Não. 10 — Cera. Mete. 11 — Onara. Féria.

VERTICAIS: 1 — Abrir. Apago. 2 — Cá. Muito. Er. 3 — Alapar. Luna. 4 — Lápis. Casar. 5 — Mofa. Pará. 6 — Val. 7 — Rota. Iman. 8 — Emala. Arame. 9 — Mastim. Moer. 10 — Or. Aidoro. Ti. 11 — Soena. Aunsa.

Salão Internacional de Fotografia da Costa do Sol

Realiza-se em Setembro o XI Salão Internacional de Fotografia da Costa do Sol, mais uma vez promovido pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

O certame destina-se a artistas amadores e profissionais, nacionais e estrangeiros.

O Salão abrange as seguintes modalidades: *Folclórica* — Festas, romarias, trajo popular, pescadores, etc.; *Panorâmica* — Orla marítima, Campo, jardins, parques, etc.; *Mundana* — Praias, Casinos, hotéis, restaurantes, etc.; *Desportiva* — Ténis, golfe, hipismo, equitação, vela, esqui aquático, etc.

Dizem os leitores...

OS SERVIÇOS DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA DE BEJA

Do nosso leitor sr. Manuel Pires de Sousa de Beja, recebemos esta carta:

«Os serviços da Caixa de Previdência de Beja estão instalados em três grandes edifícios, cujas rendas devem ser bem altas, e ficam separados, sem que alguém providencie para que se construa um edifício para instalação desses serviços, embora o respectivo terreno tenha sido adquirido há muitos anos.

Qual o motivo? Só o senhor ministro poderá mandar averiguar e, depois, providenciar para que este estado de coisas acabe.

Quantos edifícios se teriam já feito com o dinheiro das rendas?

O serviço de consultas no posto, nas primeiras horas, é feito em precárias condições. Como é justo, toda a gente que tem de utilizar os serviços vai mais cedo para ficar nos primeiros lugares, isto é: ás 8 horas já ali se encontram beneficiários á porta, á chuva e ao frio, tanto crianças como adultos. Não poderia estar ali uma criada para abrir a porta da entrada para evitar estas cenas que se presenciam na rua?»

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL 38/70

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram depositados nos depósitos da 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, na Avenida 24 de Julho, 171, serão vendidos em hasta publica, conforme o preceituado no Edital n.º 142/66, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de um ano a contar da data do presente edital.

Os interessados serão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos, se as viaturas não forem levantadas no prazo de 30 dias.

Nome dos proprietários	Locais donde se retiraram as viaturas	Matrículas
António Pedro Soares Liberal	Rua de Arroios	OM-12-59
José Gandara Lima de Avelar	Travessa do Calado	GL-16-60
Manuel de Oliveira	Alameda D. Afonso Henriques	EG-24-63
João Eduardo de Oliveira Mascarenhas	Rua Andrade Corvo	HG-22-56
Singa — Soc. Mineira do Continente Português	Alameda D. Afonso Henriques	HE-23-08
José dos Santos Almeida	Praça Príncipe Real	HI-95-40
Ignora-se	Travessa das Zebras	Ignora-se
Joaquim de Almeida Nunes Botica	Rua da Manutenção	AF-22-04

Paços do Concelho de Lisboa, em 13 de Fevereiro de 1970.

O PRESIDENTE,

António Vitorino França Borges

Necessidades e aspirações dos trabalhadores ribatejanos

As cheias voltaram. Com elas, os movimentos dos proprietários, o debruçar sobre toda a questão agrária portuguesa e, cada vez mais agudamente sentidas, as necessidades dos camponeses.

Em Santarém, Humberto Lopes afirmou-nos: Os camponeses precisam de terra, de trabalho todo o ano, com salários suficientes, de uma Assistência e Previdência Social que não seja sabotada pelos lavradores, grandes e médios, de habitações dignas de seres humanos, de uma rede hospitalar, de uma rede de escolas, bibliotecas e organizações culturais que exterminem o analfabetismo».

As pessoas mais esclarecidas na região não parecem estar convencidas de que os problemas dos camponeses possam ser resolvidos a curto ou a médio prazo. Os proprietários movem-se, organizam-se em seu próprio proveito.

Foi criada uma Associação de Desenvolvimento do Vale do Tejo que irá propor, necessàriamente, o «desenvolvimento» que interessa aos proprietários. Enquanto os camponeses não forem ouvidos, enquanto não se for ao encontro das suas necessidades e aspirações, a questão do Ribatejo (uma parte da questão agrária portuguesa) será a «questão» dos proprietários mesmo quando combatida pelos pontos de vista de tecnocratas esclarecidos.

(PÁGINA CENTRAL)

MESA REDONDA

As horas extraordinárias e suas implicações

MARCELO CURTO

As consequências sociais, políticas e económicas do prolongamento do trabalho diário para além de um número de horas considerado excessivo, tem por base real e palpável estas duas ou três verificacões:

— o esforço humano tem um limite fisiológico;
— o descontentamento do trabalhador tem um limite psicológico;
— o pagamento das horas suplementares de trabalho deve ser superior ao das horas normais.

É sabido que as primeiras e violentas reivindicações dos trabalhadores por conta de outrem (o empresário, o capitalista, o «trust») tiveram por objecto o número excessivo de horas de trabalho diário. Ora, sendo o sistema de pagamento da força de trabalho essencialmente baseado no tempo (salário/hora/dia/semana/mês) cedo descobria o trabalhador, na sua própria carne, que a sua força de trabalho era um elemento de produção que podia ser recusado, utilizado durante menos tempo ou pago por preço superior.

Não se desconhece também que o aumento dos lucros do capital, depois da revolução de 1789 em França, aumento desenfreado que coroa o acesso da burguesia ao poder e que, no mundo do trabalho, leva à abolição das corporações medievais e de toda a sua estrutura hierárquica e fechada, não se desconhece, dizíamos, que é pelo emprego de grandes massas de mão-de-obra que dependem, para subsistir, ùnicamente do seu salário, que se vem a tornar decisivo, até para a própria sobrevivência física do operário, a diminuição do número de horas diárias de trabalho.

É por outro lado significativo que, por exemplo em Inglaterra, no início do séc XIX, grandes fortunas se tenham formado através da utilização do trabalho de crianças que, em geral a partir dos seis ou sete anos, chegavam a prestar 12, 14 e 16 horas de trabalho diário nas fábricas texteis, na cerâmica, etc.

Finalmente, e para reflectir, o facto de os empresários capitalistas só terem diminuído efectivamente o número de horas diárias de trabalho quando duas condições se encontraram preenchidas:

1.ª — O desenvolvimento tecnológico e aperfeiçoamento das máquinas existentes permitiu o aumento do volume de produção com aumento de lucros e diminuição do volume de mão-de-obra e utilização desta durante menos tempo.
2.ª — O aparecimento de organizações sindicais operárias bastante fortes para impor em bloco condições de trabalho mais humanas e com melhores remunerações.

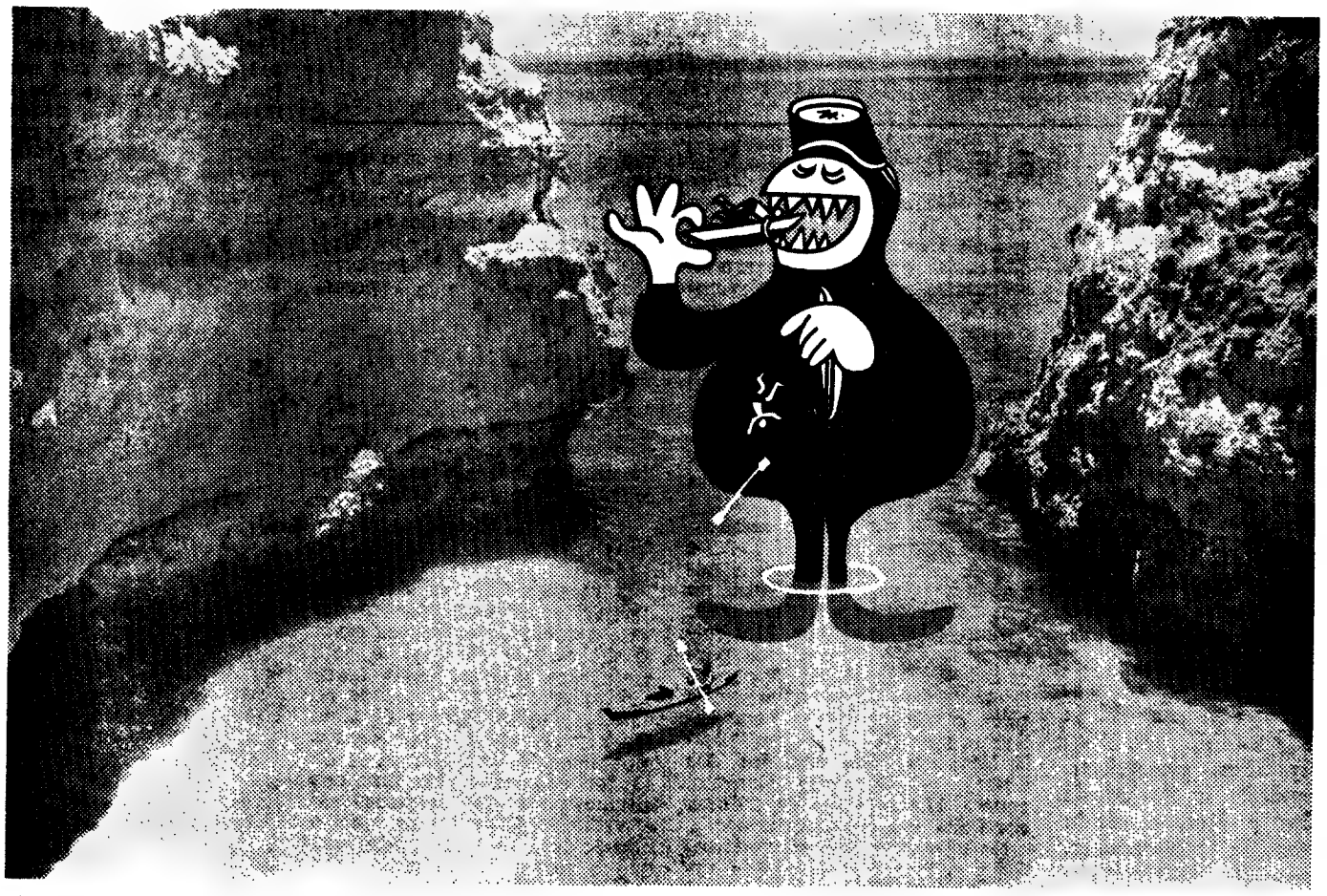
A evolução do limite do horário de trabalho e o pagamento de horas extraordinárias

A fixação do horário diário de 10 horas de trabalho é do início do século XX. Só depois da Grande Guerra de 1914-18, e então já por efeito de organizações sindicais fortes, é que o número de horas diárias de trabalho foi reduzido para oito.

Em França, a Lei de 21 de Junho de 1936 (durante a Frente Popular) determina enfim que, nos estabelecimentos industriais, comerciais, arte-

Continua na pág. 5

Portugal pitoresco (5)



O *DEVORADOR DE PIROGAS*

Desenho de João Abel

A INDÚSTRIA NA HORA DA REFORMA

(PÁGINA 3)

ASSIM VAMOS NÓS

Colaboração

«Há quem não veja bem a digna, leal e autónoma colaboração entre a Igreja e o Estado — é engano. Portugal antes, até, do Concílio encontrou a forma ideal de relações entre a Igreja e o Estado».

Com estas palavras saudou Sua Eminência os assistentes religiosos da M. P. que o visitavam no final da sua reunião anual (de 12 a 14 de Fevereiro).

★

O assistente nacional da Mocidade Portuguesa, com nível de comissário nacional adjunto, declarara nas palavras de apresentação: «Como apóstolo, não trazemos ouro nem prata connosco; mas trazemos — esses, sim — vivos e actuantes os tesouros da nossa fé, rubros e escaldantes os frutos do nosso sacrifício.

Saudação

Chegou, há dias, a Lisboa, de regresso de Angola, o brigadeiro António Rodrigues, bispo de Madarsuma e adjunto do bispo castrense. No aeroporto de Luanda, á despedida, o bispo-brigadeiro António Rodrigues disse: «Saúdo em especial os militares que aqui prestam serviço. Conheço a dureza da sua vida (...). A maioria deles são cristãos: compreenderão fàcilmente o que pretendo. E se, á semelhança do Apóstolo Pedro, não tenho nem ouro nem prata (...) desejo-lhes a força da protecção divina e a alegria da lei divina, quando cumprida.

Viajar

Tomemos um homem (pode até ser um velho), em Chaves e tentemos fazê-lo visitar os filhos (ou amigos) no Algueirão (Sintra). Ou, se quisermos aumentar a dose, iremos colocá-lo numa aldeia a alguns quilómetros de Chaves, aldeia sem transportes a horas matutinas. Castiguemos, portanto, o nosso homem, fazendo-o andar a pé o seu bocado (uma a duas horas de caminho).

São 7 horas da manhã de sexta-feira. A partir de agora a história é uma história de comboios. As dez horas parte o nosso homem de Chaves para o Porto. Os primeiros 90 quilómetros são percorridos à velocidade de 18 km/hora. Cerca das 18 horas e trinta minutos chega ao Porto. É preciso esperar pelo comboio-correio para Lisboa

O comboio só parte à meia-noite e só chega às dez e meia da manhã de sábado a Lisboa. Depois ainda há o comboio para o Algueirão...

Em Portugal, 1970, a viagem Chaves-Lisboa em comboio leva um pouco mais que um dia. E se o nosso homem tivesse o filho em qualquer povoação algarvia?

Sindicalismo

1

«Com base na linha traçada para o ano lectivo de 1968/69, concretizou-se uma visita de estudo a França, da qual realçamos o afável acolhimento das gerências dos armazéns Printemps e Lafayete, proporcionando o encontro entre os participantes na visita e os seus colaboradores e a cativante gentileza dos grandes armazéns de Paris denominados Samaritane, facultando as suas modelares instalações e dirigindo á direcção deste Sindicato Nacional palavras de muito apreço por esta iniciativa.

Reiteramos o nosso reconhecimento ao director da Casa de Portugal, em Paris, pela amável cedência da sua sede onde este sindicato efectuou uma reunião de convívio, á qual compareceram as gerências dos armazéns Samaritane, Printemps e Lafayete *e uma representação dos empregados dessas empresas, sendo trocadas impressões sobre actividades comerciais de Portugal e França. Expressamos o nosso melhor agradecimento ao senhor Neto, digno funcionário da Casa de Portugal, pela sua relevante colaboração.*

No aspecto cultural, as visitas ao Museu do Louvre, Torre Eiffel, Igreja de Notre Dame e Palácio de Versailles, que a todos deslumbrou, contribuiram para um melhor conhecimento da História da França.»

(Do Relatório de 1969 do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa)

2

Extracto das «contas» de 1969 do mesmo sindicato:

a) **Verbas despendidas com visitas de estudo, aperfeiçoamento profissional e cultural**	334 671$20
b) **Verbas despendidas com a Escola de Aperfeiçoamento Profissional:**	
Honorários ao Corpo Docente (director, professores e vigilantes)	180 000$00
Bolsas de estudo	65 000$00

3

As visitas de estudo surgem dentro da «linha traçada» como a actividade sindical mais importante (cerca de 40 por cento das verbas totais despendidas com a Educação e Assistência), o dobro das verbas despendidas em honorários dos directores e professores da Escola de Aperfeiçoamento Profissional, mais de cinco vezes das verbas despendidas com as bolsas de estudo; seis vezes as verbas totais despendidas com donativos aos sócios e outras modalidades de assistência — colónia balnear infantil, auxílio a instituições, consoada de Natal(postos médicos, bairros de casas económicas, legalização e agregados familiares.

ASSIM VAI O MUNDO

Penetração

O empório automobilístico italiano Fiat prossegue na sua caminhada de penetração no mundo comunista. Após a instalação de linhas de montagem na União Soviética, a grande empresa de Turim acaba de firmar importante contrato com a companhia Zavcdi Crvena Zastava (ZCZ) da Jugoslávia, que pretende incentivar a sua produção, não só para satisfazer o crescente mercado interno como para entrar na concorrência europeia.

Tal operação, acrescida de mais dois projectos jugoslavos no campo automobilístico, exige um investimento total de 125 milhões de dólares, 46 milhões dos quais terão de ser em divisas estrangeiras. Neste sentido, o Banco Mundial acaba de conceder um empréstimo de 18 500 000 dólares para modernização e aumento das instalações da ZCZ (automóveis); da Zeljezara Sizak (fabricante de tubos de aço); e da Poljoprivredwh Masina, fabricante de pneus.

O empréstimo foi concedido ao Banco Jugoslavo de Investimentos, com a garantia do respectivo Governo. Terá um prazo de catorze anos, com juro de sete por cento. O mais importante dos empreendimentos é o da ZCZ: 106 milhões de dólares. Como a nova associada da Fiat só receberá, do Banco Mundial, dez milhões, preencherá o saldo graças à filial do Banco Mundial, a Sociedade Financeira Internacional, graças também à Fiat, e ainda a bancos e empresas jugoslavas e a créditos dos fornecedores.

A associação de firmas jugoslavas com estrangeiras processou-se a partir de 1967. O negócio Fiat-ZCZ é, de longe, o mais importante do género. E pensa-se que irá entusiasmar ainda mais a continuação de tal política.

E. F. T. A.

As últimas estatísticas fornecidas pela E. F. T. A., relativas ao movimento da balança comercial dos países membros referentes ao mês de Novembro de 1969 revelam que o comércio de Portugal com os Estados Unidos, durante aquele mês, acusa saldo positivo. Na verdade, o volume das importações de Portugal provindas daquela Confederação era de 7,5 milhões de dólares, enquanto as nossas exportações somavam 8,1 milhões.

Contudo, em relação aos restantes países da E. F. T. A. e aos do Mercado Comum, o panorama é algo diferente: no que diz respeito a importações, Portugal movimentou 31,9 milhões de dólares dos seus parceiros da Associação Europeia de Comércio Livre, exportando para o mesmo destino mercadorias no valor de 29,8 milhões. E importou 54.4 milhões dos países do Mercado Comum, contra 17.4 milhões de dólares concernentes á exportação.

No movimento total, verifica-se que Portugal importou valores correspondentes a 156.2 milhões de dólares, exportando sómente 91,8 milhões. Ou seja: importou mais 40,1 % em relação a igual mês do ano anterior, exportando mais 19,4 %.

Todavia, são significativas as diferenças verificadas no comércio com os Estados Unidos. Mais 82,9 % de importações, menos 8 % nas exportações.

A política

«A sociedade estaliniana, contrariamente ao que se diz, é uma sociedade totalmente apolítica», garante o escritor checoslovaco Antonin Liehm.

Meditar

O mesmo Liehm: «Nenhum de nós, escritores, põe em dúvida o socialismo. Não se trata ainda de um desafio? A este socialismo, no qual acreditámos com paixão e que se tornou de vómitos, vamos apesar de tudo fazer qualquer coisa por ele, vamos salvá-lo. O nosso ideal de 48 foi enganado. Sentimo-nos ao mesmo tempo responsáveis e vítimas. Provaremos que o nosso ideal foi pervertido mas que a nossa fé no socialismo real persiste intacta».

Depois do que se passou na Checoslováquia, uma atitude como esta é para meditar.

Idiomas

Duma reportagem de Alberto Moravia: «A população boliviana é de 4 milhões. Destes, 54 % são índios. 32 % mestiços, só 14 % brancos.

75 % dos bolivianos (quase todos os índios) são analfabetos. Pode dizer-se que apenas metade dos índios compreende e fala o espanhol. Os restantes falam os idiomas indígenas: *quechua* e *aymara*».

Quantos elementos do Exército de Libertação Nacional de 1967 falavam estes idiomas?

Segundo o *Diário da Bolívia*, poucos.

A INDÚSTRIA NA HORA DA REFORMA

O Colóquio sobre desenvolvimento industrial que se vem realizando nas instalações da Feira Internacional de Lisboa começou da maneira mais atraente, pelas perspectivas de abertura e acção que o discurso inaugural do secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins deixa prever. Procurando resumir numa pequena frase o programa enunciado por aquele governante, façamos uma legenda para as intenções do colóquio: «vamos reformar!» De facto, após as palavras intencionais do eng.º Rogério Martins, a orientação das discussões e debates de problemática tão importante gira em redor da necessidade da reforma a fazer para obter a desejada rentabilidade num sector essencial da economia do País, reforma que não é sinónimo, evidentemente, de «revolução». Trata-se, numa primeira análise, de um ajustamento e actualização de pessoas e métodos dentro da estrutura capitalista em que o colóquio se insere — e da qual resulta.

Por outro lado, o desenvolvimento dos trabalhos tem revelado uma atenção da parte de muitos economistas, técnicos e industriais que demonstram o interesse existente na tal reforma de estruturas, dentro da qual não pode esquecer-se a outra parte da questão: o trabalho. Falar da reforma da indústria equivale, pois, a falar da reforma do ensino, da cultura, da mentalidade empresarial e salarial, da formação em suma, do cápital e do trabalho para novos cometimentos.

Dentro desta linha de pensamento, um redactor de «Mesa-Redonda» procurou, durante uma das sessões, saber o que pensavem várias pessoas, abordadas ao acaso, directamente interessadas nos trabalhos do Colóquio.

JOÃO FERREIRA, estudante de Engenharia:

«DE ACORDO»

Finalmente, um sextanista de Engenharia, o jovem João Ferreira.

— Vamos reformar?

— De acordo.

— Que pensa do Colóquio?

— Trata-se de uma achega importante para nova estruturação da classe industrial, de grande importância económica, mas...

— Mas...

— Com alterações.

— Joga na «cartada» da industrialização?

— Bem, não estou preparado para me pronunciar...

DR. MÁRIO MURTEIRA, economista:

«ATITUDE CORAJOSA E INOVADORA»

— O discurso do eng.º Rogério Martins corresponde a uma atitude corajosa e inovadora, perfeitamente à altura dos actuais problemas políticos e económicos — disse-nos o dr. Mário Murteira, primeira pessoa a quem nos dirigimos. — Contudo, não podemos esquecer-nos duma realidade: trata-se apenas de um enunciado de partida. Agora, é preciso tornar a equação mais clara, completar o esboço, concretizar os meios apropriados para, fundamentalmente, definir o que vai ser feito nas seguintes matérias: política de mão-de-obra, condicionamento industrial, novos auxílios e estímulos à indústria.

— Assim, o que se pode esperar do Colóquio?

— Para já, aquilo que na verdade é: a expressão de uma nova política. As conclusões deverão ser mais esclarecedoras sobre o que no futuro será possível fazer.

ENG.º A. COBEIRA, director do Instituto de Formação Profissional:

«REFORMAR, SIM, MAS NÃO SÓ...»

Interrogado a seguir, o eng.º A. Cobeira falou-nos assim acerca do Colóquio sobre desenvolvimento industrial:

— Abrir o diálogo é a sua missão, a sua tarefa indispensável. Diálogo, sobretudo, entre o sector industrial e o Governo, através da Associação Industrial.

— Fale-nos do discurso do secretário de Estado...

— Corajoso e orientador. Mas... avançou, na minha opinião, com pressa demasiada. Porque o problema de base, em toda esta questão, é reformar toda a estrutura cultural e mental do País. Só depois a económica, em geral, a industrial em particular.

DR. EUGÉNIO BORRALHO, chefe de divisão do I. N. E.

«DOIS TIPOS DE REACÇÃO»

Cauteloso e ponderado, o dr. Eugénio Borralho, à saída da sala de reunião, disse-nos o que pensava do discurso do eng.º Rogério Martins:

— Como técnico, julgo que as palavras do secretário de Estado da Indústria poderão ser a abertura e lançamento de uma nova era. Mas — referiu — há dois tipos de reacção possível perante afirmações de semelhante teor: a reacção dos técnicos e a reacção dos próprios industriais...

— O que espera deste Colóquio?

— A importância decisiva que pode ter para o futuro da nossa economia.

RAMOS ESTRIGA, agente técnico de engenharia e industrial:

«TEMOS DE MENTALIZAR-NOS»

— Perante as afirmações do eng.º Rogério Martins, só posso, como industrial, ter duas atitudes: de concordância integral, por um lado; de rever a nossa posição no sentido de uma adequada e necessária mentalização para os princípios enunciados, por outro. Todavia, oponho uma pergunta, dentro da minha concordância: e meios para a reforma?

— E meios?

— A criação de mão-de-obra capaz é fundamental: a sua formação tem de partir da escola. Para produtividade adequada, a solução é o aproveitamento total da população — a partir da escola.

Novo espírito de empresa?

Durante o Colóquio de Política Industrial surgiu uma posição do eng.º Luís Arouca que nos parece sugerir amplo debate. O relator, durante um extenso estudo sobre um «novo espírito de empresa», mostrou-se partidário de um neocapitalismo «na esfera da socio-economia e capitalismo esclarecido na esfera da política», colaborando com o Estado no ideal de Karl Schiller («tanta concorrência quanto possível, tanto planeamento quanto necessário»). Mostrou-se também defensor de um sindicalismo «activo, coerente e responsável» e de um «contrôle da Nação sobre a acção do Estado», não esquecendo os «choques de interesse, a geração das tensões».

Transcrevemos alguns dos passos da «conclusão» dos seu relatório:

Rejeitando, pois, abertamente em função do contexto sociocultural da nossa civilização europeia ocidental, na sua subcultura latina, as reminiscências da filosofia liberal, e notando que a evolução da filosofia marxista nos países comunistas tende, a par e passo com o seu desenvolvimento económico e progresso económico-social, a alterar o sistema rígido de direcção central, no sentido de uma cada vez maior abertura ao estímulo na fixação da produção, e à motivação lucro na forma de produção (que apenas a virulência de um ortodoxismo marxista, só possível na fase de arranque do progresso de desenvolvimento económico, não quer aceitar), supomos que, adentro da filosofia neoliberal, tão cara à nossa realidade sociocultural no passado e no presente, e sua possibilidade de evolução a custos sociais não excessivos, um neocapitalismo na esfera da socio-economia e capitalismo esclarecido na esfera da política, é o espírito operacional de empresa que melhor se adequa ao desenvolvimento e progresso da Sociedade, à possibilitação de que o homem devenha Homem, na realização da sua essência. Continuamos a acreditar que são os valores da sociedade de consumo, embora refundidos no sistema neoliberal, que aceita o equilíbrio do homem entre o individual e o social, reconhece o papel do Estado (árbitro tanto quanto possível, guia sempre que necessário) na sua definição, admitindo a sua actuação para o afirmar, institucionaliza a participação do homem como tal, na produção, assegurando-lhe a parte alíquota do rendimento gerado a que tem direito, institucionaliza a colaboração da empresa e do Estado na prossecução de um ideal comum, do bem comum do interesse nacional, dizendo, como já referido na lapidar síntese de Karl Schiller «Tanta concorrência quanto possível, tanto planeamento quanto o necessário», que o homem se realiza, libertando-se verdadeiramente da sua alienação, recriando-se homem. (...)

(...) Perguntamos se será possível ter-se uma clara percepção de uma

Contin. na pág. seguinte

Um novo espírito de empresa?

Cont. da pág. anterior

sua futura institucionalização, **sem a actuação de um sindicalismo activo,** coerente e responsável, que a vá antecipando, criando-lhe politicamente verdadeiras condições de negociação válida, dentro de um contexto sociocultural e político que a transcende, mas que ela não pode pretender esquecer, nem ultrapassar de um golpe, sob pena de perder operacionalidade.

A tese de que o choque de interesses no plano político tem de preceder a participação no plano económico, decorre exactamente do organismo social ser um corpo vivo, e como todos, denotar como uma das suas principais características, a plasticidade, a adptação à resultante das forças externas que o impulsionam, com as forças internas que o estruturam biològicamente. As forças externas que o impulsionam podem ser de ordem filosófica, metafísica ou não, mesmo ética embora normalmente sejam de ordem económico-social. As forças internas que o estruturam biològicamente são da mesma natureza, e assim, o aspecto real da sua interacção é a sua tradução numa resultante de forças sempre da mesma natureza. (...)

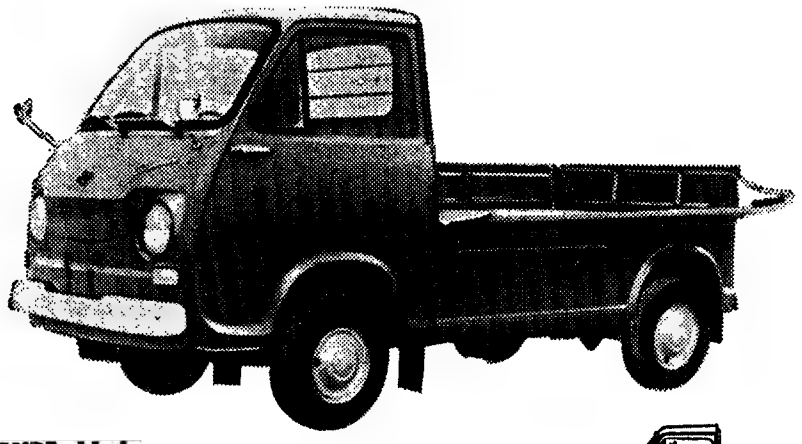
(...) Entendemos que a estratégia da empresa deve simultâneamente ter em conta a realidade humana e as suas motivações. Centrar a motivação dominante na função lucro, que é preciso que, de uma vez para sempre, se compreenda ter pouco que ver com o lucro empresarial nos alvores do capitalismo, mas sem cair todavia no oposto de esquecer que a sua tradução prática normal é um sentimento de maior realização, quer no plano do espírito, quer no plano da matéria — lucro esse cuja formação e fruição só tem sentido balizada por critérios de eficiência social, e cujos utentes num sistema neoliberal, servido por uma socio-economia de capitalismo social, e política de capitalismo esclarecido, não poderão deixar de ser, decantadas as alietoriedades do processo, os melhores, as «élites». E que, finalmente, é o próprio conceito da função lucro que impõe, que exige, que o Estado assuma um cada vez maior papel na sua definição. O Estado não é mais que o poder organizado. A organização do poder implica não só relações de dirigentes e dirigidos, mas também, a tradução de um equilíbrio de forças entre os vários grupos de interesses e pressões que nos vários níveis constituem a Nação e a Sociedade que a enforma. O Estado em si é um sujeito de política económica entre os outros, na sua efectividade prática de actuação um grupo de interesses e pressões como outro qualquer, se bem que nessa efectividade prática de actuação haja duas facetas que se sobrepõem (e por vezes mesmo conflituam): a prossecução dos seus interesses — teòricamente, o interesse nacional mesmo o bem comum!; e a moderação e equilíbrio dos interesses divergentes dos restantes grupos subordinada às mesmas finalidades. Sendo esse o papel do Estado, é cada vez mais exaustiva a sua acção nas cada vez mais complexas sociedades modernas. Mas como o poder fatiga e corrói proporcionalmente à sua extensão e intensidade, **cada vez se impõe mais o «contrôle» da Nação sobre a acção do Estado.** (...)

(...) Importa, no entanto, não esquecer, que a política económica em geral, e a política empresarial, em particular, só se compreende face a um dado contexto sociocultural concreto (e não abstracto!), que não pode prescindir das tensões múltiplas, pessoais e funcionais, em que a empresa vive. Não vamos, pois, esquecer as realidades de base, os choques de interesses, a geração de tensões! Vamos é tentar superá-las! (...)

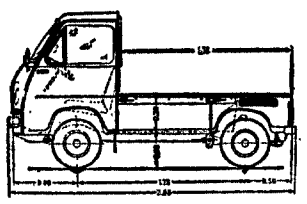
(...) Convém, pois, ter presente, o que já dissemos em artigo publicado não há muito (1), que a filosofia da vida que norteia o novo espírito de empresa, assenta claramente em que a finalidade da vida não é, em última análise, nem a procura do poder e riqueza, nem a procura da felicidade, mas sim o desenvolvimento integral do homem, como pessoa livre e responsável, que é na sua essência.

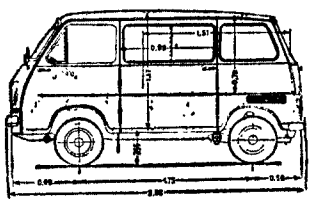
(1) «Reflexões sobre o novo espírito de Empresa», revista *Indústria Portuguesa*, Novembro de 1968, págs. 653 a 658.

SUBARU SAMBAR



na GRANDE cidade
a PEQUENA entrega
da GRANDE empresa





A capacidade de carga da **SUBARU** é realmente surpreendente. Quase não se acredita!
E o consumo? Apenas 4 a 5 l aos 100 kms.
Uma concepção mecânica avançada e, o seu preço — cerca de 40 contos — fazem da **SUBARU-SAMBAR**, a furgoneta ideal no seu género.

um produto da **FUJI HEAVY INDUSTRIES LTD.**

Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 01 56

Margarida Pinheiro

Pedro Lima

José Cabrita

AO ACASO... NUM CACILHEIRO

Mora em Almada?

Com um rápido inquérito feito, ao acaso, entre os passageiros de uma barco cacilheiro, durante a travessia do Tejo, completamos a reportagem publicada na última «Mesa-Redonda» sobre a vila de Almada. Trabalhos estes incluídos na ampla abordagem ao problema da habitação na zona urbana da capital, e «satélites», que temos vindo a realizar.

O interesse maior destes contactos-relâmpagos com gente do povo que procuramos surpreender com perguntas aparentemente tão insólitas, é o gesto de humanidade que as reacções normalmente representam. O problema do desenraizamento, o desinteresse aparente, a pressão económica, a procura de nova vida. E a incógnita do futuro. Aqui temos, em depoimentos breves e aparentemente ligeiros, resumida a problemática que nos ocupou duas páginas de «Mesa-Redonda» da última semana.

Gente (povo) cliente dos cacilheiros é gente que mora na Outra Banda, Almada e arredores, ou que lá tem interesses. Ao acaso, portanto, procurámos colher algumas pessoas de surpresa e, para começar, apresentar-lhe a pergunta-matriz: «Mora em Almada?»

A RENDAZINHA...

«Moro e há doze anos» — disse-nos sem pelas o sr. José da Cruz Jacinto Cabrita, marítimo.

— Porquê, senhor Cabrita?

— A renda, amigo, a rendazinha. Quatrocentos escudos, coisa que não arranjava, quando me casei, em Lisboa. Porque eu nasci em Lisboa.

— Gosta de morar em Almada?

— Gostar, gostar... olhe, quase não lhe tomo o gosto. Sou marítimo, estou pouco tempo em terra. Em casa fica a mulher e uma filhinha de 4 anos.

— E elas, gostam?

— Que remédio! Mas estou a tentar regressar a terra firme, quer dizer, a arranjar trabalho em terra. Pois se aqui já se ganha quase tanto como no mar... Nesse caso, mudarei para o Barreiro. Ou Seixal, quem sabe.

O ANDAR

Quanto ao sr. José Moreira, gerente comercial no Conde Barão, que habita em Almada vai para um ano e meio, as razões são outras.

— Comprei um andar próprio e, como é evidente, só podia fazê-lo fora da capital, onde aliás nasci. Os preços em Almada são mais acessíveis, os transportes rápidos. E a vida.

— Sente os problemas da terra que escolheu?

— Bem vê, eu quase só cá venho dormir...

— E lá em casa, que lhe dizem?

— Que a vida está cara, talvez mais do que em Lisboa... O peixe, a carne, quase tudo é mais difícil.

— E quanto a infra-estruturas: escolas, espaços verdes, parques, hospital...

— Tenho cá um irmão com dois filhos, que estudam em Almada. De resto, que lhe posso dizer?

HABITUAR-SE

Maria Margarida Pinheiro é uma bonita cabeleireira, proprietária do Salão Guida, que há doze anos veio de Évora estabelecer-se em Cacilhas.

— Gosto de cá estar, é quase o mesmo que morar em Lisboa; não é?

— Sente-se «da terra»?

— Bem, eu vim para trabalhar, a vida é diferente, a gente habitua-se...

— E o seu trabalho, rende?

— Não, nem por isso. Aqui em Cacilhas é fraco. Bom é mais acima, em Almada.

O DRAMA

O caso mais triste é o do sr. Cândido Augusto Lourenço, sapateiro na Cova da Piedade. Mora na Charneca da Caparica, um dos lugares que começam a ser «satélites» de Almada.

— Sim, passei-me para lá há três anos — explicou. — Tive de fugir, com a mulher e oito filhos, à carestia das rendas.

— Então, quanto paga pela casa onde mora?

— Quinhentos escudos, três assoalhadas.

— E vive toda a família consigo?

— Sim, menos um rapaz que está no sanatório. Tenho outro aleijado, depois de um desastre que teve. Eu, ando também na «Assistência», porque tive uma trombose há coisa de um ano.

— Gosta de estar na Charneca?

— Vive-se, senhor, vive-se. Não posso ir para outro sítio, para a Piedade, como desejava. E olhe que os transportes são muito caros... Que remédio.

OS SENHORIOS

Finalmente, abordámos o sr. Pedro Coelho de Lima, oficial dos correios aposentado, que se fazia acompanhar por dois netinhos.

— Não, não moro em Almada, — começou por responder. — Vim cá receber as rendas de um prédio.

— Senhorio?

— Não, sou procurador de um proprietário que construiu aqui, para rendimento.

— Que tal são as rendas?

— Variam entre 550 e mil escudos, todas relativas a casas de quatro assoalhadas. Mas a coisa subiu. Ainda há pouco saiu um inquilino, dos que pagava 550 escudos, e a renda subiu logo para mil. Que já é pouco, agora.

— O que pensa de Almada?

— Ora, toda a gente sabe. A terra progrediu muito, é já maior que muitas cidades. Progrediu sob todos os aspectos.

José Moreira

Cândido Lourenço

inquerito

Quais os inconvenientes das horas extraordinárias?

RESPOSTA DO DR. MANUEL AUGUSTO MONTEIRO

A própria designação parece considerá-las uma «anormalidade».

Com efeito, em minha opinião, o ideal absoluto seria, naturalmente, que pudesse verificar-se a total ausência de horas extraordinárias. A normalidade é, por si mesma, desejável.

Do ponto de vista do trabalhador isso significaria uma delimitação perfeita do seu tempo profissional, sem invasão do seu tempo privado.

Do ponto de vista da empresa significaria uma situação clara, quanto a despesas de funcionamento dos serviços, sem surpresas nem sobressaltos.

A ausência de horas extraordinárias traduziria uma situação de correcta organização, com adequado dimensionamento dos efectivos ao volume de trabalho. Isto não tem, de modo nenhum, um significado estático, referindo-se a um volume de trabalho indefinidamente fixo. Queremos mesmo significar que implicaria uma óptica previsional no dimensionamento (e qualidade) dos efectivos, tendo em vista os acréscimos de serviço.

Traduziria, também, um autêntico «milagre» — a ausência de circunstâncias perturbadoras, como as avarias e as doenças, por exemplo. E exigiria, ainda, um pressuposto: estabilidade do nível de volume de trabalho ou, pelo menos, a sua progressão regular.

Ora, porque não é assim em muitas actividades, as horas extraordinárias surgem, como uma anormalidade necessária.

Há as actividades sazonais, há os períodos de ponta e, perante a impossibilidade (ou a manifesta inconveniência...) de se dimensionarem os efectivos dos serviços para o nível máximo de volume de trabalho, há necessàriamente, que alongar o tempo de prestação de serviço, em dados períodos — fazem-se horas extraordinárias.

Nalgumas actividades, nomeadamente no sector dos «Serviços», o dimensionamento dos efectivos é mesmo um problema extremamente complicado, independentemente de aspectos sazonais ou de pontas previsíveis, e essa dificuldade decorre da própria natureza imaterial e não quantificável, do trabalho a realizar.

Aceita-se, portanto, que circunstâncias bem definidas e características de certas actividades levam, necessàriamente, à prestação de horas extraordinárias. Noutros casos, ainda, pode tratar-se de actividades não autónomas, neste aspecto, mas dependendo inteiramente de acontecimentos que lhe são extrínsecos — caso de serviços de conservação, por exemplo, em face de reparações urgentes de avarias graves.

DR. MANUEL AUGUSTO MONTEIRO, economista, director da Divisão de «Management» e Gestão de Pessoal da Norma e professor no Instituto de Novas Profissões

No caso genérico que enunciámos, estamos, todavia, perante horas extraordinárias previsíveis, programáveis, por assim dizer «normais».

O que nos parece, no entanto, não sofrer contestação é que a contenção, no campo das horas extraordinárias, a sua limitação abaixo de valores criteriosamente estudados (por exemplo, em termos de percentagem de horas normais), é um bom índice de organização, de eficiência, de métodos de trabalho estudados, definidos e estabilizados e da existência (previsionalmente conseguida) de efectivos de pessoal quantitativamente adequados e qualitativamente aptos.

A «dicença» no campo das horas extraordinárias é o convite à permanência de hábitos de imprevisão, com as consequentes soluções de improvisação e remedeio.

Nem sempre as horas extraordinárias são tão necessárias quanto parece e a prova é que, não poucas vezes, acabam, simplesmente porque, alguém, apavorado com o seu montante, determinou que acabassem.

É claro que as horas extraordinárias levantam também problemas ligados à remuneração.

Elas fazem, por vezes, tanta falta como complemento da remuneração normal...

Pois, aos nossos olhos, não será isso que as justifique. É na remuneração normal que deve reflectir-se uma sã (adequada ou decente, como preferirem) política de remuneração.

Naturalmente, que naqueles casos de actividades implicando horas extraordinárias de tipo cíclico, programáveis, as pessoas elaboram o seu orçamento de receitas entrando em linha de conta com elas, mas ainda assim, isso não vai invalidar o que atrás se disse quanto à adequação da remuneração normal.

Será de condenar, em absoluto, a prática, ainda que raramente verificável, de se fazerem sistemàticamente, diàriamente, horas extraordinárias para que as remunerações totais atinjam então um nível considerado satisfatório.

Parece que seria melhor dizer que não se fazem horas extraordinárias, mas que o horário de trabalho é de dez horas diárias o que, se não estou em erro, é um tanto anacrónico.

Em síntese:

As horas extraordinárias não servem nem as empresas nem os trabalhadores e são, apenas, uma fatalidade, inevitável em certas actividades ou situações;

Essa fatalidade deve ser, no entanto, controlada e disciplinada, de molde a minimizá-la;

Como «padrão» («standard of performance») da eficiência de condução de certos serviços, deveriam tomar-se indicadores, tais como a percentagem de despesa que representam em determinada classe, e ainda, a percentagem das suas horas extraordinárias, relativamente às normais;

As horas extraordinárias não devem ser utilizadas como factor adicional à remuneração básica, para que se possa então atingir, no conjunto, um nível satisfatório.

RESPOSTA DE ANTÓNIO FERREIRA GUEDES

ANTÓNIO FERREIRA GUEDES, empregado bancário

A prestação de horas de trabalho extraordinário é dos problemas que mais preocupa hoje em dia, no nosso País, as classes trabalhadoras. Por exemplo, no sector onde exerço a minha actividade, ou seja, no sector bancário, só provàvelmente o problema dos despedimentos sem justa causa se porá ainda com mais acuidade. As indemnizações previstas na lei talvez sejam suficientemente elevadas para desencorajar as pequenas empresas mas já não conseguem obter idênticos efeitos em relação às de maior poder económico. Daqui que os casos de despedimento se sucedam, com uma frequência que justifica para as mesmas um tratamento especial.

Porém, sobre a prestação de trabalho extraordinário, já que é este o assunto que importa analisar, a primeira coisa que me ocorre dizer é que, como da própria designação se infere, só poderá justificar-se para a satisfação de necessidades «extraordinárias» de serviço, nunca das necessidades normais.

Parece-me correcto que uma empresa não se veja forçada a alargar o seu quadro de pessoal se ele é suficiente para as necessidades do trabalho corrente de 26 ou 27 dias de mês e só nos restantes dias se mostra «deficitário». Aqui, sim, compreende-se a utilização do trabalho extraordinário como meio de normalização do serviço.

Tal não é, porém, o que presentemente se está a verificar na maioria das empresas. As horas extraordinárias estão a ser aproveitadas para compensar a falta «premeditada» de trabalhadores nos seu vários sectores de serviço. Para conseguí-lo, e embora o mesmo se apresente com carácter facultativo, exercem-se sobre os trabalhadores directa ou indirectamente os mais diversos meios de intimidação e coacção.

Mas será que as entidades patronais têm vantagem na sua utilização, uma vez que a remuneração da hora de trabalho extraordinário, em relação à da hora normal, lhe é mais onerosa, considerando a prestação nos dias úteis, em 50 por cento (23 por cento, aproximadamente, para o trabalhador, 25 por cento para o Fundo Nacional do Abono de Família e 2 por cento para o Fundo de Desemprego)?

É evidente que têm. Vejamos muitas das despesas que, por este meio, conseguem evitar:

Despesas com o inevitável alargamento das instalações e respectivo equipamento técnico, despesas com o pagamento de férias ao pessoal que viesse a admitir, despesas com o pagamento dos respectivos subsídios de férias e gratificações (onde tais regalias são já auferidas pelos trabalhadores), despesas com a preparação profissional dos quadros recentemente admitidos, despesas com o pagamento a longo prazo de um maior número de pensões de reforma ou, quando estas já não estejam a cargo das entidades patronais,

Continua na pág. 10

As implicações sociais

Continuação da pág. 1

sanais e cooperativos o trabalho efectivo dos operários não pode exceder 40 horas por semana.

É claro que a luta não termina aqui. Os empresários irão encontrar formas hábeis de infringir a lei. No entanto, também em França a Lei de 25 de Fevereiro de 1946 fala, enfim, em pagamento de horas extraordinárias. Até 48 horas por semana o aumento no pagamento nas 8 horas em excesso deverá ser de 25 %; para lá de 48 horas semanais, o aumento não pode ser inferior a 50 %.

Em Portugal, como evoluiu o limite de horas de trabalho diário ou semanal e o pagamento de horas extraordinárias?

O período de trabalho diário não pode exceder oito horas nos estabelecimentos comerciais e industriais, determina o artigo 1.º do Dec.-Lei 24 402 de 24-8-1934. Para os empregados de escritório, no entanto, o período de trabalho diário não pode exceder sete horas, fixa o § 2.º do mesmo artigo.

Estamos, pois, no domínio das 42 ou 48 horas semanais.

Quanto a horas extraordinárias, o artigo 15.º do mesmo Dec.-Lei manda que sejam pagas *com uma percentagem de 50 % além da remuneração normal.*

Mas, o artigo 26.º n.º 4 do Dec.-Lei 33 512 de 29-1-1944 e artigo 2.º n.º 1 do Dec. 37 739 de 20-1-1950, na redacção que lhes foi dada pelo artigo 13.º do Dec.-Lei 43 182 de 23-9-1960 vem determinar que, *metade daquele aumento de 50 % seja receita do Fundo Nacional de Abono de Família.* O que importa ser o aumento do trabalhador reduzido para 25 %.

De 1934 para cá pouco ou nada se evoluiu. Com efeito, em dois aspectos se tentou inovar, mas com tal timidez que só poderemos atribuí-la ou a «poderes mais altos» ou a evidente má-fé.

Os dois aspectos com que finalizaremos e que são os mais importantes actualmente no que respeita a horas extraordinárias são os seguintes:

a) — Pagamento das horas extraordinárias;

b) — Obrigatoriedade de prestação de horas extraordinárias.

Aguarda-se uma lei actualizada acerca do horário de trabalho

O pagamento manteve-se inalterável desde 1934. O F. N. A. T. continuou a arrecadar os 25 % ou 50 % conforme se trate de aumento da remuneração de horas extraordinárias ou de remuneração de feriados e dias de descanso, apesar do coro de protestos contra esta prática, que, não há dúvida, se pode considerar inexplicável e abusiva, uma vez que os benefícios de abono de família têm sofrido aumentos ridículos e em desacordo com os encargos crescentes da família dos trabalhadores actuais.

No entanto, o n.º 2 do artigo 47.º do Dec.-Lei 47 032 de 27 de Maio de 1966 veio declarar que a remuneração de trabalho extraordinário *prestado durante a noite, será mais elevada.* Mais elevada, quanto? É a pergunta desesperada que todos fazem. Acredita-se no bom coração dos empresários? É uma orientação para as convenções colectivas que já vão estabelecendo que o trabalho extraordinário, depois das 24 horas, deve ser remunerado com um aumento de 100 %?

A lei revelou aqui e manteve no actual Dec.-Lei 49 408 de 24 de Novembro de 1969, em vigor desde 1 de Janeiro de 1970, a mesma «declaração» com as mesmas palavras e no mesmo artigo 47.º n.º 2, esse «misterioso» aumento. Tem sido orientação do I. N. T. P. e dos Sindicatos dizer que, nesses casos, o aumento deve ser de 100 %. Mas, de facto, nenhum elemento concreto permite sustentar que o aumento da remuneração de horas extraordinárias durante a noite deve ser de 100 % e não de 51 ou 60 ou 80 %.

A verdade é que se aguarda uma lei actualizada acerca de horário de trabalho. E enquanto não sai continuamos com o Dec.-Lei de 1934 a servir.

A obrigatoriedade das horas extraordinárias

Quanto à obrigatoriedade de prestar horas extraordinárias: um célebre despacho de 3-10-1945 estabelecia que o contrato de trabalho impunha a obrigação de prestar horas extraordinárias e que, por tanto, o trabalhador que se recuse a executá-las coloca-se à margem do contrato, infringe-o e pode pois ser despedido pelo empresário com justa causa.

O Dec.-Lei 47 032 veio, porém, estabelecer no n.º 2 do artigo 46.º que «o trabalhador não é obrigado a prestar trabalho extraordinário» a não ser que... e vinham as excepções, que eram afinal a regra geral pois que a recusa não podia existir se as horas estivessem previstas na lei ou autorizadas pelo I. N. T. P. No entanto, dizia o n.º 3 que, mesmo assim, o trabalhador devia ser dispensado de prestar as horas «quando o solicite, invocando motivos atendíveis». Que motivos eram estes, ninguém sabia, pois não eram motivos que servissem para justificar faltas (doença, etc.) e pareciam poder ser motivos menos graves. Esta imprecisão levava, é claro, à flutuação de critérios dos juízes e dos que têm de aconselhar os trabalhadores e à insegurança criada neste campo.

O Dec.-Lei 49 408 de 24 de Novembro de 1969, pouco acrescentou. No mesmo artigo 46.º vem mesmo retirar ao trabalhador a possibilidade de recusa em prestar horas extraordinárias (talvez por a achar «chocante» sabemos lá!) e mantém a mesma terminologia; «motivos atendíveis» que ninguém sabe como interpretar com um mínimo de segurança.

Um aspecto é de reter, no entanto: o despacho de 1945 está caduco e parece até que nem se poderia sèriamente manter perante a lei que fixava o limite máximo de trabalho diário em oito horas. A nova lei, sem dúvida que aponta para a não integração do trabalho extraordinário na prestação normal e obrigatória do trabalhador, o que importa em consequência que a recusa de prestar trabalho extraordinário é legítima e não pode dar origem a sanções disciplinares como ainda hoje acontece em muitas empresas.

As reivindicações actuais dos trabalhadores, parece-nos, devem incidir na reclamação da abolição do desconto para o F. N. A. F. de metade do aumento legal da remuneração de horas extraordinárias, no aumento proporcional às horas extraordinárias prestadas diàriamente da percentagem de acréscimo legal e no estabelecimento de um sistema inequívoco de não obrigatoriedade de prestação de horas extraordinárias. Que estas reivindicações tenham de seguir através das convenções colectivas pouco importa.

O clima que se criará levará qualquer legislador por mais conservador que seja (e são-no todos) a modificar a lei de acordo com a modificação das relações sociais de produção.

MARCELO CURTO

Ribatejo: não há soluções a curto prazo

Felisberto Martins, o Tejo devia ser desassoreado

Amável Pereira Sanches, Francisco Rodrigues, Carlos Amaral Nunes de Asseiceira (um jovem) Vasco Estudante Veríssimo, Raul Alcobia e Joaquim Cabelo Freitão são a nossa «mesa-redonda» do Café Calado. Podíam ser outros, dir-nos-iam provàvelmente o mesmo. Os camponeses não acreditam em «perdizes assadas caídas do céu». Conhecem as dificuldades. Aprenderam a defender-se a si próprios. Riem-se dos Fundos. Não sabem todos o que é uma cooperativa de trabalho. Mas alguns, ainda não muitos, sabem-na. Aprenderam-na á custa da solidariedade, diária custasse ela o que custasse.

Assento algumas coisas que me disseram. Para que fique registada, mas como eles, convencido, do que isto não é o mais importante.

— Durante as cheias estamos um mês, pràticamente, sem trabalhar. Chegando a Junho já não conseguimos recuperar o que agora perdemos. Vão-se todas as economias.

Mas a situação de desemprego é permanente. Mesmo nas vindimas só um quarto da população trabalha. Aqui andam mais de quinhentos homens a trabalhar fora.

Eu (Francisco Rodrigues) tenho andado em Alvalade-Sado a podar. De Março a Setembro saem mais de mil famílias daqui do Meloal para Vila Franca, Azambuja, Valada, Sorraia, Salvaterra e Benavente.

Pagamos o hectare para melão desde 7500$00 a 10 contos (Vila Franca). Pode dar mas pode não dar. Todas as economias, ás vezes, ficam lá.

Alves Redol mostrou a situação na Fanga.

SOLUÇÕES A CURTO PRAZO

Pusemos a Humberto Lopes, advogado há muitos anos a sentir, às vezes cruelmente, os problemas dos camponeses, a questão da pseudo-solução a curto prazo dos problemas dos camponeses.

A pergunta que me é feita exige complexa resposta, que procurarei esquematizar assim:

Não há solução a curto prazo dos problemas dos camponeses ribatejanos.

As soluções a longo prazo desses problemas implicam profundas modificações estruturais em toda a bacia do Tejo e, nomeadamente, no seu «facies» agrário.

Humberto Lopes:

Não podemos confundir esmolas, manifestações caritativas, espasmódicas iniciativas, organização «ad hoc» de trabalhos públicos, sem planificação nem continuidade, com o esboço de uma solução, quanto mais como uma verdadeira solução.

Justificarei resumidamente, se mo permite, cada uma destas proposições.

Quando digo que não há solução a curto prazo dos problemas dos camponeses ribatejanos (como, aliás, dos camponeses alentejanos, algarvios, beirões, minhotos ou transmontanos), quero acentuar que não podemos confundir esmolas, manifestações, caritativas, espasmódicas iniciativas, organização «ad hoc» de trabalhos públicos, sem planificação nem continuidade, com o esboço de uma solução, quanto mais com uma (verdadeira) solução.

A curto prazo só pudemos fazer, ou ver fazer, remendos, tapar buracos, acudir ao imediato, ao urgente, ao dramático.

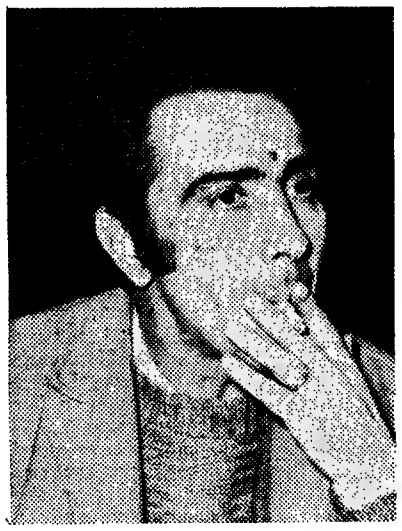
Os camponeses necessitam de terra para cultivar; de trabalho assegurado todo o ano, com remuneração condigna; de uma Assistência e Previdência Social que não seja sabotada por lavradores, grandes e médios; de habitações dignas de seres humanos; de uma rede hospitalar que preserve a saúde das massas; de uma rede de escolas, bibliotecas e organizações culturais, que promovam e defendam os valores do nosso povo nesse cam-

Interrogações sobre o futuro de uma

O TRABALHO:

JOSÉ CONDESSO RODRIGUES (Azambuja):

— As zonas que têm fábricas dão trabalho ao povo. Agora, nas outras é só gente sem trabalho!



PREJUIZOS:

DR. MANUEL FELINO DE ALMEIDA (Proprietário dos concelhos de Almeirim e Alpiarça):

— Um dos motivos por que há tão grandes prejuízos deve-se á informação de que não haveria cheia. Determinadas sementeiras fizeram-se devido á generalização desta ideia.

«VALADA»

FELISBERTO PEREIRA MARTINS (44 anos) serralheiro:

— O Tejo devia ser desassoreado visto o rio ter o leito mais alto do que as casas do povoado. E temos de levantar a estrada que vai de Santarém a Porto de Muge. Levantá-la aí no espaço de 200 metros. Isto á falta duma ponte que seria o ideal, desde a Tapada do Caminho do Meio até á linha do caminho de ferro. As estradas estão todas inacabadas. Era necessário que a hidráulica assegurasse sempre as comunicações entre as duas estradas. As culturas fora das tapadas perderam-se. Os seareiros como sempre, foram os mais afectados.

CONTRADIÇÃO

LUÍS GAMEIRO (técnico agrícola):

— Além do mais, veio a verificar-se uma certa contradição em relação ao que foi divulgado pelos órgãos da informação — que o problema das cheias no Ribatejo deixaria de existir, com a construção de barragens na vizinha Espanha e no nosso País.

Desse conjunto de barragens, quantas estão efectivamente construídas?

Creio que apenas uma a de Alcantara.

Claro que com estas informações muitos lavradores fizeram as suas sementeiras em zonas que só seriam ocupadas por quaisquer culturas após o período normal das cheias.

Assim, a maioria das culturas ficaram perdidas, o que se traduz em mais um grave prejuízo para a lavoura ribatejana, já de si perturbada e depauperada por muitos outros problemas.

OS TRABALHADORES

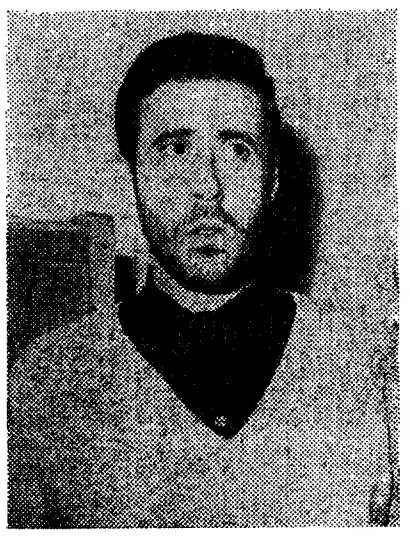
FRANCISCO DUARTE GRAÇA (regente agrícola):

— Em minha opinião, as cheias do Ribatejo são efectivamente um problema e um problema duro, que pesa na vida e na economia das populações das zonas mais baixas da província.

Tem-se pretendido fazer crer, para além do que parece aceitável, que se trata duma situação sentimentalizada e romanceada, faceta que realmente existe, mas para além dela, o fenómeno das cheias marca bem toda a região afectada.

Um factor existe, que parece ajudar o fenómeno quase natural — a habituação que se verifica nas populações que nunca conheceram uma situação diferente desta. Mas, para além disso, há realmente uma situação que é deveras preocupante.

Pessoas que não vivam de perto a cheia, já terão pensado na sensação que experimentariam, se se encontrassem há vinte dias isolados pelas cheias, em pobres casas térreas? Com que dificuldades se



fará o reabastecimento a essas gentes? A assistência médica, se necessária, será fácil?

Por outro lado não me parece que a agricultura desta região esteja realmente em condições de suportar fàcilmente a perda total de uma sementeira na qual já foram investidas as verbas indispensáveis ás lavouras, ás gradagens, ás sementes, aos adubos, etc.

Este aspecto é particularmente saliente este ano em que se verificava uma área semeada de trigo muito acima do normal e já efectuada numa época em que também não é normal. A que se deverá este facto? Pura coincidência?

Para além de caminhos e estradas danificados, de comunicações difíceis e em muitos casos impossíveis, com o inerente abaixamento das actividades comerciais, de condições difíceis no dia a dia, há realmente uma vítima e essa uma vítima desprotegida — o trabalhador rural.

Esse sim, vive todos o bom par de dias parti difíceis, sem trabalho, para os seus, já que nã durante o resto do ano des de amealhar os fun sários á sua subsistên seus, durante esta époc

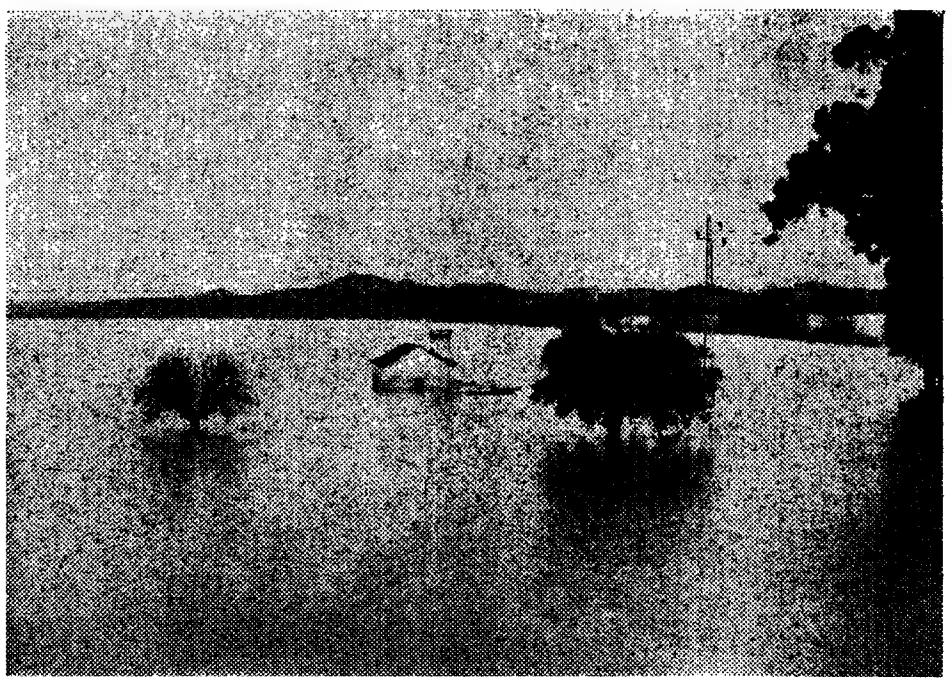
E a esse, qual a pro lhe é oferecida?

«BALC OXIG

JOSÉ T. DE MARQUES (. te ag Riachos):

— Só uma p ificaçã nas culturas d Primav mares, consoan as co cais o aconselharem quando as chei ao in terras inundáv não que destruir o ifica

Claro que v ição não será pos m o apoio técnico- ómic tipo de simples subsidio



Estudar o Tejo e só depois assinar convénios

po e exterminem o analfabetismo; de uma indústria, activa, próspera e multifacetada, que acabe com o desemprego no campo, e, finalmente, necessitam da execução de um Plano do Vale do Tejo que reforma inteiramente o aspecto da região, e integre e a desenvolva, no campo dos transportes (dando ao Tejo um papel de via fluvial de transporte de pessoas e mercadorias, que, infelizmente não tem de Azambuja para cima), no campo da produção agrária, agro-industrial e industrial, no campo da energia e da rega, no campo do turismo...

Poderá alguém convencer-se de que os problemas dos camponeses ribatejanos podem ser resolvidos a curto prazo?

Note que isto não significa que devemos cruzar os braços, sob pretexto de que tão magra é a tarefa que nada há a fazer no plano do imediato.

Para já, e para além dos usuais subsídios das usuais aberturas de trabalhos públicos, de indemnizações ou outras formas de socorro, que teremos gosto em saber que terão sido distribuídos com são critério e absoluta moralidade — interessa lançar as bases de um grande movimento cooperativo de produção e de utilização de máquinas e alfaias agrícolas, de reforma agrária, de combate ao analfabetismo e de difusão cultural, convocando uma espécie de Estados Gerais, ou, mais modestamente, um grande Encontro Regional de Economia, Técnica e Cultura, com larga participação do campesinato, precedido esse encontro de amplas discussões em colóquios, palestras, mesas-redondas, emissões de rádio e TV destinadas à discussão dos problemas do Ribatejo e da sua gente.

Sim. Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas algum dia têm de começar a ser feitas e, como sempre, de tão atrazados que estamos não nos é possível esperar mais...

O MOVIMENTO DOS PROPRIETÁRIOS AGRÍCOLAS

Santarém tem, em todo o processo, um papel. Aqui, nalgumas mesas de café, criam-se os movimentos dos proprietários.

Esta centralização de movimentação, corresponde ao centralismo administrativo-burocrático. capital dum distrito, centro comercial — peso inútil duma região de grande produtividade. Feira de Agricultura, cidade duma Praça de touros de 13 000 lugares — Monumento vazio-ao-touro, Santarém, concentra alguns dos símbolos inoperantes.

Em Santarém, os proprietários (que até têm muita razão!) aproveitam as cheias para exigirem indemnizações. Alguns pretendem que tudo está errado e todos eles, eles mesmo, têm as teorias e as práticas que conduziriam ao desenvolvimento da Zona.

De mesa de café para mesa de café, de cátedra para cátedra, assiste-se a todo um processo de transformação a longo prazo. Aqui (realmente) o sofrimento dos trabalhadores funcionam como o elemento dramático do argumento.

Os proprietários parecem-se ter mobilizado com um único objectivo: conseguir, o maior número possível de indemnizações. Alguns aspectos da luta de interesses dos proprietários sentiu-os o próprio «Diário de Lisboa», ao pretender fazer uma «mesa-redonda» com técnicos e proprietários. Os proprietários têm razão quando vêm em certa recusa dos técnicos em debater o problema uma falta de preparação. Estamos convencidos que os tecnocratas ainda não estudaram convenientemente o assunto.

JOSÉ JOÃO LOURO

Características da nova Câmara

OPINIÃO DO DEPUTADO ÁLVARO LARA

A Assembleia Nacional, eleita a 26 de Outubro passado, entrou já na parte final do seu primeiro período de funcionamento, ou sessão legislativa, limitada a três ou quatro meses em cada ano. Neste curto lapso de tempo, a nova Camara cumpriu as suas obrigações constitucionais, aprovando a chamada Lei de Meios e foi discutindo e aprovando, normalmente, diplomas de iniciativa governamental.

Sem deixar de corresponder ao que dela oficialmente se esperava, a nova Assembleia cedo mostrou um desejo de acção mais descontraída e ndependente.

Poderá pensar-se que. verdadeiramente, poucas iniciativas da Câmara têm havido susceptíveis de corresponder ao proclamado desejo da «evolução na continuidade», excepção feita a dois projectos de lei do deputado Camilo de Mendonça e uma outra intervenção de mais forte repercussão nacional.

Dr. Álvaro Lara

É de ter em conta, porém, que só agora a Assembleia completou a eleição das comissões parlamentares e — até a propósito destas — pode ter uma ideia da sua expressão política aproximada.

De qualquer modo, nesta fase final da primeira sessão legislativa, a Assembleia Nacional deve ter a oportunidade de se pronunciar ainda com mais clareza, quanto mais não seja a propósito do aviso prévio do prof. Miller Guerra sobre a reforma da Universidade, que se espera seja apresentada no fim deste mês ou princípios de Março.

Sobre as características da nova Assembleia, depois do dr. Sá Carneiro, ouvimos a opinião do deputado dr. Álvaro Filipe Barreto de Lara que, como aquele, pela primeira vez tomou assento na Câmara, em representação do círculo de Angola.

Eis o que nos disse o dr. Álvaro Lara:

«Foi com a mais fundada esperança que me integrei na Assembleia Nacional, a quem eu venho caprichando em chamar «a jovem Assembleia Nacional», encontrando em cada nova sessão mais razões para o continuar a fazer.

Devo significar que essa esperança e essa expectativa não foram até agora iludidas, pois nas múltiplas intervenções já havidas se vê com a mais cristalina limpidez um propósito são e uma válida e eficaz achega á solução dos grandes problemas que afectam a Nação.

Tem-se comentado, tem-se criticado com a mais inteira e absoluta liberdade; vai-se deixando de lado o elogio fácil e a louvaminha insignificativa. Mas, nunca deixou de se enaltecer a medida eficaz e oportuna; não se têm deixado de apontar males, mas também se têm apontado remédios e soluções.

É bem legítima pois, em meu parecer, a expectativa do País e bem fundada a sua esperança na validade do trabalho útil, que, em prol do bem-estar da Pátria, há-de desenvolver esta «jovem Assembleia Nacional»

Opinião sobre a semana das 44 horas

VENHO dar a minha opinião acerca das pretendidas 44 horas semanais de trabalho para todo o comércio da capital.

O movimento que ora se esboça não é mais do que o bater de uma tecla que já dura há uns cinco ou seis anos com vista ao encerramento de todos os estabelecimentos ao sábado de tarde, que até aqui se pretendia para os meses de Verão. Demonstrei em dois anos seguidos a melhor das boas vontades, encerrando o estabelecimento nos meses de Agosto e Setembro no referido dia da parte da tarde, não tendo dado continuidade a esta justa pretensão dos nossos empregados por falta de acordo total das casas especialmente nossas concorrentes: tecidos-malhas e camisaria.

Para se conseguir um objectivo temos de começar pelo princípio, e a primeira coisa seria evitar-se a desigualdade de tratamento de horário de trabalho dentro da cidade de Lisboa e os concelhos limítrofes onde as respectivas Câmaras, suponho ser assim, consentem o encerramento aos sábados de tarde, para além das 19 horas. Depois estudar a possibilidade de estabelecer um desencontro de horários com outras actividades que permitisse o escoamento das pessoas que até aqui encontram o sábado como dia ideal para fazer as suas compras. No meu estabelecimento, por exemplo, verifico especialmente nos meses de Inverno um reduzido movimento de clientela até às 10 horas. Assim como no Verão, entre as 15 e 16 horas pouco se movimenta, mas se quiser estabelecer um horário de acordo com o meu pessoal mesmo trabalhando só as 44 horas, sei que não o posso homologar.

Todos sabemos que os meses de intenso calor são os de Julho e Agosto, ora seria justamente muito agradável para todos nós patrões e empregados que nestes meses tivéssemos o sábado de tarde completamente livre. Acontece, porém, que um factor muito importante (cabe até aqui lembrar uma mesa-redonda, que decerto teria muito interesse) que é o problema das férias escolares. Se todos os alunos, desde a Primária à Universidade, estivessem libertos dos seus estudos, em Julho, com a antecipação da abertura das aulas para 15 de Setembro, estou convencido que haveria mais facilidade no concerto e distribuição de férias, que constituem um flagelo quando queremos ser agradáveis a todos que nos pedem o mês de Agosto.

Estudar, pois, um fim-de-semana para todas as actividades nos meses de Verão, absolutamente de acordo. Mais tarde a experiência dir-nos-á a possibilidade do seu alargamento.

Não posso é resistir a afirmar o seguinte: na última visita que fiz a Londres verifiquei haver ruas inteiras em que o comércio estava aberto ao sábado de tarde. No Verão passado estive em Vigo num sábado de tarde e pareceu-me ver mais portugueses nos estabelecimentos do que propriamente espanhóis. E não vale a pena falar do movimento dos armazéns de Paris aos sábados de tarde...

FERNANDO DA SILVA DINIS

(Sócio gerente dos Estabelecimentos DINFER

a região

os os anos um particularmente lho, sem pão não terá tido ano possibilida- fundos neces- istência e dos época.

protecção que terão outro efeito que o do balão de oxigénio a um moribundo, mas de modo a permitir que a agricultura veja resolvido o seu problema das cheias, sem ter que esperar, que esta ou aquela indústria necessitem de determinado produto, temporàriamente, condicionado aos seus interesses, servindo-se sem realmente servir a agricultura. O exemplo do que se passou, com a quase extinta cultura do canhamo e com a actual cultura do tomate, é bastante elucidativo.

XIGÉNIO»

DE OLIVEIRA agrícola dos

ação com base mavera ou po- s condições lo- em, permitirá o invadirem as não encontrem ificar.

ação deste tipo m o suficiente mico, não do sidios, que não

OS EFEITOS DAS CHEIAS

JOSÉ PINHÃO «Alpiarça):

— Os trabalhadores é que sofrem os efeitos das cheias. Estão por vezes mais de 45 dias sem trabalho. No entanto há quem pense que as cheias fazem bem ás vinhas e aos campos e que o seu desaparecimento traria consigo uma fonte importante de adubos.

O livro como mercadoria

Arnaldo Pereira

Continuamos hoje o inquérito sobre o livro como mercadoria, arquivando o depoimento de Arnaldo Pereira, tipógrafo de profissão e figura de reconhecido valor intelectual, colaborador de vários jornais e revistas, e ensaísta («O conceito e o actual» — distribuição da D. Quixote) preocupado com a cultura de massas.

— O livro é uma mercadoria?

— O problema da comercialização do livro conduz-nos inevitàvelmente á questão da criação artística. Creio inútil a enumeração de factos universalmente conhecidos relacionados com transformação de grande parte da produção literária em mercadoria. A preocupação com a degradação do papel do escritor fora já admirávelmente expressa há cerca de cento e vinte anos por um eminente doutrinador. Deste modo: «É verdade que o escritor precisa de ganhar a vida a fim de existir e escrever, mas não deve existir e escrver a fim de ganhar a vida. Um verdadeiro escritor não precisa absolutamente de encarar o seu trabalho como um meio As suas obras são finalidades por si mesmas». Assim, uma das consequências da metamorfose das coisas do espírito em mercadoria consiste na fuga dos artistas para a sua subjectividade íntima, o «alibi» interiorista da «liberdade» artística. Daí a eclosão de modas tão irresistíveis como na industira do calçado, daí igualmente a tendência de alguns maníacos para ver no desencadeamento dos instintos a encarnação da verdadeira liberdade — como observa George Lukacs em «Arte Livre ou Arte dirigida?» Outra das consequências dessa reificação dos valores culturais resulta da aboição do contacto directo entre esses valores e o publico «O artista antigo sabia exactamente a quem se dirigia com as suas obras—diz-nos com a sua costumada penetração e lucidez o controvertido filósofo hungaro. O artista de hoje encontra-se — objectivamente considerada a função social da arte — na situação de produtor de mercadorias em relação a um mercado abstracto. A sua liberdade é (na aparência) tão grande quanto a do produtor de mercadorias em geral (sem liberdade não há mercado). Na realidade, objectivamente, as leis do mercado dominam o artista pela mesma razão por que dominam, em geral o produtor de mercadorias».

— É indispensável que o seja?

— Esta pergunta está relacionada com as considerações precedentes. É pois, indispensável concretizar os seguintes pontos: 1 — Tais considerações não significam que o capitalismo tenha eliminado de forma absoluta (mecânicamente) toda a liberdade artística: o artista, o escritor. representam valores e ás vezes nós podemos verificar até uma relação amigável com os donos do mercado. Na verdade, desde que isso represente um bom negócio, não há industrial que recuse um bom lucro só porque esse lucro es-

Continua na pág. 10

Porque é que o seu duplicador não tira cópias?

Empregar o seu duplicador de forma a ele ter de produzir algumas cópias é um problema que sùbtilmente se escapa ao seu bem treinado sentido de gestão.

É certo que V. quer dar o máximo de utilização a esse equipamento. Mas isso não quer dizer que ele deva ser usado para as chamadas «corridas» pequenas ou médias, falando em termos de cópia e duplicação. O tempo dispendido na preparação, os desperdícios causados com a afinação do duplicador, com a sua limpeza (essencial à sua conservação) etc., e os produtos empregues no seu funcionamento, são iguais, quer V. tenha necessidade de produzir uma simples cópia ou milhares.

A Rank Xerox,* ÚNICA EMPRESA DEDICADA EXCLUSIVAMENTE A COMUNICAÇÃO GRÁFICA, pode equipá-lo com uma máquina que copia e duplica simultâneamente, eliminando portanto esses inconvenientes.

Só terá que introduzir o original no copiador/duplicador e accionar o botão para que as cópias saiam rápidas, limpas, secas e de uma fidelidade surpreendente.

E surpreendente também será o seu custo unitário, tanto mais baixo quanto maior for o volume de cópias de cada original.

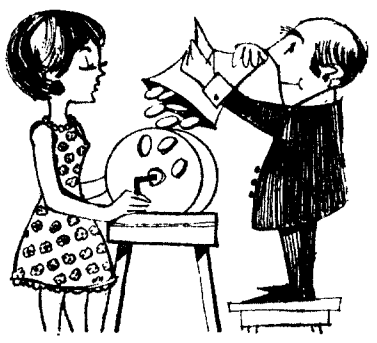
CONSULTE-NOS HOJE MESMO.

Telefone para: 53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e 2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa

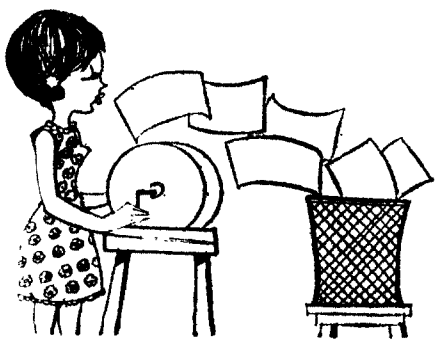
RANK XEROX

*Rank Xerox é uma marca registada da Rank Xerox Limited

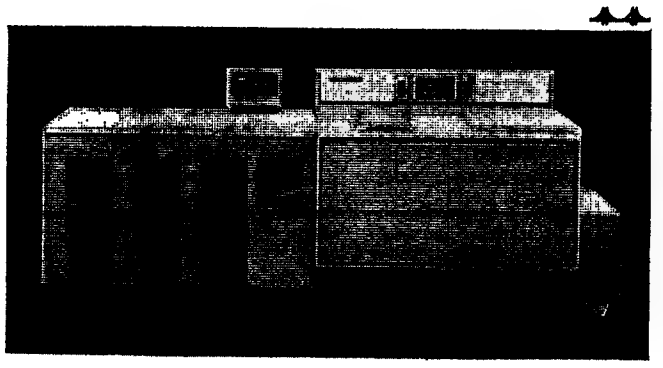
Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox



Elevado custo por cópia e...



...desperdícios consideráveis.



RANK XEROX é a solução!

LINGUÍSTICA — 2

Leonard Bloomfield e o estruturalismo norte-americano

MARIA HELENA MATEUS

É de 1933 a obra fundamental de Bloomfield, *Language*, que sistematizou os princípios do *estruturalismo linguístico norte-americano* e constituiu, durante mais de vinte anos, o livro-base de todos os linguistas da América do Norte e do Sul. Trata-se, pois, do nascimento de uma escola aproximadamente contemporânea da escola saussuriana europeia. No entanto, enquanto esta se ligava à psicologia da *Gestalt*, a escola bloomfieldiana releva de um conceito de psicologia *behaviorista* ou *psicologia do comportamento*. O esquema do comportamento verbal para Bloomfield é o seguinte:

> a um estímulo externo (S) segue-se um acto linguístico do emissor impulsionado por esse estímulo (r) que vai actuar sobre o receptor como estímulo linguístico (s), ao qual se segue finalmente uma resposta concreta (R), sendo o modelo deste procedimento S-r-s-R.

Se, portanto, a linguagem é para Bloomfield uma forma de comportamento encarada como resposta a um estímulo, ele considera que o seu estudo não deve ser norteado por qualquer doutrina psicológica. Para o mestre norte-americano, o seguir o behaviorismo é seguir o próprio método científico, que ele emprega no sentido de se afastar do mentalismo dominante até essa altura nos estudos linguísticos, e de praticar uma análise mecanicista rigorosa e disciplinada. Este método científico — uma das maiores aquisições do estruturalismo norte-americano para a linguística — implica certos pressupostos e aplica determinadas técnicas, entre as quais convém ressaltar as seguintes:

1. o texto a analisar é considerado *independentemente* do *sujeito falante* que o emite e da *situação* em que ele se encontra. É, pois, tomado como um conjunto limitado de elementos extraído de um universo, e denomina-se *corpus*. É sobre ele, e só sobre ele, que se exerce a análise;

2. deste pressuposto decorre, coerentemente, o menosprezo pelo *significado* e a atenção exclusiva dada ao *aspecto formal*, passível de ser trabalhado mercê de técnicas rigorosas;

3. essas técnicas procuram depreender os elementos da língua que, embora em número finito, mercê de uma *combinatória* analisável servem para formar frases em número infinito.

Como depreender esses elementos? Os dois métodos predominantemente empregados relacionam-se com os dois eixos de Saussure: o *sintagmático* e o *paradigmático*. O primeiro procura definir os elementos pelos segmentos que os precedem e os seguem na cadeia fónica, estabelecendo assim os *constituintes imediatos*, que resultam da divisão de um segmento principal em duas partes que *constituem imediatamente* esse mesmo segmento principal. Procedendo por divisões até ao segmento mínimo, estabelecemos o que se chama uma *taxinomia sintagmática* que apresenta este aspecto:

os	cravos					esta	manhã
os	cravos	amarelos	daquele	jardim		esta	manhã
os	cravos	amarelos	daquele	jardim	floriram	esta	manhã
os	cravos	amarelos	daquele	jardim	floriram	esta	manhã
os	cravos	amarelos	daquele	jardim	floriram	esta	manhã

O segundo método empregado *substitui* ou *comuta* um segmento inserido num certo contexto por outro que provoque o mesmo tipo de resposta, o que leva à conclusão de que os dois pertencem à mesma *classe*. Procedendo assim para todo o *corpus*, chega-se à constituição de uma *taxinomia paradigmática* de todas as unidades analisadas.

A *distribuição* dos elementos (que deu origem ao nome de *distribucionalismo* aplicado a esta escola) e a sua *organização em classes* foram, portanto, rigorosamente determinadas, e estas técnicas de análise, que aproximavam a linguística das ciências exactas tornaram possível a classificação sistemática dos segmentos com significado (ou *morfemas*) e dos sons distintivos (ou *fonemas*) de línguas desconhecidas sem expressão escrita, nomeadamente dos índios da América, que, na época, interessavam especialmente os estudiosos de linguística.

Estes dois tipos de *taxinomia*, dadas as suas próprias características, estavam naturalmente em estreita ligação com a *estatística* e o *cálculo de probabilidades*. Estudar os elementos que mais provàvelmente surgiam antes ou depois de determinados outros, e analisar a *frequência* da *ocorrência* (ou número de aparecimentos) de certas unidades segundo *leis* que punham em evidência relações, características aleatórias, funções constantes, foram as tarefas da primeira fase da *linguística quantitativa*, iniciando uma ligação entre a linguística e a matemática que, nos últimos anos, se tem tornado progressivamente mais complexa.

Por outro lado, a não consideração do significado pôs em evidência a analogia entre o *sistema de comunicação lingulstica* e o *sistema de comunicação da informação*, quantificável através de cálculos aplicados à probabilidade de ocorrência dos elementos. A linguagem concebida como sistema de comunicação constituiu um bom campo de aplicação de vários aspectos da *informática*, desde a simples noção de *quantidade de informação*, que surgiu por volta de 1924, até ao estabelecimento, pelos anos 50, da complexa *teoria da informação* no sentido mais moderno do termo, que teve como seus fundadores Shannon e Weaver.

Os trabalhos que, dentro das linhas enunciadas atrás, se propunham realizar os estruturalistas norte-americanos no que dizia respeito à *inventariação, classificação* e *cálculos de frequência* de *corpus* linguísticos — literários e não literários — beneficiaram largamento do emprego da *mecanografia*. Não só foram utilizadas para o efeito *máquinas perifericas* como, com maior vantagem em grande parte dos casos, se empregaram *computadores* em indexações e ordenações taxinómicas, o que suscitou a criação de programas para as obter e a resolução de problemas de cálculo científico elementar.

Finalmente, pode ainda falar-se da ligação do estruturalismo linguístico bloomfieldiano com alguns aspectos da *lógica moderna*, na medida em que a classificação de um número finito de elementos que, através de uma combinatória, dá origem a um número infinito de frases, suscita a criação de modelos gramaticais para expressarem as relações existentes entre esses elementos prèviamente formalizados. Alguns dos sucessores de Bloomfield (Harris e Hockett, principalmente) serviram-se dessa formalização para representar, de modo mais rigoroso, a depreensão e sistematização dos elementos linguísticos, renunciando a tudo o que não fosse diferença formal ou distribucional.

Arquitectos: Problemática Nacional

Em 6, 7 e 8 de Dezembro realizou-se o Encontro Nacional de Arquitectos, com 273 inscritos. A ideia nascera em fins de 1968, quando um grupo de arquitectos de Lisboa, tendo em vista a eleição de novos corpos gerentes para o Sindicato respectivo, iniciou uma discussão restrita onde se tentava, pela análise da situação do exercício e organização da profissão, encontrar respostas actuais e possíveis para uma actuação do Sindicato. Difundida a ideia, verificava-se ser importante que do encontro surgissem as raízes de uma actividade, permanente e organizada, de análise e discussão das «envolventes exteriores» da profissão. Partia-se do reconhecimento que a problemática do arquitecto é nacional, que reflecte e se compromete na generalidade com as estruturas socioeconómicas-políticas existentes e que a abordagem dessa problemática, ainda que possa ser regional ou que reflita diferentes contextos, tenderá a ser feita numa perspectiva geral na análise das estruturas da sociedade contemporânea. Reconhecia-se que a definição dos meios de agir sobre essa problemática é uma urgência nacional, e não só do grupo profissional dos arquitectos.

A política do solo, por ser evidente que «o desenvolvimento do País é profundamente prejudicado pela ausência de um planeamento físico» e por «a coincidência entre os planos tècnicamente propostos e os planos executados é normalmente, inexistente».

A repercussão na actividade do arquitecto das actuais estruturas da sociedade portuguesa e a sua intervenção nessas estruturas, foi o terceiro tema abordado no E. N. A. O quarto tema foi a Participação Popular e Trabalho do Arquitecto no desenvolvimento urbano, seguindo-se a comunicação como contestação e Arquitectura e Burocracia.

Após o Encontro, e dada a reduzida publicidade de que o mesmo gozou, foi elaborado um comunicado-síntese dos trabalhos.

COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL ESC. 100 000 000$00

SEDE — Largo de S. Carlos, 4-2.° — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convoco os Srs. Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sede social, pelas 15 horas do dia 16 de Março próximo futuro, a fim de:

1.° — **DELIBERAREM SOBRE O RELATÓRIO, O BALANÇO E AS CONTAS DA ADMINISTRAÇÃO E O PARECER DO CONSELHO FISCAL, COM REFERÊNCIA AO EXERCÍCIO DE 1969.**
2.° — **TRATAREM DE ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS.**

Nos termos estatutários, os possuidores de acções ao portador que desejem tomar parte na Assembleia Geral devem depositar as suas acções na sede social, até 5 dias antes da reunião, ou entregar, até à véspera do dia da sua realização, documento comprovativo de que as suas acções se encontram depositadas para esse efeito em qualquer Instituição de Crédito do País.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1970.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Prof. Doutor Adelino da Palma Carlos

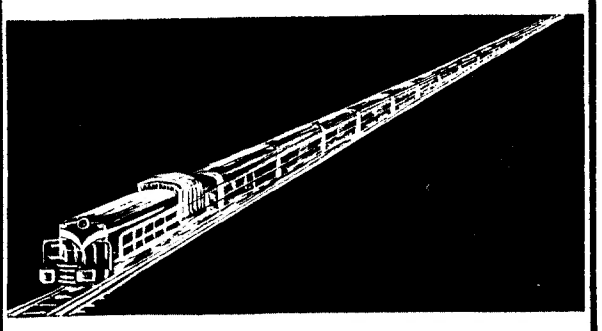
Regresso

Vai regressar á sua abadia de Boquen, de que era prior, o sacerdote francês Bernard Besret, que fora destituído pela hierarquia da Ordem de Cister, acusado de certas audácias tais como a admissão de leigos na vida conventual.

Soube-se que o novo prior de Boquen, padre Luzsenski, pediu que o padre Besret o secundasse na animação das diversas actividades da comunidade pois a irradiação da abadia diminuiu bastante, após a sua saída. Com efeito cerca de 10 mil pessoas assistiram em 26 de Outubro findo, á ultima missa que este celebrou na abadia.

Despache os pequenos volumes por caminho de ferro

em regime de Tarifa 8/108



Transporte rápido, económico e sem formalidades.

CP — SERVIÇO DE PROMOÇÃO DO TRÁFEGO — Publicidade

AS «MAIORIAS SILENCIOSAS» «CONTRA UM ANÚNCIO»

1

«Sociedade «Estoril» — Inquérito ao Horário — Tendo terminado no passado dia 10 de Fevereiro o prazo para recebimento dos talões distribuídos aos Senhores Assinantes e verificando-se uma percentagem de respostas não significativa, a «Estoril» pede a todos os que ainda não entregaram os seus talões, o favor de o fazerem, impreterivelmente, até ao próximo dia 18 de Fevereiro, em qualquer estação da Linha.

Os Senhores Assinantes que necessitem de talões, podem pedi-los em qualquer das estações.

Chama-se à atenção de que a não resposta, será considerada como uma preferência pelo horário em vigor.»

(Anúncio publicado em 14 de Fevereiro)

2

O hábito está a enraizar-se. O considerar a não participação como um estar connosco. Há Nixon e a maioria silenciosa. Há Paulo VI e a maioria silenciosa. Há, aqui e agora, a Sociedade Estoril e a maioria silenciosa.

3

Onde está a lei da sociologia que permita concluir da não participação a um inquérito como adesão? «Tu não dizes que és contra mim. Logo és por mim.» Terá a não participação num inquérito, num grupo populacional não habituado, ainda, a iniciativas deste género, qualquer significado? E será a amostra estudada por mais insignificante, não significativa, nessas condições?

Então não será o melhor caminho, estudar a amostra, estabelecer o seu significado em relação à complexidade ou simplicidade do acto «responder ao inquérito», às profissões dos inquiridos, à idade e outras características das pessoas que responderam, ver a percentagem das posições concordantes dentro da amostra e estudar atentamente o «porquê» da ingnificância aparente das respostas? Poderão considerar o inquérito não válido por insuficiente número de respostas, mas nunca considerando que «a não resposta é uma preferência pelo horário em vigor». Até porque... muitos dos passageiros habituais por nós contactados, nos deram a entender que não responderam precisamente porque, com inquérito ou sem inquérito, a Sociedade Estoril terá o seu horário.

J. J. L.

O livro como mercadoria

Continuação da pág. 8

taria numa obra de qualquer escritor que se oponha ao sistema. 2 — O livro como mercadoria não significa que exista um obscuro centro de control que reprima e condene ao silêncio toda a literatura que não sirva os interesses imediatos do lucro, como até se verifica o facto de a comercialização da mercadoria literária ser um meio neste momento indispensável para que o livro chegue a toda a parte. De facto, o circuito de distribuição é um dos aspectos fundamentais (substimado em demasia entre nós) das Editoras. E mais: convém observar que o capitalismo, históricamente considerado, não é precisamente um mal desnecessário, mas sim uma etapa do desenvolvimento da civilização. Este facto válido noutros domínios, é de molde (segundo creio pois nunca se sabe...) a ajudar-nos a compreender devidamente outros problemas O que interessa fundamentalmente não é tanto a comercialização da arte (inevitável numa sociedade como a nossa) mas a luta contra certas formas imbecilizantes e esteriotipadas — aqueles produtos que segundo Ernst Fischer nos são proporcionados na suposição de que os consumidores não passam de troglodítas cujos instintos bárbaros há que satisfazer de qualquer modo. Quero, no entanto observar (doa a quem doer...) que tão perigosas e inuteis como essses produtos da arte de massa eu considero alguns produtos que designaremos de modo geral por literatura não comprometida, uma vez que dado o seu carácter interiorista e hermético (poesia por exemplo), se expressa em formas de baixo nivel comunicativo... em termos de massa. (Foi neste sentido que de igual modo se pronunciou, a propósito de cultura de massa, o escritor brasileiro Ferreira Gular).

— *É desejável que o seja?*

— Depois das afirmações supra que implicitamente já responderam a esta questão, creio que pouco resta para dizer. Talvez só mais o seguinte: subsiste o problema de saber como atenuar as dificuldades criadas á situação do livro como mercadoria. Suponho que se faz sentir um contacto menos complicado entre o escritor e o publico. À semelhança do que se faz no sector desportivo (clubes populares, relativa autonomia, etc.) também no dominio da literatura me parecem existir possibilidades no desceenvolvimento da cultura camponesa e operária. Nesta perspectiva discordo, pois, de D. Mourão Ferreira quando fala da necessidade na continuação do livro como mercadoria. Há que levar o livro para lá do habitual circuito da minoria burguesa letrada. Como? Trata-se óbviamente duma questão complexa que não pode aqui ser delucidada. Parece-me, no entanto, que quando os organismos sociais dos trabalhadores, colectividades, secções culturais de empresa cooperativas, etc., assumirem o papel de intermediários entre o escritor e o úblico, se estará a contribuir não só para eliminar algumas consequências desfavoráveis: não só a do carácter de mercadoria que envolve algumas formas de cultura, mas de igual modo a que resulta de se encarar (ainda...) a obra de arte com aquela aura que a faz tão apetecida da burguesia cultivada... endinheirada.

ARNALDO PEREIRA

Inconvenientes das horas extraordinárias

Continuação da pág. 5

as despesas com as contribuições para a Previdência.

Fácil será, a partir daqui, compreender as razões porque as empresas permanentemente lançam mão do trabalho extraordinário. Contribui ainda para esse facto a forma como este está regulamentado. Quando solicitado, pode o Instituto Nacional de Trabalho e Previdência autorizá-lo até ao limite de 125 horas, **em média**, por cada trabalhador da organização a quem são concedidas, e sem que ultrapasse, **particularmente** em relação a cada um, as 200 horas. É considerado, para efeito de contagem, o período de seis meses. Temos, pois, que num período de 180 dias um trabalhador pode ter que prestar, para além das horas normais de serviço, mais 200 horas de trabalho extraordinário, o que descontados os domingos e dias feriados dá prestação do mesmo na quase totalidade dos dias. Se, por outro lado, tivermos em atenção que ele, em médias por cada trabalhador da empresa, pode elevar-se a 125 horas, fàcilmente se concluirá que a grande maioria do pessoal estará abrangida por tal regime.

Compete, pois, a quem de direito remediar tal situação tendo em devida conta os interesses e as necessidades mais íntimas do trabalhador português. Que tempo disponível lhe é dado, isto é, tempo «seu», para as suas relações familiares e de amizade? Não será exagero dizer que, em alguns casos, marido e esposa não são mais do que os habitantes comuns do mesmo sono. E as relações entre pais e filhos, acaso existirão elas para além do passeio dominical? E aqueles que pretendem conseguir uma valorização pessoal, especialmente sob o ponto de vista intelectual, que possibilidades lhes são dadas? Depois de 9 ou 10 horas de trabalho, quantas vezes física e psìquicamente esgotante que mais pode desejar que não seja um «pesado» sono reparador? E com tal facto não serão as próprias empresas também prejudicadas? Certamente que não, se do trabalhador não se esperar algo mais do que um servil, mecânico e eficiente executante. E efectivamente é isto o que acontece em grande número de casos.

Além destes inconvenientes, há que referir aqueles que resultam da ideia incorrecta que se passa a ter, a partir de determinado momento, sobre o salário real. Quer da parte de quem o aufere, quer de quem o paga há como que a tendência para considerar não apenas o resultante da remuneração do tempo normal de trabalho mas desta acrescida da remuneração do tempo de trabalho suplementar prestado. E este lhe parecerá bem mais próximo do justo salário que deveria vigorar. Deste facto, resulta que o trabalhador se sentirá menos pressionado a reivindicar aumentos de salário, pois as suas necessidades acabam por diluir-se com o acréscimo proveniente do rendimento «extraordinário». Por sua vez, a entidade patronal sentir-se-á menos pressionada a conceder esses aumentos já porque considera razoável o que paga, já porque não sente qualquer perigo em não o fazer.

Outro inconveniente a referir é o que resulta directamente da própria limitação que representa para os quadros do pessoal a prestação de trabalho extraordinário para satisfação de necessidades de serviço normal. Por exemplo, num sector como o bancário em que a distribuição dos empregados pelas várias categorias é proporcional ao número de trabalhadores da empresa, a limitação dos seus quadros equivale a menores possibilidades de acesso para todos. Assim, a remuneração global que se aufere acabará por ser idêntica à que se deveria auferir através da promoção a categorias superiores, com a vantagem desta assentar sobre um tempo de trabalho limitado ao horário normal.

Vendo o problema, finalmente, dentro de uma perspectiva essencialmente nacional, quer-me parecer que, atendendo à alta percentagem de emigração verificada nestes últimos anos, a prestação do trabalho extraordinário não será uma medida capaz de favorecer a sua limitação. Tem a palavra, não os nossos empresários, que não deixariam de ver o problema, considerando exclusivamente os seus interesses imediatos, mas quem da conjuntura portuguesa terá de ter uma visão global.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE69/DSM

Faz-se público que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

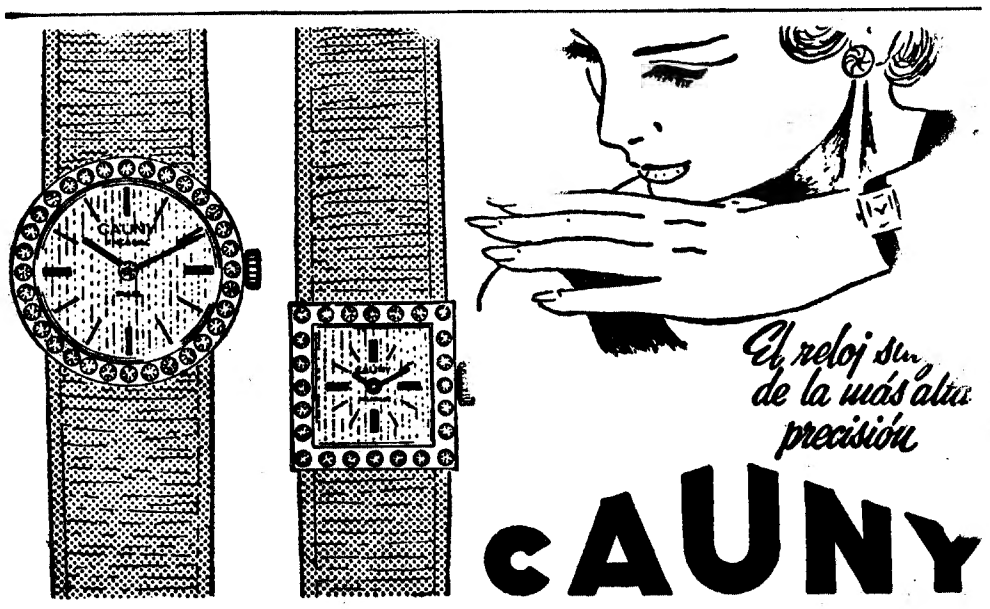
CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
6/7OPAE69	DIVERSAS FERRAMENTAS PARA COLECÇÕES E OFICINAS.	3% do valor da proposta	25 MAR 70	15 H 30
7/7OPAE69	MATÉRIAS-PRIMAS — MATERIAL DE CONSUMO CORRENTE.	4% do valor da proposta	23 MAR 70	15 H 30

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 9 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.

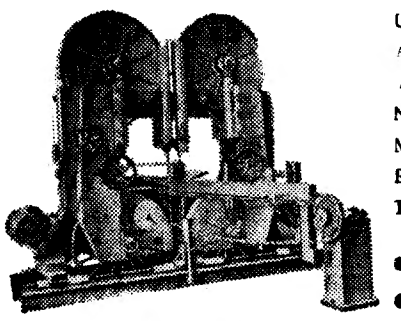
As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1970.

O Presidente da COMPAE69/DSM,
LUÍS BORGES RAMOS
Ten. Cor. Eng.º SM



«MIDA»



SERRA DUPLA
Mod. SD-11

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:
Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

Um instituto de Física-Matemática fora da Universidade?

Iniciámos no número anterior, com um depoimento do prof. J. Tiago de Oliveira, um inquérito acerca da criação e funcionamento do Instituto de Física-Matemática. Hoje publicamos o ponto de vista do prof. J. Sebastião e Silva. As perguntas formuladas são: 1 — Qual o programa e quando inicia as suas actividades o Instituto de Física-Matemática do Instituto de Alta Cultura? 2 — Parece-lhe oportuna a criação deste Instituto exteriormente à Universidade?

ESPEREMOS QUE ACABE POR TRIUNFAR O BOM-SENSO

Não é possível compreender o problema «Instituto de Física e Matemática» sem remontar a um passado infelizmente já distante. Na minha opinião e na de colegas meus, um dos factores que mais se opuseram ao arranque da investigação científica em Portugal, a partir dos anos 30, foi o desajustamento entre a estrutura progressiva do Instituto para a Alta Cultura e a estrutura retrógrada da Universidade. O I. A. C., então presidido pelo prof. Augusto Celestino da Costa, tinha enviado para o estrangeiro um número apreciável de bolseiros, em termos que revelavam grande largueza de vistas. Porém, ao regressarem ao País, esses jovens cientistas não encontraram um ambiente universitário propício á sua integração e ao seu útil aproveitamento. Em breve se gerou, assim, entre eles e os elementos conservadores da Universidade, um clima de incompreensão de hostilidade mesmo. Esperando que este choque de mentalidades viesse a atenuar-se com o tempo, o I. A. C. criou vários Centros de Estudos, concebidos como viveiros de investigadores e futuros docentes universitários. Ora o facto de alguns desses centros funcionarem junto de Faculdades (por falta de instalações próprias) mais contribuiu para criar atritos.

O caso que conheci de perto, por experiência pessoal (experiência durissima, diga-se de passagem), foi o do Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa, que começou a ser dirigido pelo prof. António Aniceto Monteiro. Este conhecido matemático português conseguiu, então, lançar uma série de iniciativas de grande alcance: criação das revistas «Portugaliae Mathematica» e «Gazeta de Matemática», fundação da Sociedade Portuguesa de Matemática, etc. Em particular, a «Portugaliae Mathematica» — a que o saudoso prof. Zaluar Nunes dedicou o melhor das suas energias — granjeou á ciência portuguesa um elevado prestígio nos meios matemáticos do mundo inteiro. Ora, foi precisamente o Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa um dos centros que mais sofreram os efeitos do referido ambiente de tensão. Houve, porventura, erros de uma parte e de outra (não se trata de aprofundar aqui o assunto); mas o que é triste é que daí tenha resultado o afastamento de matemáticos a quem o País tanto ficou a dever em realizações de carácter científico.

Creio, no entanto, poder afirmar que o I. A. C. tem mantido sensivelmente até hoje a sua política inicial. Em 1956, o ministro Leite Pinto procurou dar andamento a uma ideia que vinha já do prof. António Monteiro: a criação de um Instituto Nacional de Investigação Matemática. Este incluiria, agora, uma secção de cálculos automático, destinado a formar um escol de investigadores e técnicos no domínio da Informática. Uma comissão de professores a que pertenci redigiu, por incumbência do ministro, o projecto de um tal Instituto, inspirado em parte no Instituto de Matemática Pura e Aplicada do Brasil. Porém, apesar do entusiasmo desses professores, o projecto encalhou não sei onde nem porquê.

Há cerca de quatro anos, o então Presidente do I. A. C., Prof. António da Silveira, fez voltar á superfície esse projecto, que remodelou, transformando-o precisamente no projecto do Instituto de Física e Matemática. Com o apoio do Ministro Galvão Telles, o Prof. António da Silveira conseguiu ir bastante longe na execução material do novo projecto: próximo do Hospital Escolar encontra-se hoje um edifício de certa envergadura, no qual foram investidos alguns milhares de contos, destinado ao Instituto de Física e Matemática. Mas, logo de início, surgiram divergências quanto a este projecto: alguns professores sustentavam que tal Instituto deveria ser integrado na Faculdade de Ciências de Lisboa, enquanto outros achavam que o Instituto deveria ter antes carácter nacional, servindo todas as Universidades do País; outros ainda declaravam, se não estou em erro, que tal Instituto era contrário aos interesses da Universidade.

Pessoalmente, sou apologista de uma ampla autonomia pedagógica e administrativa da Universidade. Mas não confundirei autonomia com estrutura totalitária e absorvente, que vá coarctar a liberdade de iniciativas exteriores á Universidade. No caso concreto do I. F. M., não vejo inconveniente algum em que este seja incluído na Universidade, desde que se criem duas condições sine qua non: 1) instituição do regime obrigatório de tempo integral para os professores e assistentes que trabalharem no I. F. M.; 2) redução do serviço lectivo dos assistentes ao tempo normal em países evoluídos.

O essencial é que o I. F. M. comece a funcionar quanto antes — dentro ou fora da Universidade — mas com estatuto próprio e dirigido por pessoas idóneas. Vários bolseiros de Matemática e de Física que o I. A. C. e a Fundação Gulbenkian enviaram ao estrangeiro, e que ali têm trabalhado com bastante êxito (alguns vão em breve concluir doutoramento), perguntam, inquietos, o que há sobre o Instituto de Física e Matemática. Eles sabem que, nas condições actuais, o ingressar como assistente na F. C. L. implica um sério risco de liquidação científica, por falta de estrutura conveniente e pelos graves problemas que daí têm vindo a acumular-se. Aliás, o regulamento do I. F. M., na versão que conheço, prevê a possibilidade de os seus elementos não integrados na Universidade prestarem ali serviço docente compatível com a actividade de pesquisa. Mais ainda, segundo esse regulamento, o I. F. M. teria, além de várias divisões de Matemática e de Física, um serviço comum de Cálculo Automático. Note-se que as Universidades de Paris, Grenoble, Roma, Milão, Francforte, Estugarda, Lund, etc., possuem, há tempo já, computadores centrais de alta potência, que trabalham em regime de «time sharing» para várias instituições dos respectivos países. E, em breve, o Ministério de Educação de Espanha vai ter um computador do mesmo tipo, que importará em perto de cem mil contos, mas que lhe permitirá, além do mais, fazer economias consideráveis. A referida divergência de opiniões pessoais ameaça, ao que parece, manter em ponto morto o projecto do I. F. M. Esperemos que, nesta questão, acabe por triunfar o bom-senso — a bem da Universidade e da investigação científica em Portugal. ■

Prof. J. Sebastião e Silva

Prof. J. Sebastião e Silva

José Sebastião e Silva tem 55 anos, é professor catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa, director do Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa, sócio efectivo da Academia de Ciências de Lisboa, membro da Comissão Portuguesa da União Matemática Internacional e do Comité Executivo do «Groupement des Mathématiciens d'Expression Latine», consultor do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares e presidente da Comissão para a Modernização do Ensino da Matemática nos Liceus Portugueses. Prémio Artur Malheiros para as Ciências Matemáticas de 1955.

Tem participado em numerosos congressos e reuniões internacionais de Matemática e de Pedagogia da Matemática. Dirigiu, em 1964, um Simpósio Internacional em Lisboa, sobre a Teoria das Distribuições, promovido pela Fundação Gulbenkian em colaboração com a N. A. T. O. Por convite, tem realizado cursos e conferências nas Universidades de Roma, Barcelona, Oxford, Heidelberg e Maryland (como professor visitante nos Estados Unidos). Tem recebido frequentes convites de várias outras Universidades e instituições científicas estrangeiras.

A maior parte dos seus trabalhos de investigação versam sobre os seguintes ramos de Análise Funcional: teoria dos funcionais analíticos, teoria dos espaços localmente convexos, teoria das distribuições e cálculo simbólico. Estes trabalhos têm suscitado investigações em vários países estrangeiros, nomeadamente: França, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Rússia, Japão, Itália, Bélgica, Brasil e Argentina.

O conteúdo de vários desses trabalhos encontra-se descrito não só em tratados, mas ainda em enciclopédias, tais como «Mathematiikes Wörterbuch» e a publicação «Progress in Mathematics» da Academia de Ciências da U. R. S. S. (tradução inglesa).

Nos trabalhos «Funções analíticas e análise funcional» (tese de doutoramento), «Sulla Teoria dei funzionali analitici», etc., remodelou e desenvolveu a teoria dos funcionais analíticos de Luigi Fantappiè.

Nos trabalhos «Sur une construction axiomatique des distributions», «Sur la définition et la structure des distributions vectorielles», «Integrals and orders of growth of distributions», etc., deu nova forma e novos rumos à teoria das distribuições, fundada em 1945 por Laurent Schwartz.

Nos trabalhos «Les fonctions analytiques comme ultradistributions dans le calcul opérationnel», «Les séries de multipôles des physiciens et la théorie des ultradistributions», etc., apresenta uma generalização da teoria das distribuições com aplicações às equações diferenciais parciais e à Física.

Nos trabalhos «Le calcul opérationnel au point de vue des distributions», «Sur le calcul symbolique d'opérateurs permutables à spectre vide ou non borné», etc., aplica resultados anteriores ao desenvolvimento do cálculo simbólico.

Com os trabalhos «Le calcul différentiel et intégral dans les espaces localement convexes» e «Conceitos de função diferenciável em espaços localmente convexos» (Prémio Artur Malheiros) abriu uma nova linha de investigação com largas repercussões no estrangeiro.

O seu trabalho «Su certe classi di spazi localmente convessi importanti per le applicazioni» introduz uma categoria de espaços localmente convexos, conhecidos hoje por «espaços de Silva».

Tem feito também investigação em outros domínios. O seu trabalho «Sur une méthode d'approximation semblable à celles de Gräffe» deu origem a um método de resolução numérica de equações algébricas, adaptado ao cálculo automático pelo prof. Enzo Aparo, no «Instituto per le Applicazioni del Calcolo», de Roma. Por sua vez, o seu trabalho Sugli automorfismi di un sistema matemático qualunque», publicado em Roma, em 1945, relaciona-mando a *teoria geral de Galois* com a *teoria da definição* (no campo da lógica matemática), tem tido, ùltimamente, várias repercussões no estrangeiro, graças ao desenvolvimento da *teoria dos modelos*.

É, ainda, autor de numerosas resenhas críticas nas revistas «Mathematical Reviews» e «Zentralblatt für Mathematik».

Tem, além disso, publicado vários artigos sobre pedagogia e metodologia da Matemática, e obras didácticas, algumas das quais referentes à modernização do ensino da matemática nos liceus portugueses.

Como director do Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa, tem promovido a formação de investigadores e docentes universitários, a vinda de matemáticos estrangeiros a Portugal e outras formas de intercâmbio científico.

De jornalista a chefe da diplomacia francesa

Por ocasião do 25.º aniversário da Franco-British Society, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Maurice Schumann, visitou a capital britânica. Após o discurso do alto representante do Eliseu, respondeu-lhe o chefe do Foreing-Office, Michael Stewart, o qual lembrou uma faceta algo esquecida do actual chefe da diplomacia francesa: a de homem da Informação: «Nem o sr. nem a sr.ª Schumann são desconhecidos em Londres» — afirmou o ministro Stewart. «E se houvesse o risco de o esquecer, aí temos, para no-lo lembrar, o facto de exactamente em frente da residência do Foreign Secretary, no n.º 1 da Carlton Gardens, do outro lado da rua, se encontrar o imóvel de onde se erguia a voz intrépida da França durante a guerra. E M. Schumann tornou-se então célebre como jornalista de rádio e porta-voz do general de Gaulle.»

SALDOS

CASACOS E BLUSÕES EM CABEDAL E CAMURÇA
PARA HOMEM E SENHORA. PRODUÇÃO DA NOSSA FÁBRICA.

E UM GRANDE SORTIDO EM GABARDINES E SOBRETUDOS E DIVERSOS MODELOS DE AGASALHOS TUDO DA ESTAÇÃO CORRENTE

VERÍSSIMOS — Av. Guerra Junqueiro, 8-C.

A SITUAÇÃO NO MÉDIO ORIENTE

Apelo americano a Tito

Dois membros dos comandos árabes com os embaixadores egípcio e sírio na Grécia, durante breve passagem na capital helénica

O secretário de Estado norte-americano, William Rogers, indicou claramente ao presidente Tito, em Addis Abeba, que os E. U. A. acolheriam favoràvelmente toda a iniciativa que ele pudesse tomar para pôr termo à crise do Médio Oriente.

Circunstâncias inabituais levaram o secretário de Estado americano e o dirigente jugoslavo a reunir-se no palácio do imperador etíope, Hailé Selassié. A conversação durou 75 minutos.

Os caminhos de ambos cruzaram-se durante a viagem africana que os dois homens de Estado faziam, cada um, por seu lado. Foi por iniciativa dos E. U. A. que a discussão sobre o Médio Oriente se realizou.

Quando saiu do palácio imperial, Rogers descreveu a sua reunião com Tito — com quem se avistou pela primeira vez — como «muito útil».

O presidente Tito dirigir-se-á ao Cairo, entre 23 e 25 de Fevereiro, para se avistar aí com o seu velho amigo presidente Nasser e os E. U. A. esperam vê-lo desempenhar o papel de intermediário construtivo no conflito israelo-arábe.

De fontes bem informadas, parece que Tito nada prometeu a Rogers e nem outra coisa se esperava. Tito é um neutralista convicto e certamente evitaria colocar-se na posição de servir de intermediário a pedido dos E. U. A.

Os americanos esperam, de facto, que Tito possa achar desejável ser ele a ter um papel construtivo na crise.

A Administração Nixon aproveitou a ocasião da presença de Tito na Etiópia simultânea com a de Rogers para tentar, através deste, dar a Tito uma visão mais clara da posição americana quanto a uma solução da crise árabe-israelita.

Tito poderia assim transmitir a posição americana a Nasser quando se deslocasse ao Cairo.

A título privado, os americanos admitem que isto constituirá talvez uma «espadeirada na água». Mas Nixon pensou que devia tentar-se a experiência, se mais não fosse porque Tito tem oportunidade de contactar de perto com Nasser, o que não está nas possibilidades de Washington. Recorde-se que o Cairo e Washington cortaram as relações diplomáticas em 1967.

Num jantar oficial oferecido em honra de Tito na Etiópia, o presidente jugoslavo declarou que «a situação no Médio Oriente era cada vez mais tensa» e atribuiu as culpas a Israel. Segundo ele «a situação deteriora-se, dia a dia, porque Israel recusa fazer a paz».

Tito fez também críticas contra a política americana no Vietnam declarando que a posição internacional dos E. U. A. poderia sofrer bastante por causa de uma «guerra que continua com grande violência».

O imperador Hailé Selassié recebeu Rogers, durante 15 minutos, antes de este se ir encontrar com Tito.

Depois da sua breve audiência com o imperador, Rogers subiu ao andar de cima para ir ao encontro de Tito. Apertou-lhe a mão e disse: «Sr. presidente, tenho um grande prazer em o encontrar.»

Segundo o informador do Departamento de Estado, Robert McCloskey, os dois homens falaram «de questões bilaterais e de questões internacionais, incluindo o Médio Oriente». Falaram, além disso, das viagens que ambos estavam a fazer à África e da intenção que a Jugoslávia tinha de ratificar o tratado de não proliferação nuclear.

Os funcionários americanos recusaram-se a confirmar se Rogers tinha pedido a Tito que intercedesse junto de Nasser quando se deslocasse ao Cairo. Mas admitiram que os dois interlocutores tinham exprimido a sua inquietação perante a crescente tensão naquela zona

MURREY MARDER

(Exclusivo «The Washington Post»-«Diário de Lisboa»)

Espanha: porta aberta aos investimentos americanos

Os investimentos americanos (com participação superior a 50 %) passaram de 497 milhões de pesetas, de Janeiro a Junho de 1968, para 975.9 milhões no mesmo período do ano passado. Este aumento representa um salto de 97 %, enquanto o valor global *dos investimentos estrangeiros maioritários* tinha aumentado 81 % por cento em relação ao mesmo período de 1968.

O comissariado do Plano de Desenvolvimento forneceu o seguinte quadro-síntece:

INVESTIMENTOS MAIORITÁRIOS EM ESPANHA
(Em milhões de pesetas)

	Jan.-Jun. de 1968	%	*Jan.-Jun. de 1969*	%
País de origem				
Total	*1 622,5*		*2 938,0*	
Estados Unidos	497,0	30,64	975,9	33,26
Canadá	—	—	657,5	22,37
Finlândia	—	—	267,0	9,07
Suíça	421,7	25,96	226,0	7,69
Alemanha Ocidental	219,8	13,55	183,2	6,23
Grã-Bretanha	62,9	3,88	152,7	5,25
Itália	34,3	2,12	116,3	3,97
Holanda	246,7	15,20	101,3	3,45
França	42,8	2,64	100,9	3,43
Liechtenstein	24,0	1,48	58,4	1,98
Bélgica	21,0	1,29	42,1	1,43
Suécia	6,5	0,40	21,4	0,73
Sectores de actividade				
Total	*1 622,5*		*2 938,0*	
Indústria química	331,8	20,46	1 315,2	44,76
Equipamento eléctrico	206,5	12,73	279,3	9,50
Indústria do papel	47,5	2,93	267,0	9,08
Ind. de transformação de metais	299,1	18,44	234,6	7,98
Indústria alimentar	499,5	30,79	196,0	6,67
Serviços	—	—	175,6	5,97
Comércio por grosso e a retalho	78,5	4,86	164,7	5,69
Indústria têxtil	45,0	2,77	86,6	2,94
Construção de máquinas	24,0	1,48	70,5	2,40

Note-se, entretanto:

1 — Os investimentos norte-americanos maioritários aumentaram em 6,8 milhões de dólares, orientando-se em proporção apreciável para a indústria química (44,76 por cento dos investimentos).

2 — A indústria alimentar desceu de 30,7 % do total dos investimentos estrangeiros maioritários para 6,67 por cento, o que corresponde a uma significativa mudança na política deste tipo de investimentos.

3 — Os alemães ocupam efectivamente a segunda posição, dado que os investimentos do Canadá corrspondem a investimentos na Bayer espanhola, através de Bayer Canadiana.

4 — Os investimentos maioritários provenientes da Suíça ou do Liechtenstein são, em ultima análise, investimentos norte-americanos ou alemães.

5 — A posição da Finlândia provém de investimento a cem por cento numa unica empresa da industria de papel.

espelho da imprensa

Tempo perdido

«Percorrendo os relatos que dão conta das intervenções de membros do Governo, a começar no seu Chefe, parlamentares e altos funcionários, colhe-se a sensação do tempo perdido e das oportunidades desperdiçadas. Os discursos do ministro da Educação Nacional, especialmente aquele que proferiu, no acto de posse, e do novo director do Instituto Superior Técnico, ao ser empossado nesse cargo, mostram que a Universidade exige reforma drástica e urgente. O primeiro declarou que «o sistema universitário vigente atingiu o ponto de rotura» e acrescentou que «não quer assistir, como principal responsável, à sua total desagregação»; o segundo afirmou que «o ensino técnico superior é regido pelos esquemas da legislação do Governo Provisório» os quais datam de 1911.

Ao falar na Assembleia Nacional, entre outros o deputado Camilo de Mendonça descreveu a situação da agricultura e classificou-a de «dramática e desesperante». Com competência reconhecida, diagnosticou males e preconizou remédios aconselháveis. Nos casos da Universidade e da agricultura, o País foi informado que está em situação de emergência à qual urge obviar com profundas reformas das estruturas universitária e agrária, de orientação e de pessoal. O novo director do Instituto Superior Técnico referiu-se ao imobilismo anquilosante» que paralisa o ensino técnico superior.

É, porém, no capítulo do corporativismo que os reparos formulados se revestem de maior relevância. Por três vezes desde que assumiu as suas funções em 10 de Outubro e 6 de Novembro de 1968 e 22 de Maio de 1969, o Chefe do Governo manifestou insatisfação pelo funcionamento do sistema que, segundo a sua versão, padece de defeito, assim definido: «Antes de ser criado o Ministério das Corporações, manifestei-me pùblicamente, em sentido contrário, com o argumento de que num Estado Corporativo todos os Ministérios têm de ser das Corporações».

(«O Século», de 16-2-70).

DL MESA REDONDA